

3a

M

4

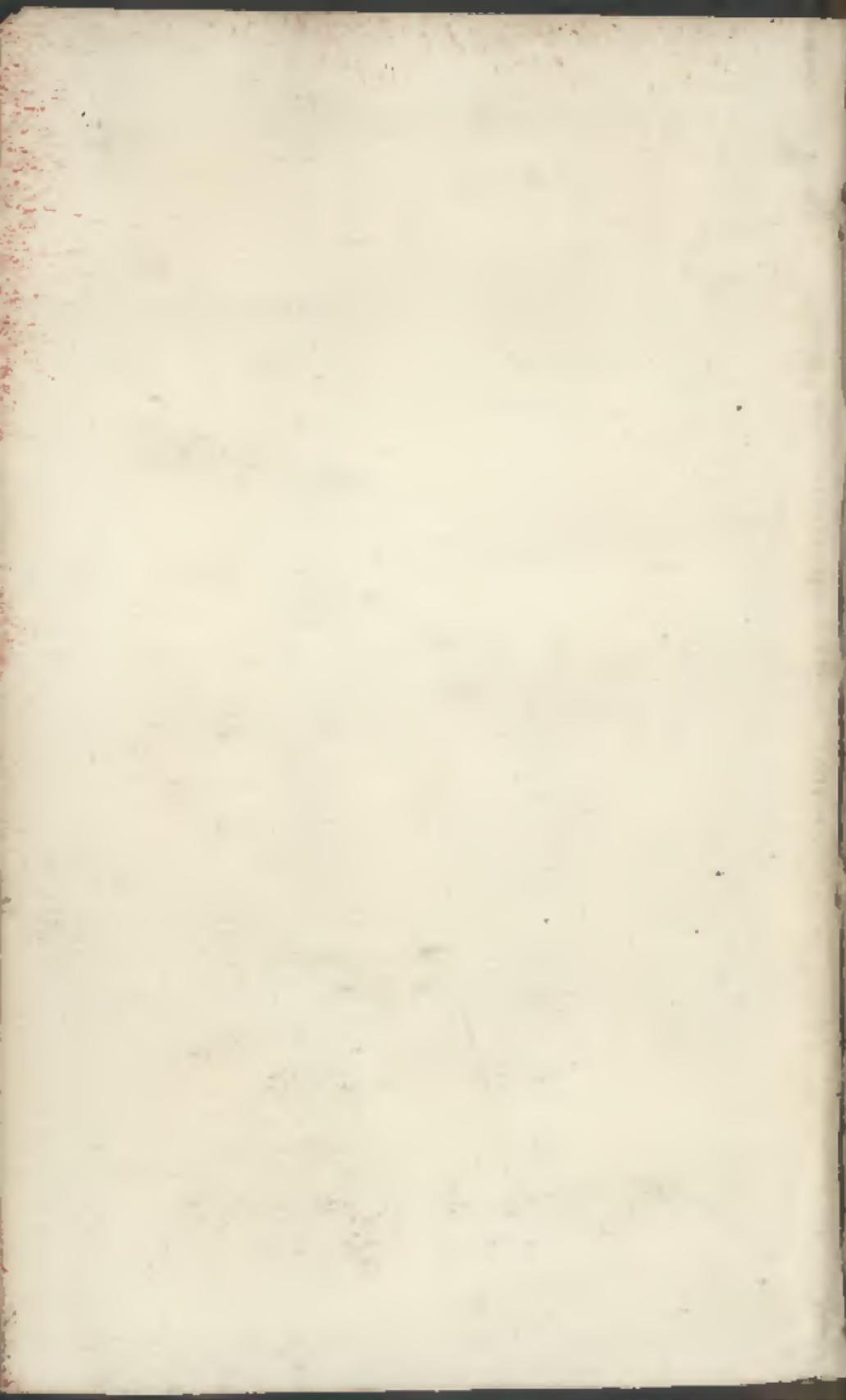
21

12.113

Conte

H. J.
1213





V I D A
D E
D. P A U L O
D E L I M A P E R E I R A



CAPITAN MÓR DE ARMADAS
do Estado da India, onde por seu valor, e esforço
nas batalhas de mar, e terra, de que sempre
conseguiu gloriosas vitorias, foy chamado

O
HERCULES PORTUGUEZ.

A U T H O R

D I O G O D O C O U T O

*Chronista, e Guarda móv da Torre do
Tombo do Estado da India, bem co-
nhecido por suas Décadas.*

COM HUMA DESCRIPCAÕ,
que de novo deixou feita o mesmo Au-
thor desde a Terra dos fumos até o
Cabo das Correntes, para muitos
util, e para todos grata.

L I S B O A :

Na Officina de Jozé Filippe, 1765.

Com as licenças necessarias.



THE

LIBRARY

OF THE

UNIVERSITY OF

CHICAGO

1880

1880

1880

1880

I N D E X

DOS CAPITULOS,

Que contém este livro.

- C**AP. I. Quem era D. Paulo de Lima Pereira, e em que anno se embarcou para a India. 1
- II. Do que aconteceu a esta não Santa Maria da Barca na viagem até chegar a Goa. 8
- III. Embarca-se D. Paulo de Lima para o Malabar com Luis de Mello da Sylva, e acha-se na destruição da Cidade Magalor. 17
- IV. Acha-se D. Paulo de Lima na tomada de hum Armada do Camorê, de que era Capitão hum Rume chamado o do Rabo. 25
- V. Chega D. Paulo de Lima a Goa com Luis de Mello, e embarcando-se outra vez com elle para Cananor, acha-se em hum

- grande , e temerosa batalha. 35
- VI. D. Paulo de Lima Capitaõ de
huma galé para o Malabar. 46
- VII. D. Paulo de Lima Capitaõ de
huma galeota com o Viso-Rey ,
e do successo desta jornada. 51
- VIII. Acha-se D. Paulo de Lima
nas vistas , que o Conde de Re-
dondo teve com o Camorã. 65
- IX. D. Paulo de Lima vay por
Capitaõ mór de alguns navios
para a costa do Malabar, encon-
tra-se com o Cossario Canatale ,
õ da batalha ficou destroçado. 74
- X. D. Paulo de Lima vay por Ca-
pitaõ mór de huma Armada pa-
ra o Norte, e acha-se na destrui-
ção de Collé, e Sarfeta. 87
- XI. D. Paulo de Lima vay por
Capitaõ de huma galeota duas
vezes , huma em companhia de
D. Luis Dataide a tomar a For-
taleza de Barcellor. 94
- XII. D. Paulo de Lima Capitaõ
de

- de huma galeota em companhia
do Vifo-Rey D. Antonio de No-
ronha do soccorro a Dámaõ. 100
- XIII. De hum omizio , que succe-
deo a D. Paulo , e retirando-se
para Ormuz , se casou alli. 118
- XIV. D. Paulo de Lima Capitaõ de
dez navios ao Norte, e entra em
Dabul, onde pelejou com ou-
tros dez de inimigos , que des-
baratou, e queimou muitas po-
voações pelo rio dentro. 125
- XV. Cabe a D. Paulo de Lima en-
trar na Fortaleza de Chaul : no
caminho toma hum paró de Ma-
labares. 144
- XVI. D. Paulo de Lima he eleito
para ir soccorrer a Fortaleza de
Malaca , que o Rey de Ujanta-
na tinha de cerco. 146
- XVII. Do que mais se passou. 152
- XVIII. Dos successos desta Arma-
da de D. Paulo de Lima até a
costa do Achem. 166

XIX.

- XIX. Do que mais aconteceu á Armada de D. Paulo de Lima até chegar a Malaca. 175
- XX. Do que neste tempo aconteceu em Malaca, e como Simão Dabreu com os navios de remo da companhia de D. Paulo foraõ para Jor, e D. Antonio de Noronha desembarcou em terra, e ganhou o Forte da praya. 184
- XXI. D. Antonio de Noronha intenta cometer a Cidade, e sendo contrariado dos Capitães da companhia de D. Paulo, desembarca, e do q̃ lhe aconteceo. 197
- XXII. D. Antonio de Noronha desembarca em Jor, acompanhão-no os Capitães de D. Paulo de Lima, e do que lhes succedeo na desembarcação. 204
- XXIII. De como chegou a Jor D. Paulo de Lima, e do conselho que tomou sobre a desembarcação, e do sitio, e fortificação da

da Cidade de Jor. 215

XXIV. Quem era este Rajale Rey de Jor., e do sitio em que esta Cidade está. 219.

XXV. De como os nossos desembarcarão na Cidade de Jor, e a cometerão, e de como a entraraõ, e da espantosa, e duvidosa batalha, que dentro nella tiveraõ com os inimigos, e dos casos, que nella succederaõ. 228

XXVI. Do que aconteceu a D. Paulo de Lima dentro na Cidade até a destruir de todo. 246.

XXVII. De como os nossos ganharaõ o Forte do Cotobato. 256

XXVIII. Do mais que succedeo a D. Paulo de Lima té chegar ao terreiro dos Paços d'El Rey. 267

XXIX. Do que succedeo a D. Joaõ Pereira pela parte, em que entrou, e do mais que fez o Capitãõ mór. 272

XXX. Como se arrematou a victoria

toria , e se destruiu , e assolou a
Cidade toda , e dos despojos
que nella se tomaraõ , e dos mor-
tos , e cativos de ambas as par-
tes, e do modo que D. Paulo foy
recebido em Malaca. 276

XXXI. Do que D. Paulo de Lima
fez em Malaca , e mandou seu
irmaõ D. Pedro de Lima ao es-
treito de Sincapura dar guarda
aos juncos , e do que mais suc-
cedeo a D. Paulo em Ceilaõ , e
até chegar a Goa. 290

XXXII. De como D. Paulo de Li-
ma se embarcou para o Reyno
na não S. Thomé , e dos gran-
des , e piadosos trabalhos , que
passaraõ até vista de terra. 305

XXXIII. Do mais que passou até
a gente da não se recolher ao ba-
tel , por verem a não que se hia
apique ao fundo. 318

XXXIV. Do que succedeo aos do
batel até q̃ chegaraõ a terra. 327

XXXV.

XXXV. Em que se descreve esta parte da Cafraria, em que este batel encalhou, até o Cabo das Correntes, e dos Reys, e Senhores, que ha perto desta parte. 342

XXXVI. Do que aconteceu á gente da perdição no caminho até chegarem ao rio de Lourenço Marques. 356

XXXVII. Como os da Ilha se começaram a querer passar á outra banda, e dos novos trabalhos, que passaraõ, e em que se vi- raõ. 372

XXXVIII. Do que aconteceu á gente desta almadia até tornarem por D. Paulo de Lima. 380

XXXIX. Do que aconteceu á gente da outra embarcação, em que hia o Capitaõ Esteuaõ da Veiga, até chegarem á Fortaleza de Cofalla. 394

XXXX. Do que succedeo aos perdidos,

didos, depois que se partiraõ
do Reyno do Panda. 405

XXXI. Do que fizeraõ os per-
didos, que ficaraõ na Ilha do
Inhaca, e da muito piadosa mor-
te de D. Paulo de Lima, e do
que mais aconteceu a Estevaõ
da Veiga. 414

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

POde-se imprimir a obra, de que se trata; e depois voltará conferida para se dar licença, que corra, e sem ella não correrá. Lisboa 23. de Julho de 1765.

Trigozo. Carvalho. Mello. Thor.

DO ORDINARIO.

CENSURA DO M. R. DIOGO

Barbosa Machado Abade de Sever, Academico, e Censor da Academia Real, e da Liturgica, &c. &c.

EXC.^{mo} E REV.^{mo} SENHOR.

ESta Historia he duplicadamente acrédora de se immortalizar

talizar nos Fastos da Postèridade pelo beneficio da luz publica , naõ sómente por ser glorioso assumpto della o invencivel D. Paulo de Lima Pereira, como por ser seu Author o grande Diogo do Couto , devendo Portugal á espada de hum, como á penna do outro agradecidas memorias , e eternos elogios. Naõ pedia menor Curcio aquelle Alexandre ; que superior ao Macedonico, teve como elle por theatro das suas façanhas o Oriente, onde lhe sepultou toda a gloria, que com profundo silencio adorou o Mundo. Desde a primeira idade aspirou a coroar-se com vitorias , e triunfos , e estimulado de taõ generosos espiritos reprezentou a seu Pay , que na lição das Chronicas Portuguezas , e Historia da India Oriental achara que seus Avós tinham obrado espantosas façanhas em obsequio da Patria , e lhe parecia

cia degenerar de seu filho em os
naõ imitar, e sendo certo que ti-
nha braço para empunhar a espa-
da, brio para defender a honra, e
espíritos para conservar o claro no-
me dos *Limas*, de que eraõ eternos
pregoeiros os Fastos Orientaes.
Conhecendo o Pay que nelle tinha
gerado hum Heróe, promptamente
deferio a taõ honrada supplica.
Partio para o Oriente, onde seguin-
do os bellicosos vestigios daquelles
animados rayos de Marte os Cu-
nhas, Albuquerque, e Castros, em
breve tempo lhes podia servir de
exemplar. Naõ dependia do tem-
po a celeridade com que se coro-
ou vitorioso, já na redução das
Fortalezas de Onor, e Barcellor;
já nas duplicadas vitorias dos Ma-
labares em Dabul, e Mangalor;
já no triunfo dos Reys de Collé,
e Sarcetas na Fortaleza de Assari;
sendo a ultima coroa dos seus bel-
licos

licos trabalhos a conquista da Cidade de Jor presidida de oito mil soldados, e soccorrida por tres Principes authorizadas testemunhas do seu heroico valor, que mereceo ser publicado pelas bocas de mais de mil peças de artilharia de bronze, que forão parte do despojo. Voltando para a Patria a receber o premio a taõ altos merecimentos, conjurada a fortuna adversa contra elle, permittio que naufragante finalizasse a vida na costa da Cafraría digna de fim mais glorioso, quando contava cincoenta e hum annos de idade, e muitos seculos de gloria. Para eterno monumento de Varaõ taõ eminente publique-se esta Historia, em que se relataõ as suas heroicas proezas, principalmente, quando não contém clausula alguma, que offenda a pureza da Fé, e a obervancia dos bons costumes. Este

he o meu parecer, que será judi-
cioso se merecer o beneplacito de
V. Exellencia. Lisboa o 1. de Agos-
to de 1765.

Diogo Barbosa Machado.

Vista a informação, pôde-se
imprimir o livro, de que
se trata; e depois torne para se
dar licença para correr. Lisboa 4.
de Agosto de 1765.

D. J. A. de Lac.

DO

D O P, A C O.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, taixar, e dar licença que corra. Lisboa 4. de Março de 1761.

Com cinco Rubricas.

DO SANTO OFFICIO.

Po'de correr. Lisboa 29. de Outubro de 1765.

Com quatro Rubricas.

DO ORDINARIO.

Po'de correr. Lisboa 30. de Outubro de 1765.

D. J. A. de Lac.

D O P A C, O.

Que possa correr, e taxaõ em trezentos reis em papel. Lisboa 31. de Outubro de 1765.

Com cinco Rubricas.

2 *Vida de D. Paulo*

tos annos , no qual alcançou sempre grandes , e famosas victorias , pelas quaes lhe pudéra eu pôr algum sobrenome grande ; mas contento-me de lhe dar o de venturozo Capitão , que he o mais alevantado , e o que os Romaões sobre todos estimavaõ ; porque não buscavaõ para Consules , e Dictadores , senão os que tinhaõ este dom da natureza. Direy sua vida toda , e sua morte ; porque em fim veo acabar em huma piedosa tragedia , que se porá aos olhos de todos para se recearem dos revezes da fortuna , e escarneos do Mundo , porque não íey quem sahisse de suas mãos livre delles. Este Capitão , seja D. Paulo de Lima Pereira , a quem a natureza deo as partes , que logo direy , e assim como o Mundo lhe meteo nas mãos occasiões

de grandes honras, de que se elle soube aproveitar com grande valor; assim lhe deo outras de grandes desgostos, trabalhos, perseguições, e por fim morte muito para lastimar.

Nasceo este Fidalgo a cinco de Dezembro de mil e quinhentos e trinta e oito. Foy filho natural de D. Antonio de Lima Alcaide mór de Guimarães, e de Anna de Souza, huma mulher muito nobre, e com quem elle desejou casar, por fazer legitimo hum filho tão honrado; tanto que começou a mostrar, que merecia bem ser filho de tão illustre pay: mas deixou de o fazer por huma certa occasião, e depois casou com D. Maria de Vilhena, filha de Christovão de Mello, e de D. Anna da Sylva, da qual houve D. Anna de Lima Pereira, que hoje he casada com

4 *Vida de D. Paulo*

D. Antonio de Ataide, neto de outro D. Antonio de Ataide, primeiro Conde da Castanheira, o grande Privado d'ElRey D. Joaõ o III. Criou-se D. Paulo de Lima em casa de seu pay, como seu filho, e como teve idade, começou a aprender as primeiras letras, e veo a ser taõ bom Latino, que podia julgar dentre estitos, e estilo. E porque, como dizem, as letras naõ embo- taõ a lança, aprendeo juntamente as armas, em que sahio bem exercitado. Era este Fidalgo dotado de muitas partes da natureza, muito gentilhomem, e bem disposto, avifado, de muito bom conselho depois de ter discurso da guerra, e taõ animoso, que nunca se lhe enxergou medo algum, achando-se em muitos trances, onde outros muitos, em que nunca se

de Lima Pereira. 5

se descobrio, o mostraraõ bẽm.
Sendo de dezoito annos de idade, to negociou seu pay para passar á India a servir ElRey, e se embarcou na Armada, de que veo por Capitaõ mór D. Luis Fernandes de Vasconcellos, filho do Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes, na sua propria não chamada Santa Maria da Barca, na qual se embarcaraõ muitos Fidalgos, e dos que me lembra são os seguintes. Luis de Mello da Sylva, o que se perdeu no Marinho, filho de Ruy de Mello o velho, com quem este D. Paulo tinha algum parentesco, e em quanto foy soldado se agazalhou com elle: D. Pedro de Almeida, que trazia a Capitania de Baçaim, que servio, e depois a de Damaõ; D. Felipe de Menezes, irmão de D. Joã Tello de

6 *Vida de D. Paulo*

de Menezes, hum dos Governadores, que foraõ do Reyno por morte do Cardeal D. Henrique; Nuno de Mendonça, Henrique de Mendonça seu irmaõ, Hieronymo Correa Baharem, Henrique Moniz Barreto, filho de hũ irmaõ de Antonio Moniz Barreto, que foy General da India, e outros Fidalgos.

Esta não estando no rio abriu huma grossa agoa, de que chegou a ter quatorze palmos, e desconfiados de se lhe poder tomar, se fizeraõ as outras náos de sua companhia á véla, as quaes eraõ quatro: Santo Antonio Capitão Cid de Souza, d'Assumpção Braz da Sylva, da Framenga Antonio Mendes de Castro, e da Aguia Joaõ Rodrigues Salema de Carvalho; e destas Assumpção, e Santo Antonio chegaraõ a Goa, e as outras duas huma ficou in-

vernando em Moçambique, e outra em Milinde. Este anno se houve por assinalado, assim pela morte do nosso bom Rey D. João o III, que falleceu depois da partida das naos em onze de Junho, dia de S. Bernabé, em idade de cincoenta e cinco annos, tendo reinado trinta e cinco, como pela morte do Emperador Carlos V. da gloriosa memoria, que falleceu em Outubro seguinte em idade de cincoenta e oito annos e sete mezes; e assim quasi em hum mesmo tempo se eclipsaraõ ao Mundo estas duas Luminariás, que o allumiavaõ.

CAPITULO II.

*Do que aconteceu a esta não Santa
Maria da Barca na viagem até
chegar a Goa.*

PArtidas as outras náos de Lisboa, como disse, ficou a Capitania no rio, e para lhe tomarem a agoa se despejou, e resolveo toda, para verem se lhe achavaõ por onde a fazia. Na gente do mar da Cidade de Lisboa assim a que acostumava a ver a India, como os pescadores de Alfama começou háver grandes borboínhas, e affirmavaõ que Deos queria castigar o Capitão mór, por o Arcebispo seu pay lhe ter aquelle mesmo anno defezo aquellas grandes, e antiguas festas, que faziaõ a S. Fr. Pedro Gonçalves
em

de Lima Pereira. 9.

em seu dia, em cuja vespera acostumavaõ os pescadores todos vestirem-se de melhores roupas, que tinhaõ, com muitas cadêas douro, muitos tangeres, e bai-les, e cargo de fogallas levavaõ o Santo ás hortas de Xabregas, onde passavaõ aquella tarde em grandes folguedos, e se recolhiaõ todos coroados de coentros ver- des, e cingidos com muitas ca- pellas, e assim ao mesmo Santo, e o tornavaõ á Igreja. E por pa- recer isto superstição gentilica, a mandou o Arcebispo defender, do que os pescadores andavaõ pasmados; e succedendo o caso de fazer agoa a não de seu filho D. Luis, diziaõ publicamente que fora castigo de Deos, que por intercessão do Santo lhe viera, por lhe vedar suas antigas cere- monias.

E por-

E porque me não lembro ver escrito esta veneração, que tem a este Santo, e de como tem quasi por fé, que algumas exhalções que apparecem nas náos em tempos tormentozos, que he o mesmo Santo, que naquelles trabalhos os vem visitar, e consolar, direy aqui alguma couza disto. E assim tanto que acertaõ de ver aquellas exhalções, que parecem lumes pequenos, acodem todos com grandes festas, e gritas ao salvar, e em vozes altas o acclamaõ todos, dizendo: *Salva, salva, ó Corpo Santo*; e affirmãõ que quando lhe apparece nas partes altas, e duas, tres, ou mais daquellas exhalções, que he final que lhe dá de bonança; mas se apparece huma só, e pelas partes baixas, que denuncia naufragio. E taõ crentes, e firmes
estaõ

estão nisto, que quando aquellas exhalações apparecem sobre os mastaréos, sobem os marinheiros acima, e affirmão que achão pingos de cera verde. Mas elles os não trazem, nem os mostraõ; ao menos nós os não vimos nunca, passando algumas vezes esta carreira. E se os Religiosos, que vem na não, lhe queren ir á mão, e a dar rezões para lhes mostrar, que aquillo são exhalações, dando-lhes as causas naturaes, por que se geraõ, não lhes falta mais, que tomarem ás armas, e alevantarem-se contra quem lhe contradisser aquella sua fé, que por tal a tem. A festa deste Santo se faz, e celebra nas Outayas da Pascoa, e aquellê dia he o de maior triumpho de todos os pescadores, que todos os do Mundo, e em que elles fazem mores gastos, e despe-

despezas, que em todos.

Esta pequena luz, que estes mariantes Portuguezes veneraõ em nome do Santo Fr. Pedro Gonçalves, e os Estrangeiros no de S. Telmo, he taõ antiga sua veneraçãõ, que ja em tempo dos Gregos se celebrava. Porque segundo muitos Autores seus contaõ, quando aquelles famolos Argonautas hiaõ na demanda do Velocino de ouro, em huma grande tormenta que tiveraõ no mar, appareceo aquella luz sobre a cabeça de Castor, e Poluz, e que logo lhe cessára aquella tormenta; o que moveo aos homens a terem estes dous irmãos em tanta veneraçãõ, que os contaraõ no numero dos deoses. E assim Plinio no segundo livro da Natural Historia, fallandõ desta luz, affirma que se vira muitas vezes nas pontas

tas das lanças dos soldados em os exercitos, e que o mesmo apparecia em as náos, e lhe chama-vaõ *Stella Castoris*, porque appareceo sobre a cabeça de Castor, como acima dissemos. E tornando aos nossos mariantes, quando viraõ que só a náo do filho do Arcebispo deixára de fazer viagem, creraõ que o Santo se quizeria satisfazer nillo da offensa, que o Arcebispo lhe fizera, em lhe defender suas taõ antiguas festas, e assim o affirmaraõ ao mesmo Arcebispo; o qual vendo tamanha fé, e devaçãõ, movido daquelle zelo lha tornou a conceder.

Depois que se achou a agoa, porque nas voltas que lhe deraõ foy hum marinheiro dar com hum furo de hum prego na quilha, que estava destapado; porque por descuido

cuido deixaraõ os calefates de
lhe pôr prego, e quando a brea-
raõ se tapou o buraco, e por al-
li fazia aquella agoa. E permit-
tio Deos Nosso Senhor, porque
aquella não se não perdesse á ida,
fizesse no porto aquella agoa;
porque se fora no mar, nenhum
remedio tinha. Em fim a agoa
foy tomada com grande alvoro-
ço, e tornou a carregar; porque
disseraõ os officiaes que ainda ti-
nha tempo, e que quando não
pudesse passar á India, ficaria in-
vernando em Moçambique; e af-
fim deo á véla a dous dias do
mez de Mayo, e foraõ seguindo
sua derrota, e na costa de Guiné
acharaõ tantas calmarias, que os
deteve setenta dias, e tomando
parecer sobre o que fariaõ, af-
sentaraõ que fossem a invernar
ao Brasil, porque era muito tar-
de;

de; e logo se fizeraõ na volta da Bahia de todos os Santos, aonde chegaraõ a quatorze de Agosto vespera de Nossa Senhora.

D. Duarte da Costa, que alli estava por Governador, foy logo desembarcar o Capitaõ mór, e os Fidalgos, que hiaõ na náõ, que eraõ: Luis de Mello da Sylva, D. Pedro de Almeida despachado com a Capitania de Ballar, D. Felipe de Menezes irmão de D. João Tello, hum dos Governadores do Reyno, D. Paulo de Lima, Nuno de Mendonça, e Henrique de Mendonça seu irmão, Hieronymo Correa Baharem, Henrique Moniz Barreto, e outros Fidalgos, que agazalhou, banqueteu, e deo pouzadas á sua vontade, e o mesmo fez a toda a mais gente da náõ, a que deo mantimentos em quanto alli este-

esteve. Como chegou a monção de partirem para a India, deraõ á véla providos de tudo bastantemente, porque o Governador D. Duarte da Costa deo a tudo ordem; e seguindo sua derrota, foraõ tomar Moçambique, aonde os achou D. Constantino de Bragança, que tinha partido do Reyno por Viso-Rey em Março de mil e quinhentos e sincoenta e oito, e em sua companhia foraõ tomar Goa na entrada de Setembro, e nesta Cidade se agazalhou D. Paulo de Lima com Luis de Mello da Sylva, que lhe era muito afeiçoado por suas partes, e brio.

CAPITULO III.

Embarca-se D. Paulo de Lima para o Malabar com Luis de Mello da Sylva, e acha-se na destruição da Cidade Magaler.

E Stando assim este Fidalgo em Goa, chegaram novas ao Viso-Rey que nos Mouros de Cananor havia movimentos contra a nossa Fortaleza, e que se armavaõ muitos parós para sahirem a roubar. Ao que o Viso-Rey acodio com despedir em Outubro Luis de Mello da Sylva por Capitaõ mór de nove navios, e para lá ajuntar a si sinco, com que tinha partido diante Ruy de Mello homem fidalgo, casado em Cananor; e de huns, e outros eraõ Capitães Gonçalo Sanches, Belchior

chior Godinho, Diogo Barbacho, Pedralves, hum Fuaõ Pimentel, Sebastiaõ Gonçalves, Alvaro Dias, Domingos de Coimbra, Antonio Mouro, Joaõ Luis, Diogo Lourenço, e o Capitaõ mór Luis de Mello da Sylva em huma escusa galé, com o qual se embarcou D. Paulo de Lima, alguns Fidalgos, e pela Armada outros muitos mancebos. Aos quaes neste tempo não faziaõ Capitães de navios, porque se dava a Cavalleiros velhos, e de experiencia daquella costa; e assim aquellas Armadas se recolhiaõ todos os Verões com quarenta, sincoenta, e sessenta parós tomados, e nestas escolhas dos veteranos aprendiaõ estes primeiro alguns annos para se exercitarem; mas tirados hoje do peito das armas, e metidos em Capitães de navios, que rezaõ da-
raõ

raõ de si, senaõ a que vemos ha alguns annos.

Partido Luis de Mello de Goa, foy correndo a costa até Cananor, onde recolheo a si os navios, que lá trazia Ruy de Mello, e com todos foy correndo a costa Malabar, e lançando espias em terra, para o avisarem dos rios, em que se armavaõ collarios; com o que se entrearaõ alguns, e naõ ousaraõ a se arriscar. Os Mouros hiaõ-se preparando para fazer guerra á nossa Fortaleza, e sollicitaraõ com El-Rey meter-se na liga; no que tiveraõ maõ Coge Semassadi, hum Mouro nosso amigo, que alli estava, e Pocaralle Naire Jangada da nossa Fortaleza, que avilavaõ ao Capitaõ, que era D. Payo de Noronha, de tudo o que se trata-

va entre elles. Cabeça dos Mouros era o Rajáo de Cananor, que foy toda a occasiáo das guerras, que fizerao os Mouros á nossa Fortaleza, por hum antiguo odio, que nos tomou, pela morte de Pocaralle seu tio, que os nossos lhe derao em tempo do Governador Martim Affonso de Souza, que naõ convém recitar, por naõ ser da essencia do que effcievo.

Luis de Mello andou por aquella costa fazendo aos Mouros toda a guerra que pode; e sabendo que para o Norte erao passados alguns coffarios, voltou apoz elles com muita pressa. E chegando ao rio de Mangalor, soube estar dentro hũ pagel grande dos Mouros de Cananor: mandou dous navios de sua companhia, que lho fossem trazer; e
achan-

achando-o varado em terra, tratarão de o lançar ao mar; e andando nesta obra, ajustaraõ-se os Mouros do pagel, e appellidaraõ os da terra, e dando nos nosos, os fizeraõ embarcar escalavrados. Sabendo Luis de Mello o caso, entrou o rio com toda a Armada, e desembarcou em terra com muito boa ordem, e foy cometendo a Cidade, q̃ era grande, e fermosa, a qual foy entrada com muito valor, e dentro nella fizeraõ os nosos espantosas cruezas, naõ perdoando a sexo, nem a idade, nem ainda ás alimarias. Luis de Mello ficou na entrada de huma rua, e com elle D. Paulo de Lima, q̃ sempre em quanto foy soldado nunca largou os seus Capitães môres, e outros soldados, que tambem seguiaõ a bandeira Real; e sendo avisado do que os nosos andavaõ

fazen-

fazendo pela Cidade, receando-se que houvesse alguma desordem no sacco della, os mandou recolher por D. Paulo de Lima, e que dêsse fogo por algumas partes á Cidade, para com isso obrigar aos nossos a se recolherem; o que D. Paulo de Lima fez com tanta ordem, como se tivera muito curso da milicia; e como deixou o fogo ateado, se recolheo ao Capitaõ mór, que estava, onde dissemos, dando ordem ao que era necessario.

O fogo tomou tanta posse da Cidade, que meteo em todos terror, e espanto. Os Mouros, e moradores vindo fugindo de suas chammas, foy hum bom esquadraõ delles arrebentar pela rua, onde o Capitaõ mór estava, diante do qual vinha hum velho de mais de setenta annos com o cabello

bello solto, e huma manopla de aço, e huma adaga de mais de dous palmos, e só a sua vizagem pudéra meter temor; e dando com o Capitão, ou o conhecesse, ou lhe ficasse mais perto, endireitou com elle, e lhe deo huma adagada por hum braço, e ao mesmo tempo se liou com elle: Luis de Mello lhe lançou mão aos cabellos, e o arremeçou de si, dizendo aos que estavaõ perto: *Tomay lá esse diabo*; e logo foy alli morto. D. Paulo de Lima vendo o cardume de inimigos, que alli sobrevieraõ, arremeteo com alguns companheiros a elles, e com huma espada, e rodella se meteo no meio fazendo valentias dignas de espanto, e dando naquellas primeiras mostras grandes sinaes do que depois veo a fer; e assim apertou elle, e os mais com os inimigos,

migos, que com morte da mór parte delles os puzeraõ em desbarato, a Cidade ficou toda abrazada, e hum fermosissimo pagode de grande fabrica, cujo tecto, e curuchéos eraõ cobertos de telha de cobre, e lataõ, com grandes bolas, e grimpas em cima, tudo isto dourado fermosamente; e destes metaes recolheraõ os soldados tanta quantidade, que quasi se carregaraõ os navios. Feito isto, tocou o Capitaõ mór a recolher, e se embarcou; o que se fez com perda de hum Capitaõ chamado Gonçalo Sanches, e seis, ou sete companheiros.

CAPITULO IV.

Como se achou D. Paulo de Lima na tomada de hum Armada do Camorí, de que era Capitão hum Rume, que chamavaõ o do Rabo.

Residia neste tempo em Calecut a serviço do Camorí hũ Rume, que se chamava o do Rabo, de que me não souberaõ dar rezaõ deste appellido; por onde eu cuida, que devia de trazer por penacho na touca algumas plumas de rabos de garças, ou de outros pássaros. Fez-se este grande roncador entre aquellas gentes; natureza de Rumes, que querem entre todos serem os melhores. E chegando a Calecut as novas do incendio da Cidade de Mangalor, sen-

fentio-a o C,amorí tanto, quẽ deo occasiãõ ao Rume para se lhe ir offerecer a ir bulçar a nossa Armada, e desbaratalla, e entregar-lha, dando-lhe para isso quatorze, ou quinze navios. O C,amorí aceitou-lhe o offerecimento, e mandou negociar sete galeotas; porque o Ade Rajão de Cananor lhe tinha mandado offerecer outras seis, que se preparavaõ em hum de seus rios, de que havia de ser Capitaõ mór hum valente Mouro chamado Cutimulla, parente do mesmo Ade Rajão. Estes navios se ajuntaraõ em Calecut, donde sahio o Rume, taõ cheo de soberba, como de bandeiras. Nestes treze navios hiaõ mais de mil e seiscientos homens de guerra, muita artilharia, espingardaria, e munições; e sabendo que andava-a nossa Armada pela costa de Magalor espe-

esperando pelos pagéis dos Malabares, que haviaõ de vir de Cambaya, allentou com o Cutimusta de a irem buscar, e assim se fizeram á véla; e hũa legoa antes, donde chamaõ a Palmeirinha, houveraõ vista as Armadas huma da outra.

Estando Luis de Mello surto a terra, e ja sobre aviso, por cartas de Cananor, daquelles colfarios, em havendo vista delles, despedio Pedro Godinho, por ter hum navio muito ligeiro, para ir reconhecer aquelles navios, e sendo os que esperavaõ, lhes fizesse final com huma bombardada. Os colfarios tanto que viraõ apartar aquelle navio da nossa Armada, entendendo o que era, lhe sahirãõ alguns muito ligeiros; mas o Pedro Godinho até os não reconhecer muito bem, não quiz voltar

tar, fenaõ depois de abarbado com elles, e fez o final com hum falcaõ. Luis de Mello em o ouvindo, mandou tirar as vélas a todos os navios, e estendellas por cima dos bancos de popa a prôa, e as mandou baldear muy bem, para que as panellas de polvora, de que os Malabares muito usaõ, lhes naõ pudéssiem fazer damno; e assim encadeou os navios todos huns nos outros, ficando a sua escufa galé no meio, e huma galeota, Capitaõ Manoel da Sylveira, por huma das esquadras: porque áquelle tempo naõ tinha mais que sete navios, por ter apartados os mais a negocios, que importavaõ, e nesta ordem foy buscar os inimigos, que com grande determinação vinhaõ tambem demandar os nossos. Luis de Mello hia no meio da coxia da sua galeota com hũ

mon-

montante nas mãos, e a barba, que era comprida, feita huma trança com hum nó na ponta. A prôa encarregou a D. Paulo de Lima com alguns companheiros, e a D. João de Lima a parte de estebordo, e a de bombordo a D. João de Almeida irmão de D. Braz de Almeida com soldados, que lhe escolheo; e nesta ordem chegou aos inimigos a tiro de falcaõ. Os quaes vinhaõ tambem todos em ála, e a galeota do Rume no meio, e elle em cima do toldo vestido em huma cabaya de scarlata com huma touca de muitas voltas, hum cofo, e tarçado aos pés, e elle com huma cana na mão mandando remar os marinheiros.

O Condestabre do Capitão mór, que era hum Framengo, bom official, dizendo-lhe o Capitão que disparasse a peça da coxia,

xia, que era hum camelo com huma róca de muitos teixos, e pedregulho, lhe respondeo que elle faria seu officio quando lhe parecesse. Os inimigos vieraõ dando sua salva com muito furor, e como se passou a fumaça, que ficaraõ descobertos os navios, e a tiro pouco mais de huma pedra de funda, poz o Framengo fogo á peça, e quiz sua ventura que tomasse a galeota do Rume de prôa a popa, que a destroçou de todo; e ao mesmo tempo dispararaõ os nossos navios seis falcões, que tambem fizeraõ grande estrago. Passada aquella espessa nuvem, viraõ os nossos os navios dos inimigos desencadeados, e divididos, e o do Rume com a quilha para cima, e o Cutimussa com os seus navios ir-se apartando para fóra, porque não ousou a esperar aquella furia;
e co-

e como os nossos hiaõ voga arrancada, e com ella os do Rume, logo se investiraõ, ficando dous encalhados pela prôa do Capitão mór, e outro por huma das bandas, e como cada navio trazia mais de cento e sessenta Mouros d'armas, logo se lançaraõ muitos dentro. Os que entraraõ pela prôa, acharaõ ao encontro aquelle valeroso Soldado D. Paulo de Lima com humas couraças, e espada, e rodella, com que os recebeu, e com os mais que tinha comfigo fizeraõ nelles grande estrago, e matança.

A galeota dos Mouros, que se abordou pela parte onde estava o D. João de Lima, que tambem era bom soldado, logo lhe lançou gente dentro, a pezar de muitos golpes, que os nossos lhe deraõ, e no bordo pelejaraõ como desesperados com lanças muy compridas,

das, em que todos são muy déstros: o D. Joaõ de Lima não quiz perder o lugar, e perdeu antes nelle a vida; com o que aquella parte enfraqueceo de feiçaõ, que foy necessario a Luis de Mello acodir lá, e na chegada recebeu huma lançada pelos peitos, que deo com elle na coxia; e tornando-se a levantar, deo com impetuo-
zo furor nos Mouros, e os fez lançar ao mar, e os nossos se baldearaõ no seu navio, e nelles mata-
raõ quantos acharaõ.

Na pròda, onde pelejava D. Paulo de Lima, havia mór trabalho, porque havia nas duas galeotas mais gente; e assim estiveraõ alli perdidos os nossos com fazerem maravilhas nas armas, e sempre passaraõ mal, senaõ foraõ soccorridos daquelle Fidalgo D. Joaõ de Almeida, e de outros Fidalgos,
a que

a. que não achei os nomes; que todos juntos com D. Paulo fizeram tantas cavallarias, que deitaram os Mouros fóra da galeota, parte no mar, e parte nos navios; e em hum delles se baldeou D. Paulo com alguns soldados, e á espada, e rodella o despejou. O outro navio foy tambem entrado de outros, que lhe ficou nas mãos. E não pelejou menos que todos o Capitão mór, antes como qualquer soldado se meteo no perigo, e fez grandes destroços nos inimigos, custando a vida a doze, ou quinze dos da galeota, em que entrou o D. João de Almeida, que recebeu huma fréchada pela testa, que lhe passou os miolos, de que logo cahio morto.

Os mais navios ferraram de cada hum seu paró, e posto que houve nos nossos trinta mortos,

todavia ficaraõ-lhes todos os navios nas mãos, e o Cutimussa vendendo o caso ao contrario do que esperava, deo á véla, e foy-se acolhendo, ficando os seis navios do Rume por preza dos nossos, e elle nunca appareceo mais. Luis de Mello ficou ferido em hum pé, e mandou curar os feridos, e lançar os mortos ao mar. Ao corpo de D. João de Almeida, que foy amortalhado em huma colcha, aconteceu hum caso notabilissimo, que foy andar sobre a agoa seis dias, e no cabo delles entrar pelo rio de Challe dentro, trinta e quatro legoas donde o lançaraõ ao mar, e foy á porta da Igreja dos Frades de S. Domingos taõ inteiro, e sem corrupçaõ, que parecia vivo; porque parece que ordenou Deos, que pois elle morreu por sua Santa Fé, não fosse seu

feu corpo comido dos monstros do mar, e que tivesse honrada sepultura em terra. A qual D. Jorge de Castro Capitão daquella Fortaleza lhe mandou dar, porque acodindo á praya, foy conhecido de todos: enterraraõ-no muito honradamente, e com espanto, porque não sabião o caso, nem como alli fora ter. Dos Mouros morrerãõ ao redor de quatrocentos, e se foraõ mais de quinhentos feridos.

CAPITULO V.

Chega D. Paulo de Lima a Goa com Luis de Mello, e torna-se a embarcar com elle para Cannanor, e da grande, e temerosa batalha, em que se achou.

VEndo-se Luis de Mello com muitos feridos, e destroçados,

dos, tomou os navios dos inimigos á tóa, e deo á véla para Goa, onde chegou alguns dias andados de Abril; e como o Viso-Rey D. Constantino tinha cartas de novo das preparações, que todo o Malabar fazia para ir contra a Fortaleza de Cananor, tomado de Luis de Mello se vir della, o mandou prender no Castello de Pangim; porque em materia desta qualidade não se tem respeito a ninguem, e mandou que a Armada não entrasse dentro, porque determinava de a tornar a mandar com outro Capitaõ; para o que cometeo os principaes Fidalgos, que havia, que nenhum quiz aceitar por amor de Luis de Mello, dizendo ao Viso-Rey que se lhe fazia agravo, e que se reconcilhasse com elle. Porque este primor havia entaõ na India, e depois vi mexitirearem-se

cârem-se huns aos outros, e inimizarem hũ eleito para huma Armada com o Viso-Rey para lhe pedirem a jornada. Em fim o Viso-Rey foy-se logo a Pangim, e se reconciliou com Luis de Mello, e o tornou a despedir com muitos provimentos, e dinheiro para paga dos soldados, e lhe deo mais alguns navios, e quinhentos homens. D. Paulo de Lima com ser mancebo, vendo Luis de Mello prezo, prendeo-se com elle no Castello, sem o deixar huma hora, e com elle se tornou a embarcar. E chegando a Cananor, havia ja novas, e receios de huma grande conjuraçãõ, que os Mouros do Malabar tinhaõ feito contra a nossa Fortaleza: pelo que se poz em terra, e tomou posse das tranqueiras de fóra, que eraõ de taipa, e ordenou quatro estancias de

de cem homens cada huma, pelas quaes repartio os soldados, e Capitães para lhe darem mesas, que eraõ D. Antonio de Vilhena, Manoel Travassos, e outro a que não achey nome, e para si tomou Luis de Mello huma guarita com outros cem soldados, a que deo mesa, onde se meteo com D. Paulo de Lima, que nunca o quiz largar de si, pela confiança que tinha em seu esforço, e afeição a suas partes, e nella mandou lançar fóra a bandeira, que tomou ao Rume, que era de tafetá verde, e no mesmo lugar arvorada a de Christo.

Ade Rajáo cabeça desta liga convocou todos os Mouros do Malabar, e ordenou muitas escadas, e petrechos de guerra, porque determinava de tomar a Fortaleza por assalto. E tudo prestes, sendo quinze de Mayo, no quarto

to da Lua deste anno de quinhentos e sincoenta e nove, sahio da Cidade com toda a potencia, que se affirma serem da ventagem de cem mil Mouros, em que entravaõ dez mil espingardas, e em breve espaço rodearaõ as tranqueiras de mar a mar, e logo arvoraraõ nellas mais de cem escadas, pelas quaes começaraõ a subir com tantos alaridos, gritos, e coqueadas, como lhes elles chamaõ, que parecia se assolava, e confundia o Mundo; e com aquella furia se puzeraõ em cima das tranqueiras pela parte, que estava a cargo de D. Antonio de Vilhena, e logo deraõ mais de duzentos comfigo nos quintaes das casas.

Os nossos, que já estavaõ sobreaviso, acodiraõ como leões; e D. Antonio de Vilhena, que era muito bom Cavalleiro, remetteo
com

com os Mouros ; que estavaõ señores dos seus quintaes , e com elles travou huma áspera batalha. Luis de Mello da Sylva , e junto delle D. Paulo de Lima acodio com a bandeira de Christo , e com trinta homens , que guardou para si , foy correr as estancias todas , e achou em ellas , e de redor das tranqueiras os nossos soldados taõ vivos , e expertos , que folgou de os ver ; e pelas siteiras desparavaõ sua arcabuzaria , e como davaõ no cardume dos Mouros , que estavaõ apinhoados ao redor dos muros , naõ se perdia tiro , antes houve muitos que com os pilouros , e munições derrubavaõ dous , e tres. E como os nossos soldados eraõ muitos , e naõ havia siteiras para todos , estavaõ outros detrás dos que as tinhaõ occupadas , e tanto que desparavaõ ,

vão, que haviaõ de tornar a carregar, sem quererem largar os lugares, lhes pediaõ pelo amor de Deos que em quanto carregavaõ lhes deixassem matar hum Mouro. O Capitaõ mór chegou á estancia de D. Antonio de Vilhena, e sabendo estarem dentro os Mouros, mandou a D. Paulo de Lima com alguns companheiros para que fossem dentro; onde acharaõ D. Antonio de Vilhena fazendo brabozidades, e dando todos nos Mouros, matareaõ a mór parte, e os mais se lançaraõ do muro abaixo; fazendo aqui D. Paulo o officio de soldado valerosamente. E feito isto, se tornou a Luis de Mello, que andava correndo tudo em roda, porque em todas as partes lhe era necessaria sua presença; porque houve partes, em que a tranqueira era taõ rota, e fraca, que se

se passava da banda dos Mouros com as lanças, e outras em que lhe puzeraõ os hombros, e deraõ com ellas em baixo: como fizeraõ na estancia de Manoel Travassos, onde os nossos ficaraõ pelejando com os Mouros de barba a barba, a que acodio o Capitaõ mór, e D. Paulo de Lima, que ambos se meteraõ no meio daquelle cardume, fazendo taõ altas cavallarias, que naõ tenho palavras para as relatar; e muitas vezes se travaraõ huns com outros a braços na porãa, que os Mouros tiveraõ de entrar dentro pela quebrada. Sobre isto foraõ os alaridos, gritos, e estrondos das armas, que parecia que se confundia o mundo; e causava isto tamanho terror dentro na Fortaleza, que andavaõ as mulheres pelas ruas descabelladas pedindo a Deos misericordia.

Os Padres de S. Francisco estavaõ em todo este tempo no Coro com grandes disciplinas, e orações, e houve hum que no tirante da Igreja vio o Espirito Santo em figura de pomba cheio de grande resplendor: ao que alevantou a voz chamando pelos Padres, que o vissem, e adorassem; e acodindo todos, se lhes infundio hum taõ novo furor, e espirito, que arvorando hum Crucifixo, sahiraõ pela Fortaleza fóra, e se foraõ meter no meio da briga, e começaraõ a animar os soldados, affirmando-lhes que o Espirito Santo andava entre elles em seu favor. Os soldados vendo a Christo crucificado alevantado no ar, e ouvindo as palavras dos Padres, dando-lhes huma nova furia, foraõ-se muitos ao Capitãõ mór, e lhe pediraõ mandasse abrir as portas, porque

porque queriaõ ir pelejar em campo aberto com os inimigos , para mais á sua vontade se satisfazerem delles. Luis de Mello lhes louvou aquelle animo , e lhes pedio se quietassem , que afsáz muito faziaõ em defender suas tranqueiras.

A importunação dos Mouros hia crescendo cada vez mais , porque quanto mór dano viaõ fazer nos seus , tanto mais trabalhavaõ por arrematar aquelle conflicto , e assim onde cahiaõ dez , se punha cento. Luis de Mello , e seu companheiro D. Paulo de Lima sempre se acharaõ nos maiores trances , e perigos , em que se afinalaraõ , e distinguiraõ de todos. E por fim , naõ podendo os Mouros soffrer tanto dano , vendo os estragos , que lhes tinhaõ feito os valerosos Portuguezes , que a ferro , e fogo os hiaõ consumindo ,
 cupioq se

se recolheraõ , sendo ja quatro horas da tarde , deixando as escadas, e os pés das tranqueiras taõ entulhados de corpos mortos, que quasi por cima delles podiaõ subir acima ; porque se averiguou perderem-se quinze mil Mouros. E naõ podiaõ ser menos , pelo estrago que seiscentas espingardas podiaõ fazer em doze horas , que a brigada durou , fóra outros muitos generos de fogo , e outros estromentos. Recolhidos os Mouros , foy-se Luis de Mello com todos os soldados assim cheios de suor , e sangue para a Fortaleza a dar graças a Deos , indo diante os Padres cantando o *Te Deum laudamus*. Dadas as graças , fez curar os feridos , e enterrar os mortos , que naõ passaraõ de vinte e cinco , e mandou reparar as cercas muito bem ; mas os Mouros como foraõ
taõ

taõ cortados , naõ quizeraõ mais provar sua ventura , e assim invernaraõ os nossos na Fortaleza quietos.

CAPITULO VI.

D. Paulo de Lima vay por Capitaõ de huma galé para o Malabar.

A Tégora mostrámos a D. Paulo de Lima Soldado , daqui por diante o veremos Capitaõ , e logo Capitaõ mór, e taõ intrepido, e valeroso , que poucos houve em seu tempo que se lhe igualassem. Passada parte do Invernõ , teve o Viso-Rey aviso de como pelos rios do Camorê , e de ElRey de Cananor se faziaõ muitos parós para sahirem a roubar; pelo que escreveu a Luis de Mello se deixasse ficar , que no começo do Veraõ lhe mandaria Armada , que tomasse todos

todos aquelles rios, e os encurri-
lasse dentro, assim para ficarem
com as delpezas feitas, como pa-
ra que não fizessem prezas; que
era a mór guerra, que se podia
fazer; e que elle sahisse no cedo
de Cananor com a Armada que lá
tinha, para que lhe andasse ron-
dando os rios até lhe chegar toda
a mais Armada. O que Luis de
Mello fez na entrada de Setembro
com os navios, e Capitães, que
já dissemos, que com elle forão de
Goa; e lhe mandou dinheiro para
paga dos soldados, marinheiros,
e mantimentos, e deixou em Ca-
nanor D. Paulo de Lima dando me-
sa a cem homens; com os quaes
navios andou os mezes de Setem-
bro, e Outubro, em que lhe che-
gou mais a Armada seguinte. D.
Felipe de Menezes irmão de D.
João Tello em huma fermosa galé,
outra

48. *Vida de D. Paulo*

outra para D. Paulo de Lima ; que foy a primeira embarcaçãõ que teve ; porque por seu procedimento naquella guerra lhe deo logo galé , couza que se faz a poucos Fidalgos mancebos : tres caravellas latinas antiguas , com que a India se ganhou , de que era Capitãõ Gonçalo Pires Dalvellos , Miguel Rodrigues Coutinho Fios Secos , e Alvaro Reinel, Cavalleiros velhos, casados em Goa , e ricos (que estes eraõ os de que se ElRey servia naquelle tempo , e naõ ja mancebos , como depois vi) e oito fustas , cujos Capitães me naõ lembraõ os nomes.

Chegada esta Armada ao Malabar , a repartio Luis de Mello pelos rios , em que se armavaõ parõs , por esta maneira. No rio de Marabia do Reyno de Cananor D. Felipe de Menezes com a sua galé,

galé, e tres navios para o serviço ; D. Paulo de Lima em outro rio daquelle Reyno com a sua galé, e outras tres fustas ; no rio de Tremapataõ Manoel da Sylveira com a sua galeota, e tres fustas ; Gonçalo Pires Dalvellos no rio Demasna sua caravella com tres fustas ; no rio do Canharoto com outras tantas fustas outro Capitaõ ; e Alvaro Reinell no rio de Pudepataõ ; e o Capitaõ mór com doze, ou quinze navios de remo ficou correndo a costa ; e assim a teve todo o Veraõ taõ bem guardada, que não sahiraõ parós, sennaõ alguns formigueiros, que não fizeraõ dano. E além de lhe tomar os pórtos, houve poucas povoações, em que o Capitaõ mór não mandasse dar, e que não sentissem os Malabares o flagello Portuguez. E neste exercicio continuaraõ todo o

1980 D Veraõ,

50. *Vida de D. Paulo*

Verão, até toda a Armada se recolher a Goa, onde invernou D. Paulo de Lima, no qual já os Viso-Reys traziaõ os olhos para o encarregarem de couzas grandes. Deixou Luis de Mello alguns navios com seus Capitães, e soldados em Cananor, e Challé; e depois mandou o Viso-Rey a D. Antonio de Vilhena, Fernão de Crasto, Manoel Travassos, e Hieronymo de Sá, filho de Gaspar Gonçalves de Riba Fria, Porteiro da Camara de ElRey D. João, com quatrocentos homens mais, para invernaem em Cananor, e darem mesas a cem soldados cada hum, e dinheiro para seu pagamento, as quaes mesas lhes deraõ todo o Inverno.

de Lima Pereira. 51

CAPITULO VII.

Vay D. Paulo de Lima por Capitaõ de huma galeota com o Viso-Rey D. Constantino, e do successo desta jornada.

E Ste Inverno, que foy o do anno de quinhentos e sessenta, gastou o Viso-Rey D. Constantino em aperceber huma Armada para ir a Jafanapataõ a castigar aquelle Rey, por culpas que tinha cometidas, e para mudar para aquelle Reyno os moradores da povoação S. Thomé, por estarem alli offercidos á vontade do Rey de Bisnagá, cuja terra era, e cada vez que quizesse, os cativar, avexar, e roubar, como algumas vezes tinha feito. E tanto que foy a sete de Setembro vespera de Nossa Senhora se fez á

lameu Chanocá Secretario, Vicente Carvalho, Francisco da Cunha, Manoel da Sylveira, André de Vilhalobos, e outros muitos.

Dada esta Armada á véla, chegou a Cochim, onde negociou algumas couzas, e a Cidade tinha prestes seis navios para o acompanharem; o que quiz fazer o Bispo de Cochim D. Jorge Temudo, porque lhe parecia lhe convinha achar-se naquellas couzas, por ser aquella Ilha de Ceilaõ da sua jurisdicção. E passado o Cabo Comorí, despedio o Viso-Rey as galés para Cochim, pelas não arritear nos baixos, e os Fidalgos dellas se passaraõ ás fustas; e chegando sobre a Cidade de Janafapataõ, cometeo o Viso-Rey a desembarcação meia legoa antes da Cidade, porque nas outras partés, em que podia desembarcar, estavaõ muy fortifi-

fortificadas , e ordenou cinco bandeiras.

A gente da Armada , que eraõ mil e duzentos homens , tendo recebido em Goa da ventagem de quatro mil ; porque neste tempo quando hum Viso Rey hia fóra , pagava-se geralmente a todos os casados , até os macanicos , e com esta largueza , e liberalidade se ganhou , e sustentou a India , e depois que houve tacanheza , e estreiteza , que tiraraõ os soldos aos homens , e que não venceriaõ , senão quando embarcállem , logo tudo foy para peior. Os Capitães das bandeiras foraõ : Luis de Mello da Sylva , a que D. Constantino tinha dado a dianteira , ao qual acompanhou D. Paulo de Lima em toda esta jornada ; D. Antonio de Noronha , que foy Viso-Rey da India , Martim Affonso de Miranda ,

da , Gonçalo Falcaõ , e Fernaõ de Souza Castello-branco , e o Vifo-Rey havia de ir na retaguarda com duzentos homens , e muitos Fidalgos aventureiros , e com elle o Bispo. E cometendo a desembarcaçaõ , poyaraõ em terra , onde os veo receber o Principe Branco com dous mil homens para lha defender ; mas os navios com os falcões franquearaõ a terra , e os inimigos se foraõ recolhendo para os matos : e o primeiro Capitaõ , que desembarcou , foy Gonçalo Falcaõ ; o que fez por huma desconfiança , com que ficou de humas palavras , que no Conselho teve com o Vifo-Rey. Postos todos em terra , foraõ marchando para a Cidade , levando Luis de Mello a dianteira , e á sua ilharga D. Paulo de Lima : D. Antonio de Noronha foy-se desviando , e metendo pelo mato ,
por

por onde appareceo o Principe Branco ; e quando tornou a sair ao caminho , ficou diante de Luis de Mello , e parando , lhe mandou dizer que passasse avante , que elle estava esperando para o acompanhar. Que tal era o primor daquelles Capitães honras em prejuizo huns dos outros ; o que hoje he bem ao contrario , porque todos andaõ (como lá dizem) a furto-lho o fato.

Luis de Mello foy marchando até haverem vista da Cidade , que tinha por aquella parte huma muito fermosa, e espaçosa rua, no meio da qual estavaõ duas peças grossas de artilharia cubertas de folhas de palmas ; e cometendo Luis de Mello a rua , lhe disse D. Fernando de Menezes , o que chamayaõ cá o Narigaõ , Fidalgo da
Casa

Casa de Penella, que visse como
hia, porque aquillo parecia arti-
tharia. E ainda o não acabava de
dizer, quando se poz fogo a hu-
ma das peças, que quiz Deos que
sobrelevasse, por ser o ponto alto,
porque se assim não fora, fizera
muito dano. Luis de Mello ven-
do que ficava outra por disparar,
deu ordem aos seus para que se en-
costassem aos alpendres, que ha-
via de huma, e outra parte; o que
não puderaõ fazer tão apressada-
mente, que não viesse pela rua
abaixo outro pilouro com grande
terremoto, e tomando pelo meio
da rua, levou por elles áres o Al-
feres da bandeira de Luis de Mel-
lõ, que se chamava Foaõ Sardi-
nha, e outras tres, ou quatro pes-
soas, e alguma pequena de ferru-
ge alcançou a Luis de Mello pela
maçãa do rosto, que lhe fez huma
peque-

pequena ferida, de que lhe corria muito sangue, com o que ficou muito gentilhomem. E ao tempo, que o Alferes foy espedaçado, acodio João Pessoa filho de Antonio Pessoa, e levantou a bandeira, e arvorou no ar, e foy andando até a pôr sobre as peças de artilharia. Luis de Mello tornou a pôr a sua gente em ordem, e foy marchando para a Cidade, rompendo por nuvens de pilouros de espingardas, que vinhaõ pela rua abaixo, de que alguns foraõ escalavrados; e D. Felipe de Menezes levou huma arcabuzada pelo nó da garganta, e foy taõ venturozo que resballou, deixando-lhe só huma nodoa.

O Principe Branco acodio áquella rua, e teve com os da dianteira huma arrezoadá briga, que durou pouco, porque os nossos os

arran-

arrancaraõ logo della por força ;
 assinalando-se aqui muito D. Paulo
 de Lima, e outros Fidalgos, e Ca-
 valleiros. Os nossos chegaraõ ao
 cabo da rua, e á maõ direita se
 fazia outra, pela qual foy toman-
 do Gonçalo Falcaõ, e por ella foy
 dar com a gente do Principe Bran-
 co, com a qual teve huma muito
 crespa, e arriscada briga ; porque
 de cima dos telhados, e das pare-
 des dos quintaes das casas frécha-
 vaõ os nossos á vontade. O Vifo-
 Rey veo entrando por aquella par-
 te em hum fermoso cavallo á estar-
 diota, armado todo de fortes ar-
 mas, com o guiaõ de Christo cer-
 cado de muitos Fidalgos, e Ca-
 valleiros. Dando-lhe novas que
 Gonçalo Falcaõ estava em aperto,
 disse áquelles Fidalgos, e Capi-
 tães que o soccorressem, e foy a
 tempo que chegava a elle D. Anto-
 nio

nio de Noronha, e ouvindo as palavras ao Viso-Rey, lhes disse: *Naõ se inquietem, que eu só basto*; e foy entrando pela rua até chegar a Gonçalo Falcaõ, que com sua chegada ficou tudo franco, e elles passaraõ adiante, e acharaõ huma peça de artilharia, que alli deixaraõ os inimigos, a qual lançaraõ pela rua adiante, que hia até o Caes dos elefantes, onde estava todo o poder, e dando-lhe fogo, foy fazer entre elles grande destruiçaõ.

O Rey que estava no terreiro de seus Paços com o mór poder, vendo a couza taõ mal parado, recolheo-se aos seus Paços, que eraõ muy fortes, com toda a gente que o seguia, com tençaõ de se defender nelles. Luis de Mello chegou ao cabo da rua, que hia sahir ao terreiro dos Paços, e parou para espe-

esperar pelo Viso-Rey , para saber o que lhe mandava que fizesse. O Viso-Rey chegou a elle ja tarde , e assentou-se alli que ficassem aquella noite na boca daquella rua , onde se podiaõ fortificar bem , e que ao outro dia cometeriaõ os Paços. Temendo-se o Rey do furor, e esforço , que nos Portuguezes tinha visto , não quiz mais provar sua ventura , e se foy com todo o recheio , e mandou dar fogo aos Paços , e se recolheo a huma Fortaleza , que estava dalli legoa e meia. O Viso-Rey ao outro dia entrou a Cidade , e se senhoriou della , e tomou muitas peças dartilharia , e os soldados ficaraõ com bom quinhão do sacco , que dera a Cidade , onde acharaõ aquelle dente de bo-gio , por que o Rey do Pegú dava quinhentos mil cruzados.

Entregue D. Constantino da
Cida-

Cidade, foy logo marchando apoz El Rey, e chegou á Fortaleza, em que se tinha recolhido; a qual achou despejada, porque não ousou nella a esperar os noílos. E dalli mandou Luis de Mello, com que tambem foy D. Paulo de Lima, Martim Afonso de Miranda, Gonçalo Falção, e Fernão de Souza com suas bandeiras apoz El Rey: e porque o Viso-Rey ficava, e estes Fidalgos não queriaõ ser governados doutrem, ordenou o Viso-Rey que cada dia lançassem os dados, e que o que deitasse mais pontos, esse governasse só aquelle dia. Levou Luis de Mello a dianteira, e assim foraõ enfacando aquelle Rey até fóra do seu Reyno; e vendo-se elle sem remedio, mandou pedir misericordia, e concedeo ao Viso-Rey tudo o que lhe pareceo justo, fazendo-se vassal-

vassallo de ElRey de Portugal, e deo de refens o Principe seu filho.

Aqui passaraõ outras couzas, que deixo, por abreviar, e depois de ordenar o Viso-Rey o que lhe pareceo, se partio para Cochim, onde achou aquella terra em revolta, por estar a nossa Fortaleza de Cranganor de cerco, e os Principes de Calecut, que se haviaõ de ir criar em casa de ElRey de Cranganor, que os tinha prefilhados, sobre a Ilha de Paribalaõ; o que seria causa de se perder a nossa Fortaleza. Pelo que lhe mandou acudir por D. Francisco de Almeida, que hoje está no Tribunal da India, com dez, ou doze navios, que nesta jornada fez quanto hũ bom Capitãõ podia fazer; e depois mandou Luis de Mello da Sylva com quinhentos homens, e com elle foy D. Paulo de Lima, e tiveraõ

os nossos grandes batalhas com as gentes do Camorî, que em fim lhe entraraõ a Ilha, e a tomaraõ, e deitaraõ os imigos fóra. Na qual jornada fizeraõ os nossos muitas, e grandes cavallarias, e Luis de Mello recebeo huma espingardada em hum braço junto do hombro, de que sempre ficou resentindo-se, e os imigos ficaraõ vencidos, e a Ilha se entregou a ElRey de Cochim. E nesta campanha me disse-raõ pessoas de credito que viraõ D. Paulo de Lima pelejar com valor, e esforço admiravel.

CAPITULO VIII.

Acha-se D. Paulo de Lima nas vistas, que o Conde de Redondo teve com o Camorî.

O Anno de quinhentos e sessenta e dous determinou o
E Conde

Conde de Redondo D. Francisco Coutinho, que tinha chegado o anno atrás por Viso-Rey, de se ir ver com o Camorê, e jurar com elle as pazes; e posto que esta jornada não foy de mais effeito, terá para mostrar como sempre D. Paulo de Lima servio, e se achou nas eouzas principaes em companhia dos Viso-Reys. Partio o Conde de Goa na entrada de Dezembro deste anno com mais de cento e quarenta navios, em que entraraõ dez galés, nas quaes levava de ventagem de quatro mil homens, a mais limpa, e lustrosa gente, que vi na Índia. Porq̃ pagou dous quartéis a todos geralmente, e me affirmaraõ que dispendera nesta Armada mais de duzentos mil pardãos, sem oppressão, e sem a India render duas partes, do que hoje rende; porque como Deos ainda
anda-

andava na India, tudo sobejava: e se me quizerem dizer que não havia tantas tenças, e ordenados, enganaõ-se; porque se isto cresceo mais, mingoaraõ logo doze, ou quinze galeões, que havia na India, dez galés, e mais de duzentos homens de mar, e Armadas grossas todos os annos aos Estreitos de Meca, e outras muitas expedições, além das ordinarias. E deixando isto assim indecito, sem se mostrar donde vem, tornarey á Armada do Conde, cujos Capitães eraõ: D. Francisco Mascarenhas, que depois foy Conde de Santa Cruz, que era Capitão mór do mar da India; Luis de Mello da Sylva, com quem hja embarcado D. Paulo de Lima, D. João Pereira irmão do Conde da Feira, Alvaro Paes de Sottomaior, D. João de Castelbranco, D. Jorge de Me-

nezes Baroche, Ayres Telles de Menezes, D. Diogo de Menezes, D. Pedro de Castro, D. Lioniz Pereira, Ayres de Saldanha, D. Francisco Henriques, André de Souza, D. Luis de Almeida, Alexandre de Souza, D. Pedro de Menezes, Heitor da Sylveira Drago, Alvaro Pires de Tavora, seu irmão D. Francisco de Moura, Simão de Souza, Manoel de Mendanha, Manoel Freire, D. Tello de Menezes, D. Luis de Menezes, Luis da Sylva filho do Governador Francisco Barreto, D. Francisco Lobo, Pedro de Mendoga Furta-do, que esteve no Tribunal da India, Joaõ de Mendoga seu irmão, D. Diogo Fernandes de Vasconcellos, D. Martinho de Castelbranco, Antonio Botelho, D. Francisco de Almeida, Fernando de Souza de Castelbranco, D. Miguel da

da Gama , Francisco de Miranda:
Henriques , Manoel Pereira da
Sylva , Pedro Lopes Rabello , Gil
de Goes , Francisco de Siqueira ,
Jorge Cabral de Bombaim , Ma-
noel Travassos , Francisco de Bri-
to , Hieronymo Dias de Menezes,
Hieronymo de Carvalho , Jorge
de Moura , Hieronymo Correa ,
Jorge Barreto , Gaspar de Sá, Hie-
ronymo de Sá de Riba Fria , Fer-
nando de Miranda de Azevedo ,
Christovaõ de Brito , Jorge Tos-
cano , Diogo Soares de Albergaria ,
Henrique Moniz Barreto ,
Manoel Freire , Antonio Correa ,
Hieronymo d'Olanda , Antonio
Fernaõ , Vicente de Carvalho , Mi-
guel Rodrigues Coutinho Fios Se-
cos , Ruy Godinho , Roque Fer-
nandes , Pedro Alvares , Fernan-
do Farto , Antonio Martins, Apo-
linario de Val da Rama , Baltha-
zar

zar da Costa, Braz Fragofo, Bernardo Rodrigues, D. Theodosio Embaixador de Ceilaõ, Manoel Leitaõ Secretario, Belchior Serraõ Veador da Fazenda, Henrique Jacques Ouvidor geral, Domingos de Mesquita, Alvaro Monteiro, Diogo Borges de Avellar, Antonio Rodrigues, Antonio Martins, e outros muitos.

Com toda esta potencia foy o Conde surgir defronte de Calecut, enchendo todo aquelle mar de embarcações, que foy a mais fermosa couza, que alli se vio; e assentado o dia, em que se haviaõ de ver, desembarcou o Conde em terra, e ordenou primeiro toda a gente repartida em bandeiras por aquelles Capitães velhos, e embandeirou-se toda a Armada, que se poz com a prôa em terra, com toda a gente ordenada em fileiras
por

por huma, e outra parte: O Conde esteve na sua manchua, e tanto que lhe deo recado, que El-Rey apparecia, desembarcou acompanhado de muitos Fidalgos velhos, e de todos os Officiaes, e Guardas, seus Porteiros, e officiaes diante, e ao pôr os pés em terra o salvou toda a Armada, com tanto terror, e espanto, que parecia tremer o Mundo, e o ar todo se escureceo por hum grande espaço, com que tudo ficou escondido na espessura do negro fumo; e chegando o Conde a passar pelo meio das fileiras, estas lhe deo também huma fermosa falta, porque passaraõ de tres mil espingardas, que hiaõ na Armada, que muitos dispararaõ duas, e três vezes, indo o Conde de vagar, porque chegasse El-Rey, que se veio apressando por chegar ao Conde, trazem-

trazendo comfigo mais de quarenta mil Naires , que tambem se puzeraõ em ordem , e o Rey vinha rodeado de feus Regedores ; e elle começando a entrar pelo meio das noffas fileiras , tornou a Armada a disparar aquella tormenta infernal , que acanha , e abate todos os grandes esforços , e apoz ella tornou a soldadesca a dar salva , a que tudo ElRey parou ; e acabado , começaraõ os estromentos bellicos de tambores , pifaros , trombetas , e ataballes , o que tudo fe tocon com tanto estrondo , que enfurdeciaõ a todos.

Acabadas as salvas , foy ElRey passando adiante , e a meio das noffas fileiras se encontrou com o Conde. Hia ElRey nú da cinta para cima , e della á meia perna cingido com hum panno de ouro , e ceda , e pelos braços todos , peçoço ,

coço, e cabeça pedraria, que não tinha estimação o seu valor. O Conde hia com huma roupa rozagante de brocado, rico collar de pedraria, espada, e adaga de ouro; e encontrando-se ambos, se abraçaraõ, e de pé tiveraõ seus cumprimentos, e alli tambem de pé lhe deo o Secretario os Capitulos das pazes, que o Lingua lhe declarava, os quaes elle concedeo, e logo alli se juraraõ por ambos confôrme o costume de cada hum, de que se fizeraõ autos assinados por todos. Isto acabado, se recolheraõ logo, e o Conde foy a Cochim, e depois de ordenar alli algumas couzas, e despachar as náos, se foy para Goa.



CAPP

CAPITULO IX.

D. Paulo de Lima Pereira vay por Capitaõ mór de alguns navios para a costa do Malabar , encontra-se com o coffario Canatale , tem com elle huma espantosa batalha , em que todos ficaraõ destroçados.

Agora começaremos a mostrar este Fidalgo Capitaõ mór de Armadas. porque na Milicia correo todos os rumos. Recolhido da perdição , em que se achou ao fahir da Barra , logo a tres de Setembro de mil e quinhentos e sessenta e quatro chegou a Goa D. Antaõ de Noronha, que vinha por Visc-Rey da India , que depois de tomar posse , preparou mais a Armada para o Malabar , de que ele-
geo

geo por Capitão mór Gonçalo Pereira Marramaque, que com elle viera despachado com a Fortaleza de Ormuz, para ir succeder naquella costa a D. Francisco Mascarenhas, que depois foy Conde de Santa Cruz, porque se havia de vir fazer prestes para ir entrar na Capitania de Sofalla, e Moçambique. E depois de lá andar, porque a guerra com os Mouros de Cananor se hia proseguindo, quiz o Viso-Rey mandar mais alguns navios a Gonçalo Pereira Marramaque, dos quaes elegeo por Capitão mór a D. Paulo de Lima, que partio no fim de Fevereiro do anno de sessenta e cinco; elle na galeota S. João Baptista, na qual se embarcou tres vezes, e de todas sempre pelejou com os Malabares, porque parece que tinha nella o seu genio. Levou mais tres navios,

vios, de que eraõ Capitães Bento Caldeira, Pedralves de Cananor, e Bento Caldeira natural d'Almada. E indo navegando por sua derrota, sendo tanto avante, como os Ilhéos de Batecalá, houveraõ vista de seis navios ja perto da noite, e parecendo a huns, e outros parós, por haver novas de ser passado para o Norte hũ grande cofario Malabar chamado Canatale com sete navios muy reforçados, que foy o primeiro que pallou aquella costa; pelo que huns, e outros se prepararaõ, e sendo ja perto, se conhecerãõ os nossos, e forãõ juntos surgir na barra de Batecalá. Destes seis navios eraõ Capitães Manoel de Brito, Manoel de Saldanha, Ayres Gonçalves de Miranda, que hoje está por Capitãõ de Cananor, Fernãõ Gomes da Grã, que foy Guarda mór das náos,

nãos, Nuno Velho Pereira, e Mem Dornellas, os quaes Gonçalo Pereira Marramaque tinha despellido da costa do Malabar em busca de D. Paulo de Lima, por saber que ficava, pelas novas que havia do Canatale. Levava D. Paulo de Lima bandeira de Christo pela quadra, que não enrolou, de que os outros Capitães se tomaraõ tanto, que lhe disseraõ que se queria ir para o Malabar, fenaõ que se iriaõ elles; ao que respondeo D. Paulo q os soldados hiaõ com toda a roupa suja, que a lavariaõ, e que ao outro dia se partiriaõ. Mas elles como estavaõ pezados com a sua bandeira, não quizeraõ aguardar, e sem mais cumprimentos deraõ á véla, e se foraõ.

Ao outro dia, que isto passou, estando D. Paulo de Lima surto na bahia, appateceo a Armada
do

do Canatale, que vinha do Norte carregada de prezas, e vendo os nossos navios juntos á sua galeota, os foy cometer. Foy a ventura deste Fidalgo grande em estar ainda sem a sua gente ter desembarcado, porque se ella estivera em terra, não fazia o Canatale mais, que chegar, e dar tôa aos navios; e certo que segundo a pouca disciplina dos homens da India, e desordens dos soldados, he mais necessario a seus Capitães domar-lhe seus appetites, que não aos inimigos; que estes vencem-se com as armas, e os soldados nem com ellas, nem com rezaõ. Em fim huns, e outros se cometeraõ muy determinadamente, e se deraõ a primeira salva de bombardadas. D. Paulo levava na sua galeota hum fermoso camelete com huma róca de pedra, o qual se disparou, e tomou
pelos

pelos navios, que vinhaõ juntos, e nelles fez grande destroço, e dano. Os inimigos como vinhaõ com aquella furia, passaraõ por tudo até investirem os noslos navios, e logo nas primeiras pancadas abrazaõ os Malabares o navio de Bento Caldeira, e mataraõ todos os Portuguezes: os outros dous navios vendo que lhes podia acontecer semelhante desgraça, puzeraõ o remedio no remo, e foraõ-se acolhendo, deixando só o seu Capitaõ mór, com o qual abordou o Mouro Canatale, que era valente Cavalleiro, e por cadailharga huma das suas galeotas, ficando o Canatale para a prôa. D. Paulo de Lima vendo se investido por todas as partes, tratou de vender sua vida muito bem, e assim o persuadio aos companheiros, que o fizessem, repartindo

elle

elle pessoas de mais confiança pelos passos mais necessarios, e todos se puzeraõ em defenzaõ, fazendo tantas couzas em armas, e dando taõ desmedidos golpes, que custando a vida a muitos dos Mouros, naõ se atreveraõ, ou naõ puderaõ entrar na galeota. D. Paulo de Lima andava na coxia armado em couraças encarnadas em veludo carmezim com huma espada, e rodella animando os seus compalavras dignas daquelle trance, e na parte, em que via maior trabalho se apresentava diante de todos, e alli o sentiaõ logo os inimigos em suas carnes, e de hum bordo passava a outro, onde via que era mais importante sua presença, andando ja sangrado em algumas partes. Os Mouros, que eraõ mais de quinhentos, ora entrayaõ na galeota, ora tornayaõ a

os lançar fóra os nossos mal trata-
dos; e D. Paulo de Lima vendo
que os nossos perdiaõ na prõa al-
guma couza, acodio lá; e achou
o Canatale posto em cima do es-
poraõ, diante do qual se apresen-
tou o valeroso D. Paulo, e tantas
couzas fez em armas, que o lan-
çou fóra, e assim aos outros, que
estavaõ das ilhargas, com mais de
trezentos mortos; porque os nos-
sos sincoenta soldados, ou sinco-
enta Heitores, não faziaõ mais que
carregar etpingardas, e descarre-
gallas nos inimigos, e houve tal
tiro, que derrubou dous, ou tres,
por estarem muy apinhoados: ou-
tros, a quem se encõmendavaõ as
panellas da polvora, não faziaõ
mais que cevar, e lançallas entre
os inimigos, de que ficavaõ os na-
vios ardendo em labaredas, e por
entre as chammãs eraõ as lança-
das,

das, lespingardadas tantas, que parecizõ pelejarem iguaes Armadas. Os Mouros tambem, como teraõ muitos, faziaõ seu emprego, e assim toraõ derrubando mais de trinta dos nossos, ficando os outros, ainda que feridos, supprindo a falta dos companheiros. D. Paulo de Lima fez tudo quanto huõ esforçado Soldado, e valeroso, e discreto Capitaõ podia fazer, até lhe darem huma bombardada por huma coxa, de que ficou inhabilitado para poder acodir onde fosse necessario; e assentando-se na coxia, chamou pelos soldados, que teraõ ja menos de vinte, lembrando-lhes como em seus braços estava o remedio de suas vidas, e assim pelejavaõ com tanto valor, que quando D. Paulo cahio, ja havia mais de duzentos Mouros mortos, e a maior parte delles feridos. Em

fim chegaraõ os Mouros a tanta consternação, que houveraõ por seu partido afastarem-se, porque lhes parecia que não tinhaõ combatido com huma galeota, senaõ com hum muito forte baluarte.

D. Paulo de Lima vendo os inimigos afastados, não fez termo algum de que elles sentissem, que os receava; antes se deixou estar muito seguro, e aos poucos soldados que tinha exhortou á constancia, e que se fizessem prestes, porque ainda tinhaõ muito por passar; e mandou aos escravos que tomasssem lanças, e as arvorassem pelos bordos, e ao seu tambor mandou pôr apar de si, e esteve esperando a determinação dos inimigos. Os quaes depois de afastados tomaraõ conselho entre si, e assentaraõ que era cobardia não acabarem de render aquelle navio, que ja estava

84 *Vida de D. Paulo*

destruçãõ de todo, e que por mais huma hora de trabalho o timãõ seguro; e assim tomando o remõ em punho tornaraõ a voltar contra a nossa galeota todos em ála. D. Paulo de Lima vendo aquella determinaçaõ mandou aos marinheiros que tomassem o remo, e fizessem de pessoa, que elle lhes pagaria bem; e aos escravos que fossem com grandes gritos cometer os inimigos; os quaes ouvindo aquella alarido, e estrondo, e vendo aquella determinaçaõ, não ousando a esperar os nossos, ou não o permittindo Deos, que era o mais certo, porque tinha guardado este grande Capitaõ para outras couzas, voltaraõ, e foraõ-se acolhendo destruçãõs de todo, ficando o nosso Capitaõ senhor do campo, e com a vitoria, que foy das maiores daquella qualidade, que

na India houve ; e vendo que os inimigos hiaõ delapparecendo , mandou dar á vèla para Goa , e foy-se curando elle , e os mais , o melhor que puderaõ , e ao outro dia entrõu pela Barra de Goa dentro , e pelas embarcações pequenas , que chegaraõ á galeota , se foye o caso , e logo teve o Vifo-Rey rebate delle , e o mesmo todos os Fidalgos da India , que acodiraõ ao Caes. Martim Affonso de Mello Pereira foy-se ao Vifo-Rey , e lho pediu licença para levar D. Paulo para sua casa ; do que o Vifo-Rey se escusava , dizendo que havia de ser deuo hospede , e que elle o havia de curar : e todavia fez tanta instancia Martim Affonso , que lho concedeo o Vifo-Rey , e o foy esperar ao Caes dos Paços com hum palanquim , tendo ja em sua casa os Cirurgiões , e todo o

1110
neces-

86 *Vida de D. Paulo*

necessario para o curarem. D. Paulo chegando ao Caes foy tirado nos braços de todos aquelles Fidalgos, e deitado no palanquim o levarão a casa de Martim Affonso, onde foy curado com muito cuidado; e seus soldados foraõ levados ao hospital, onde se teve com elles muita conta. O Viso-Rey foy logo visitar D. Paulo, e o abraçou, e teve com elle palavras muito honradas, e de grandes offercimentos, de que logo poz muita parte por obra; porque lhe mandou muito trigo, e o mesmo fez aos soldados, que escaparaõ: porque isto he o que faz nos homens crescer o brio, e gosto, para se aventurarem a muitas couzas, e por isso naquelle tempo se faziãõ aquelles, e outros successos, que neste naõ vemos.

CAPITULO X.

D. Paulo de Lima vay por Capitaõ mór de humã Armada para o Norte, acha-se na destruição de Collé, e Sarseta, e toma dous parós de Malabares.

Muito durou a enfermidade de D. Paulo de Lima, por que a bombardada foy grande, e esteve arriscado a perder a perna; pelo que ficou inhabilitado para o serviço. Porém quando chegou D. Luis de Ataide por Viso Rey da India em Setembro de sessenta e oito, ja o achou em disposição de o poder occupar, e assim em Dezembro seguinte o elegeo por Capitaõ mór de oito navios para ir ás partes do Norte, por serem lá passados os costarios Malabares, e ha-
ver

ver necessidade, e assim se fez á véla, indo elle embarcado na mesma galeota, em que pelejou com o Canatale. Os mais Capitães foram: Antonio de Azevedo, Martin Affonso de Mello Pombeiro, Gaspar de Mello, Manoel Pereira de Figueiredo, Gomes da Rocha, Estevão de Valadares, e outros. E levou Regimento para ir a Baçaim a ajuntar-se com Jorge de Moura, que lá andava com outros navios, para todos em companhia de Martin Affonso de Mello Capitão de Baçaim irem dar hū grande castigo ao Rey de Collé, pelas affrontas, tyrannias, e roubos, e avexações, que tinha feito nas terras de Baçaim da jurisdicção do Estado. E assim foy correndo a costa até aquella Cidade, onde já achou aquella Capitão prestes com Jorge de Moura, e todos os moradores,

dores, que na terra havia, e os
soldados de ambas as Armadas,
que por todos se ajuntariao oito-
centos homens, e mais de mil
peões da terra, em que entrava
Beitarane com quinhentos de sua
obrigação, e alguns trinta de ca-
vallo. Era este homem Gentio, e
quando Nuno da Cunha tomou
posse daquella Cidade, por lha
conceder Soltão Badur, os avós
deste homem possuhiaõ humas al-
deias grossas naquella terra visinha
á Galiana, as quaes o Governador
lhe concedeo para todos os seus
descendentes, com obrigação que
acoditiaõ ás necessidades de Ba-
gaimlem havendo guerras, com
certo numero de cavallos, e peões,
como sempre fizeraõ com muitos
gastos, e despezas suas, dando
sempre grande prova de sua fide-
lidade. Ordenadas todas as couzas,
partie

partiraõ todos para aquella jornada, levando o Capitaõ de Baçaim o guiaõ de Christo com cento e tantos homens de cavallo: com os dous Capitães D. Paulo de Lima, e Jorge de Moura se repartio toda a soldadesca, que levavaõ suas bandeiras de campo; e por mar assim nas Armadas, como em outras manchúas foraõ pelo rio de Agaçaim acima até a Fortaleza de Manorá, onde desembarcaraõ, e foraõ buscar os inimigos, que estavaõ alojados na aldeia; porém tinha o Rey de Collé em seu favor o Rey de Sarfeta, e entre todos havia sete, ou oito mil homens, com mais de quatrocentos de cavallo, em que entravaõ muitos Mogores, e outra gente branca. Emarchando os nossos em muito boa ordem, chegarã aos inimigos, e os acometerã com grande deter-

determinação, rompendo o Capitão com os de cavallo, e os dous Capitães D. Paulo de Lima, e Jorge de Moura na multidão da gente de pé, em que os nossos fizeram grandes provas de cavallaria, e notaveis façanhas, que os inimigos foram desbaratados, e os nossos ficaram senhores de todo o arrayal com todo o recheio; em que os soldados se cevarão bem; e tomando alguma folga, foram apoz os inimigos, e lhe entraram por suas terras, pelas quaes foram queimando quantas aldeias acharam, até chegarem á Cidade Darija, a qual saquearam, e abrazaram; e o mesmo fizeram a outra chamada Verém; e depois de se haverem satisfeitos com tantos danos, se tornaram a recolher em muito boa ordem.

O Capitão com a gente de cavallo na vanguarda; e D. Paulo de

97 *Vida de D. Paulo*

de Lima, e Jorge de Moura na re-
taguarda, governando hum hum
dia, e outro outro; e como o ca-
minho, por onde haviaõ de passar,
era por entre ferras por passos mui-
to estreitos, e difficultosos, os fo-
raõ os inimigos atalhar por cima
das ferras, donde fréchavaõ os nos-
sos, e derrubavaõ alguns: mas a
nossa espingardaria tábem fez nel-
les bem de emprego, e foy a cou-
za de feiçaõ, que quasi estiveraõ
os nossos desordenados, e se naõ
fora o esforço de D. Paulo de Li-
ma, e Jorge de Moura, que nesta
jornada mostraraõ todo o seu valor;
e depois que sahiraõ daquellas es-
treituras, se deixou ficar atrás Ma-
noel Ferreira de Figueiredo, hum
Capitaõ da Armada de D. Paulo de
Lima, com toda a gente do seu na-
vio; e os Mouros de cavallo, que
hiaõ ja fugindo dos nossos, foraõ
dar

dar com elles, e posto que se puzeraõ em resistencia, foraõ alcançados, e mortos; o que D. Paulo de Lima sentio muito pela desordem do seu Capitaõ. E assim foraõ os nossos com esta vitoria ter a Baçaim, onde D. Paulo de Lima se embarcou na sua Armada com aquelle navio, e outro menos; e andando na paragem de Tambona, encontrou com cinco, ou seis parõs de Malabares, os quaes cometeo com grande determinação, e houve entre todos huma muito arrezoadada batalha, em que D. Paulo de Lima fez o officio de quando pelejou com o Canatale, que foy o de esforçado Soldado, e valeroso Capitaõ; e por fim rendeo hum navio, ou dous, e os mais se acolheraõ. Na briga o desamparou hum Capitaõ seu, que vio os touros de longe. D. Paulo chegou

gou a Goa, onde o Vifo-Rey o recebeu com muitas honras, e a seus Capitães, e soldados fez mercês; e ao Capitão, que o deixou, indo ao Vifo-Rey a beijar-lhe o sayo, lhe disse que fosse beijar a mão a sua mãy: porque era filho de Goa, fidalgo, e muito mimozinho.

CAPITULO XI.

D. Paulo de Lima vay por Capitão de huma galeota duas vezes; huma em companhia de D. Luis Dataide a tomar a Fortaleza de Barcellor.

A Cidade de Barcellor na costa Canará he a mais antigua da India. Governar-se por Senadores como Republica: he izenta, só ao Rey de Bisnagá tem huma certa sumissaõ, porque o tem tomado
por

por seu Protector ; e assim pelo governo , que sempre teve , se sustentou , e cresceu tanto , que não havia em toda a costa da India outra , que tanto se conservasse , e fosse tão rica. Porque quando nós descobrimos a India , havia nella muitos chatins ; que são mercadores , que tinhaõ dous , e tres candins de pagodes douro , que são sessenta alqueires , moeda mais pequena que tremoços secos ; e posto que vieraõ a desfallecer muito , porque lhe tomaraõ os Portuguezes o trato do mar , que elles possuhiaõ , e por elle enriqueceraõ tanto , não perderaõ nunca a soberba , porque sempre a tiveraõ grande. E porque aquelle rio he grande escala de arroz , e nossas náos hiaõ carregar alli para Ormuz , e nossas Armadas a prover-se , nos faziaõ elles grandes tem-
rezões ,

rezões, e havia cada dia muitas alterações, e com isso proviaõ os Malabares de todo o arroz necessario; porque destes rios levavaõ elles no cedo, primeiro que nossas Armadas sayão fóra, todo o que lhe era necessario. E a respeito dos Portuguezes tinhaõ feito hũa Fortaleza no rio sobre hum tezo, para defenderem aos nossos a passagem para a sua Cidade, que ficava mais acima; e succedendo invernar os annos atrás alli naquelle rio huma caravella nossa, que hia para Ceilaõ, e haver entre os Portuguezes, e chatins muitas differenças, por estas rezões allentou o Viso-Rey D. Luis Dataide de ir sobre aquella Cidade, e castigar aquelles levantados, para a qual jornada se começou a fazer prestes.

Tanto que as náos do Reyno vieraõ, convocando ajuda das
Cida-

Cidades da India , donde lhe acodiraõ muitos Fidalgos , e Capitães , e navios ás suas custas ; e depois de despachar as náos , de que veo por Capitão mór Jorge de Mendoça , no anno de setenta em Dezembro se embarcou , levando huma muito grossa Armada , cujos Capitães eraõ os seguintes : o Viso-Rey na galé Baltarda , D. Francisco Mascarenhas o Palha na galé Vitoria , D. Jorge de Menezes Baroche na galé S. Sebastião ; D. Fernando de Menezes de Vasconcellos neto do Arcebispo D. Fernando na galé Santa Catharina , Antonio Botelho na galé S. Jorge , D. Pedro de Castro na galé Chagas , Ayres Telles de Menezes na galé S. Tiago , D. Manoel Rolim na galé S. Miguel , Ruy Gonçalves da Camera na galé Loreto , e D. Pedro de Menezes na galé Pes-

96 *Vida de D. Paulo*

foa. Sete galeotas mais, de que eraõ Capitães Luis de Mello da Sylva, D. Paulo de Lima Pereira, D. Nuno Alvares Pereira filho do Conde da Feira, D. Francisco de Almeida, que ainda hoje está no Tribunal da India, Fernão Telles, que foy Governador da India, D. Diogo de Menezes, que foy tambem Governador da India, Christovão de Bobadilha filho de Antonio de Saldanha, D. Francisco da Costa, e Manoel de Mello, que foy Monteiro mór.

Dos mais navios, fustas, e catures foraõ estes Capitães: D. Lourenço Dalmeida, D. Diogo de Castro, Antonio Cabral, D. Francisco de Souza, Luis da Costa, Diogo Ribeiro Cahema, Duarte Pereira, Pero Pereira, João Dornellas, Pedro Coelho da Sylva, João de Figueiredo, João de Freitas,

de Lima Pereira. 97

tas , D. Francisco de Noronha ,
Aleixo de Souza , Francisco Bote-
lho , Tristaõ da Cunha , Gonçalo
Vaz de Camões , Gaspar de Sá ,
Ruy de Souza , Ruy Pereira de
Sampayo , Vicente de Saldanha ,
Miguel Telles , Jorge da Sylva ,
João Correa de Brito , João da Syl-
va Barreto filho bastardo do Go-
vernador Francisco Barreto , D.
Luis de Castelbranco filho de D.
Fernando de Castelbranco Cama-
reiro mór de ElRey , D. Diogo
Dataide filho de D. Alvaro Datai-
de , irmão bastardo do Conde da
Castanheira , Manoel de Siqueira,
Christovaõ Juzarte Texaõ , Henri-
que Barbosa , Manoel de Oliveira
de Azevedo , João Barriga Simões,
Alvaro Lopes da Costa , Pedro da
Sylva de Menezes , Christovaõ do
Amaral , Vicente Carvalho , João
de Abreu Sargento mór , Christo-

vaõ Fernandes homem da terra em huma galeota sua, com que veõ de Cochim. Levou dous galeões de provimentos, Capitães Francisco Barradas, e Amador Gilaõ. Levaria nesta Armada tres mil homens, ou mais.

Chegando a Barcellor, o Viso-Rey entrou orio, e desembarcou com toda a gente posta em armas, e ordenada em bandeiras, e foy marchando para a Fortaleza, que estava sobre hum tezo, no qual os inimigos estavaõ muy fortificados. Começaraõ a dispender sua artilharia, e grande numero de arcabuzaria, que veõ fostigando por entre os noslos, e foy a couza de feiçaõ, que disse hum certo Fidalgo ao Viso-Rey, que parasse, que já hia adiante quem rebatesse as forças aos inimigos. Luis de Mello, que hia perto do Viso-Rey, que
ouvio

ouvio aquillo , respondeo alto :
*Ide , Senhor , por diante , e se
vos matarem , de redor de vós le-
vais mais de vinte Capitães , que
podem ser Viso-Reys do Mundo.*
Chegando á Fortaleza os que hiaõ
diante , a acharaõ despejada , que
naõ oufaraõ os inimigos a esperar
nella os nossos , e assim entrou den-
tro o Viso-Rey , e tomou posse ,
e lhe poz o nome Santa Luzia , por
entrar naquelle dia , e nomeou por
Capitaõ della a Antonio Botelho
seu primo com irmaõ , e fortificou
aquella Fortaleza muito bem , e a
deixou provida muy bastantemen-
te , e com navios no rio : dalli se
passou ao rio de Onor , onde fez
outra Fortaleza , a que poz nome
Santa Catarina, cuja Capitania deo
a Jorge de Moura colação do Prin-
cipe D. Joaõ , pay de El Rey D. Se-
bastiaõ , e como foy tempo se re-
colheo a Goa.

CAPITULO XII.

D. Paulo de Lima Pereira Capitaõ de huma galeota em companhia do Viso-Rey D. Antonio de Noronha do soccorro a Damaõ.

PARA dar rezaõ desta jornada he necessario repetir brevemente, donde nasceo a occasiaõ do Viso-Rey D. Antonio de Noronha ir ao Norte, que foy esta. O anno de 53, sendo Viso-Rey D. Antonio de Noronha, e Rey de Cambaya Soltaõ Mamede, o que poz cerco á nosa Fortaleza de Dio em tempo de D. Joaõ de Castro, que em cruezas, e maldades passou por seu tio El Rey Soltaõ Badur: pelo que tratou de o matar hum moço, que elle criára chamado Parandim, de que só se fiava, e dormia na sua camera; ou que o demonio lhe metesse em cabeça que podia ser Rey,

de Lima Pereira. 101

Rey, ou fosse induzido de alguns Capitães, em fim como quer que fosse, elle o matou huma noite ás punhaladas, e logo se apoderou dos Paços, por lhe acodirem alguns Capitães de sua valia, porque tinha ja muita posse pela privança d'ElRey. Divulgada a morte d'ElRey, acodirão ao Paço outros Capitães, entre os quaes foy hum chamado Xavalcaõ de casta Guzarate, homem muito destimido, e achando a Barandim no trono Real, que lhe cometeo lhe fizesse veneraçãõ como a Rey, embebeo hum arco, e o passou pelos peitos com huma fréchada, de que logo cahio morto; e indo-se recolhendo lhe deraõ com outra pelas espádoas, que tambem o derrubou da mesma maneira. Ficaraõ assim as couzas té acodir Madre Maluco Senhor de Baroche com dez,

ou

102 *Vida de D. Paulo*

ou doze mil cavallos , e o mesmo fizeram outros dous Capitães Thimitichan , que de Gentio se fez Mouro , e Cide Bombareque com mais de vinte mil homens , e chegando á Corte , se compuzeraõ todos tres , e repartiraõ entre si os thesouros , e mandaraõ bulcar hũ moço de sete , ou oito annos , chamado Amed Xá , que diziaõ ser filho do Soltaõ Mamede , e o levantaraõ por Rey , ficando este em poder de Madre Maluco , que governava tudo absolutamente. Foy isto máo de soffrer a Thimitichan , e ajuntando grosso poder , entrou em a Cidade Amadá , e lançou mão do Rey , e o Madre Maluco fugio para Baroche : depois teve tanto artificio , que tratou com o Rey moço que fugisse para elle , como o fez ; e estando lá algum tempo , não se achando á sua vontade ,

tade , tornou a fugir para Thimitichan , em cujo poder esteve té este anno de setenta e tres , sendo ja homem o pobre Rey , que era como huma estátua. E porque começava háver entre os Capitães grandes uniões sobre lhe darem o seu Rey , receando-se o Thimitichan que o matassem , despedio Correios ao Hechar Rey dos Mogores , que estava em Agará , pelos quaes lhe escreveu , e pediu viesse tomar posse daquelle Reyno , que elle lho entregaria com o Rey. O Mogor vendo que lhe offerciaõ sem golpe de espada couza tamanha , e que tanto desejava , partio-se muito apressado com sincoenta mil cavallos , e entrou pela Cidade Amadabá . e se apoderou do Rey , e do Thimitichan , que logo mandou em boa guarda para Agará ; e depois de se senhoriar da

da Casa Real , foy correndo as Cidades do Reyno , e fojugando-as todas até Baroche , e Surrate , e de todas tirou thesouros innumeraveis.

Estava em Dámaõ por Capitão daquella Cidade D. Luis Dalmeida filho de D. Lopo Dalmeida , o qual sendo avizado do poder do Mogor , e como se vinhaõ avisinhando seus Capitães ás terras de Dámaõ , vendo-se com muros rotos por todas as partes , e sem outra fortificaçaõ mais , que humas tranqueiras de páos metidos em huns vallos de hervas leiteiras , houve-se por perdido , e despedio logo recados apressados ao Viso-Rey, e a Baçaim, e Chaul, para que lhe acodissem ; e entre tanto se ficou fortificando o melhor que pode. O Capitão do Mogor , que com quinze mil cavallos chegou

chegou a Balsar, mandou hum Inviado a D. Luis, em que lhe mandava, *que logo despejasse aquella Cidade, que era de ElRey Hecbar, senão que a iria tomar.* D. Luis entendendo que o mais, que lhe podia danar, era a desconfiança, valeo-se dos termos da prudencia, e lhe mandou responder: *Que elle tinha avizado ao Viso-Rey da India, sem cujo recado não podia fazer couza alguma; e que em chegando a resposta, lhe entregaria a Cidade, se elle o mandasse; que entretanto visse e que lhe cumpria delle, que estava prestes para o servir.* Com isto se entreteve o Mouro, havendo que sem duvida lhe entregaria a Fortaleza, e andou fazendo seu negocio, fugeitando as Comarcas Poari, Nafami, e outras.

O recado de D. Luis chegou

gou em breves dias ao Viso-Rey ; e vendo as cartas , chamou a conselho logo , e as lêo , e disse que se fizessem prestes , porque elle havia de acodir em pelloa áquella necessidade ; e assim se começaram a preparar , e de se lançarem navios ao mar , e meter-lhes dentro provimentos ; e no principio de Janeiro de quinhentos e setenta e tres se embarcou , e se fez á véla em huma das mais potentes Armadas , que na India se fizeraõ , que foraõ cinco galeões , cujos Capitães eraõ : D. Pedro de Castro , D. Francisco Henriques , Manoel de Brito , Ayres de Souza , e Mem Lopes Carasco. Quinze , ou dezaseis galés , e galeotas grandes : Capitães , o Viso-Rey na Bastarda , D. Jorge de Menezes , Diogo de Azambuja , D. Pedro de Menezes , D. Henrique de Menezes , D. Miguel de
Cas-

Castro filho do Viso-Rey D. João de Castro, Rodrigo Homem da Sylva filho de Vasco Fernandes Homem, D. João da Gama, Francisco da Sylva de Menezes de Campo Maior. Galeotas: D. Paulo de Lima Pereira, D. Diogo de Menezes, D. Antonio de Souza, Gaspar de Brito do Rio, João de Mello de S. Payo, Manoel Furtado irmão de André Furtado, Fernão de Albuquerque. Fustas mais de sessenta, Capitães: D. João da Costa, D. Francisco Mascarenhas, D. Rodrigo de Souza, D. Felipe de Castro, Alexandre de Souza, D. Antonio de Castro, D. Martinho da Sylveira, D. Francisco de Souza, Ayres Falcão, Antonio Mascarenhas, Jorge da Sylva Pereira filho de Ruy Pereira, D. Lioniz Pereira, Martim Affonso de Mello, Diogo Lopes de Meiquita,

ta, Nuno de Mendouça, Antonio Botelho, Manoel de Miranda, Antonio de Souza Coutinho, Pedro Furtado de Mendouça, Manoel de Souza Coutinho, que foy Governador da India, Pedro Juzarte, Alvaro de Abreu Pereira, Manoel de Mello, Christovão de Tavora, Antonio Telles de Menezes, Diogo de Mello Coutinho, D. Luis de Menezes irmão de D. Diogo de Menezes, D. Sancho de Vilhena, Manoel de Saldanha, Pedro Botelho Meirelles, Lopo Vaz de Siqueira, o Inquisidor Bertholameu da Fonseca, Francisco de Mello de Sampayo, D. João Principe de Ceilaõ, Sutocan filho de Mialeçan, Agostinho Nunes filho do Físico mór, Gaspar Tavares, Polinario de Val da Rama, Estevão de Pina, Manoel Alvares, Pedro Fernandes, D. Garcia Malabar, Diogo
Dias

Dias do Preste , Francisco Pessoa ,
Estevaõ Gonçalves Capitãõ dos
Inhames , Pedro Fernandes Bro-
chado , Gregorio Botelho , Luis
Freire de Cochim , Christovaõ de
Araujo Evangelho , Joaõ Fernan-
des da Costa , Fernaõ Dalvares Do-
riente , Gaspar de Sá , Luis de Sou-
za , Gonçalo Guedes de Rebore-
do , Antonio Despinola , Francis-
co Paim de Mello , Joaõ Gomes de
Abreu de Lima , Nuno Cordeiro ,
Jeronymo Carvalho , Miguel Dias
Picoto , Fernaõ Gomes Cordovil ,
Diogo da Sylva , Lopo Pereira ,
Damiaõ Furtado , Diogo Collaço ,
Joaõ Ferreira Fialho , Alvaro Fer-
reira , Vicente Dias de Vilhalobos
Veador da Fazenda , Cosmo Du-
arte , Rodrigo Monteiro , Anto-
nio Correa Ouvidor geral , Diogo
do Quintal , o Capitãõ da guarda
com os alabardeiros , e outros.

Dada

Dada á véla esta Armada, em poucos dias chegou a Baçaim, e dalli despedio D. Diogo de Menezes com vinte navios, para que fosse a Dámaõ, e com D. Luis puzesse em conselho aquelle negocio de sua ida lá: porque os mais dos Capitães darmada eraõ de parecer que o Viso-Rey não passasse de Baçaim, e que mandasse a Dámaõ todo o poder, porque com o Mogor ter o olho em elle estar em Baçaim, havia de cuidar que ficava com elle o maior poder. Mas o Viso-Rey partio de Goa deliberado a se ir em pessoa meter em Dámaõ, porque na Barra de Goa meteo no corpo huma malha, e dizia aquelle verso: *Damas, armas, amor*. E tanto que despedio D. Diogo, ficou em terra esperando recado, onde tornou a pôr em conselho sua ida; e posto que foy contrariado

de

de muitos, todavia os mais se acomodaraõ ao desejo, que lhe sentiraõ. D. Diogo chegou a Dámaõ, em casa do Capitaõ fez ajuntar conselho, e assentou-se nelle que o Viso-Rey acodisse, porque os inimigos vinhaõ entrando pelas terras. Com esta resoluçaõ voltou, e deo os pareceres ao Viso-Rey assinados; com que se embarcou logo, e em breves dias chegou a Dámaõ, em cujo rio entrou com toda aquella potencia, que allombra o Mundo, ficando os galeões fóra, e deixou-se estar na sua galé, sahindo todos os dias fóra a visitar a Cidade, e fortificação; e porque achou a cerca muy grande, a cortou, e a fez mais restringida, e de melhor fórma para se poder defender. O Capitaõ Mogor, que estava ja em nossas terras, tanto que soube ser

o Viso-Rey chegado, não passou adiante, e despedio hum recado a lhe pedir salvo conducto para o mandar visitar, o qual o Viso-Rey lhe mandou; e porque lhe quiz mostrar sua potencia, o esperou no mar, e mandou meter os galeões no rio, e as galés no meio delles, e toda aquella maquina de fustas de longo da terra de huma, e outra parte, que não havia lugar, em que pudesse chegar huma almadia. O Mogor despedio o Embaxador, que era hum grande Capitão (diziaõ que da costa dos antiguos Reys) trazia sinco, ou seis mil cavallos, e o dia, que havia de ver ao Viso-Rey, mandou elle embandeirar a galé, e pôr-lhe seu toldo de veludo, e brocado, e alcatifar toda de popa a prôa, e ordenou que todos os Capitães se fossem para elle armados, e o mais custo-

custosamente que pudésssem; e assim acodiraõ mais de duzentos.

O dia que o Mogor havia de entrar na galé, que era huma manhã, e que entrou tambem D. Paulo de Lima muy bem armado, o Embaxador se embarcou na manchúa do Viso-Rey, em que foy Antonio Cabral, que era Capitaõ da sua galé, e o meteo dentro com os que escolheo, e no toldo della se assenton em huma cadeira de brocado, e desaferrando da terra para a galé, começaraõ os galeões suas salvas, e apoz elles as galés, e logo todas aquellas fustas, com taõ grande terror, e espanto, que se arrependeo o Mogor de se ver metido no meio daquelle labyrintho; porõ como a manhã era fresca, e o rio ficava muito mais baixo que a terra, fazia por elle hum estrondo aquella artilharia, e huns

écos tão medonhos, que metião medo. Durou isto mais de duas horas, ficando a Cidade, a terra, a Armada, e ainda o Ceo, escondido tudo no meio daquellas chãmas, e fumo, que não sabião por onde hiaõ; e assim se deteve o Mogor, sem passar adiante até aclarar o tempo, e como se descobrio, chegou á galé, e entrou pela prôa dentro, levando-o de mão Antonio Cabral, e foy passando pela coxia, olhando de huma, e outra parte aquella bizarrria daquelles Fidalgos, e Capitães, que estavaõ todos armados, e muitos d'armas branças inteiras, e como o Sol começava a nacer, que feria em seus corpos, deitavaõ de si tamanho resplendor, que cegavaõ; e assim foy até á estanteiróla, onde estava em pè D. Jorge de Menezes Alfeites mór, armado de ponto em
bran-

branco de armas riquissimas, e na cabeça huma gualtespa de aço da feição de huma vieira, cuja lua vinha sobre a testa com grandes plumagens, e nas mãos hum montante, e como elle era hum dos grandes, e fermosos homens do seu tempo, pasmou o Mogor de o ver. Ao entrar do toldo se lhe levantou o Viso Rey, que era hum homem agigantado, armado com huma saya de malha, e por cima hum tabordo, e o recebeu com honra, e o fez assentar em huma cadeira raza, e o Viso-Rey na sua de espaldas: alli lhe perguntou pela pessoa de El Rey, e de seus filhos, e pela do Chanchana, que era o Capitaõ que o mandava, e com isto lhe fez muitos offerecimentos; e depois de passada a visita, o despedio com peças muyricas, que lhe deo, e lhe disse apoz
elle

116 *Vida de D. Paulo*

elle hia logo seu Embaxador a visitar ElRey ; e ao sahir da galé o tornaraõ a salvar com o mesmo estrondo , de maneira que quando o Mouro chegou a seu arrayal , hia taõ assombrado , que nem fallava , nem ouvia , e lá disse o que vira , do que espantou a todos.

O Viso-Rey despedio logo Antonio Cabral por Embaxador ao Rey Hechar , e lhe mandou hũ rico presente , e foy muy bem acompanhado de muita gente de cavallo , e em companhia daquelles Capitães Mogores foy a Baroche , onde ElRey estava ; o qual o mandou receber por seus Capitães , e elle o fez com grande magestade ; e depois de muitos cumprimentos , tratou do substancial , que era , mandar-lhe dizer o Viso-Rey que ElRey de Portugal seu Senhor era muy grande seu amigo , e que de-

sejava

sejava muito ter com elle paz, e amizade, e que elle em seu lugar se lhe mandava offerecer para tudo, o que cumprisse a seu serviço com aquella Armada, e poder; a que tudo o Mogor respondeo em fórma, e veo a concluir que queria ser amigo de ElRey, e do Estado, e lhe mandou logo passar hum soberbo formaõ, em que concedia a ElRey de Portugal a Cidade de Damaõ com todas as suas terras, e jurisdicaõ, assim como as possuia; e defendia que nenhum Capitaõ seu inquietasse suas terras sobpena de morte. E com isso jurou as pazes, o que fez Antonio Cabral tambem em nome do Viso Rey, e le despedio muito satisfeito, e muito mais o ficou o Viso Rey de segurar aquella Cidade e terras, que correrã muito risco, se não acodira a ellas em pestuõ.

CAPITULO XIII.

De hum omizio, que succedeo a D. Paulo, pelo qual lhe foy necessario ir-se para Ormuz, onde se casou.

Fnvejosa a fortuna das felicidades deste Fidalgo, e das que mais podia ter, se as naõ atalhasse, o fez por hum caso, que lhe deo bem de trabalho, cortando-lhe o fruto quando se hia sazouando, e succedeo assim. Ja disse como este Fidalgo era muito gentilhomen, e com outros doens, que a natureza com elle repartio liberalmente; e como neste tempo estava na flor de sua idade, que seria de trinta e quatro annos, em que o appetite sensual reina mais, fez algumas travessuras da carne, por que se pudera

déra passar , se não foraõ com algumas casadas , principalmente neste tempo em que se embarcou com huma mulher de muita fermosura , que he o cebo da mancebia , a qual era casada com hum homem rico, e abastado. E correndo os amores , e continuando-se as visitas , a derradeira em que a fortuna , como disse , lhe tinha armado , tendo-o ella recolhido em huma torre de suas casas , foy o marido avizado , e como tinha muitos escravos Jáos , Chinas , e outros , deo-lhes armas , e elle as tomou , e cometeo a porta , que D. Paulo lhe defendeo com muito valor com huma espada , e rodella , em que era muito d'estro. E vendo-se apertado , em que era forçado morrer , determinou a ser no meio daquellas armas , e não encurilhado , e assim pondo o remedio

no

no braço , rebentou pela porta , e cortou pelo meio daquellas lanças , e alabardas ; de que me não lembra se foy fangrado , e varando pelas portas , que estavaõ abertas , sahio á rua quasi sem folgo. A triste mulher vendo a defaventura , com o temor da morte se deitou por huma janella fóra , e em baixo se despedaçou ; cuido que ainda assim a acabou o marido , o qual ao outro dia foy dar huma querrela de D. Paulo de Lima ; pelo que lhe foy forçado passar á outra banda da terra firme , fronteira ao Paço de Naroá , e alli esteve algum tempo com dez , ou doze soldados , criados , e escravos com espingardas , partezanas , e lanças. E como aquelle sitio era muito custoso , e arriscado , e não poderia aturallo , tratou por todas as pessoas graves assim seculares , como

on Reli-

Religiosos de seu perdão; e o mais que puderaõ acabar com o que o accusava foy, que lhe perdoava com condiçaõ, que se fosse fóra de Goa; o que elle accitou, e assim se passou á Fortaleza de Ormuz, aonde esteve algum tempo. Havia naquella Cidade hum Fidalgo de Portalegre chamado Fernão de Montaroy de muitos serviços, e merecimentos, e hum dos avizados homens, com que na India falley, e que mais sabia da Corte, e dos homens, que todos, o qual fora alli ter darmada, e naquella Cidade casou com huma filha de Garcia de la Penha, gente muito nobre, e rica, e assim o tempo, que alli viveo, foy dos principaes, e mais abastados da terra. Tinha havido nesta mulher huma filha muito fermosa, como o foy sua mãy, chamada D. Beatriz, que se-
ria

ria de dezoito annos ; e vendo alli aquelle Fidalgo perseguido da fortuna , e que ja estava despachado com a Fortaleza de Chaul , tratou de o casar com a filha , e assim o veo a effectuar , dando-lhe dez , ou doze mil cruzados em casamento ; e posto que este Fidalgo naõ estivera taõ acossado da fortuna , e em tanta necessidade , naõ pudéra casar melhor , havendo de o fazer. Viveo algum tempo em Ormuz , e parecendo-lhe que era necessario tratar de seu livramento , porque se lhe chegava o tempo de sua Fortaleza , veo-se para Goa com sua mulher , cuidando que em principio do governo do Conde da Touguia da segunda vez , ou antes delle no de D. Diogo de Menezes ; e porque ficava quebrado o perdaõ , andou escondido , e o Viso-Rey , Fidalgos velhos , e Religiosos

ligiosos muy graves, trataraõ muitas vezes de seu perdaõ com aquelle homem, buscando-lhe todos os meios possiveis para isso, sem o poderem acabar com elle. Até que hum dia de grande Jubileo no Mosteiro de S. Domingos, estando este homem lá, e tendo os Prelados avizo do negocio, chegou a mulher de D. Paulo a elle, e se lhe lançou aos pés, e com infinitas lagrimas lhe pediu pelas Chagas de JESU Christo quizesse perdoar a seu marido, porque andava desterrado, e ella descaçada de elle; que bem conhecia a rezaõ, que tinha para tudo; mas que acabassem com elle aquellas lagrimas, e aquelle Christo, por cujo amor lho pedia. Os Prelados acodiraõ alli, e fizeram seu officio muy bem. O homem vendo aquella mulher taõ desconsolada, e aferrada com seus pés,

pés, lhe respondeo que por amor de Christo, por que lhe pedia, e por amor della elle lhè perdoava; mas que lhe pedia que se não encontrasse com elle, nem passasse pela rua, em que vivia. Ficou D. Beatriz consolada, e fezle-lhe perdao naquella fórma, que D. Paulo cumprio á risca; porque entendeo bem a muita rezaõ, que o homem tinha da sua parte. Este auto alegrou a todos, porque era D. Paulo de Lima muito amado geralmente do povo por suas qualidades, e assim se acabaraõ seus destellos, e ficou habilitado para entrar em sua mercê.

CAPITULO XIV.

D. Paulo de Lima Pereira Capitão de dez navios ao Norte, e entra em Dabúl, onde pelejou com outros dez de inimigos, que destruiu, e desbaratou, e queimou muitas povoações pelo rio dentro.

PRimeiro que trate da jornada, que D. Paulo fez ao Norte, o farey das rezões, porque foy eleito para esta Armada, e a que effeito o mandou nella o Conde da Touguia D. Luis Dataide. Andando alguns navios nossos aventureiros na costa do Norte, dos quaes eraõ Capitães D. Jeronymo Mascarenhas, D. Diogo da Sylveira, D. Antonio seu irmão, e outros; entraraõ no rio de Dabúl, quarenta e duas

é duas legoas de Goa, a se refazerem de algumas couzas, e todos estes Capitães, sómente D. Jeronymo Mascarenhas, desembarcação em terra, pelos mandar convidar Melique Tojar Tanadardali, e foraõ ao banquete sem armas. E estando em sua casa, tendo a gente ja para aquella treição, mandou dar nelles, e matação a maior parte, e os que puderaõ fugir para as fustas, o fizeraõ, e com aquelle impeto chegaraõ apoz elles á praya, e entraraõ de romania a fusta de D. Jeronymo Mascarenhas, a que elle acodio com huma espada, e rodella com alguns soldados, que tinha, e brigou taõ valerosamente com os Mouros, que os lançou fóra do seu navio, e se veo para Goa.

Vendo o Governador D. Diogo de Menezes aquella maldade, e
trei-

treição, estando de paz comnosco, despedio a D. Pedro de Menezes filho de D. Manoel de Menezes, para ir invernar a Chaul, e negociar huma Armada, com que nella sahisse a esperar as náos, que havião de vir de Meca, e para fazer na costa do Idalxá toda a guerra, que pudesse. O que D. Pedro de Menezes fez muito bem, e pelejou com duas náos, que fez dar á costa, por ser o tempo muito grosso. Andando elle nesta obra, chegou D. Luis da Taide Conde de Atouguia segunda vez por Viso-Rey da India em o fim de Agosto de setenta e oito; e informado do que tinha acontecido aos nossos, ordenou a D. Pedro proseguisse na guerra, mandando outras Armadas áquella costa para isso, e fazendo-a o Viso-Rey em pelloa ao Idalxá pelos rios de Goa dentro em

suas povoações; o que continuou até o Idalxá pedir pazes, e dar satisfação ao Estado com degradar de Dabúl o Melique Tojar autor da morte daquelles Fidalgos, e que nunca mais tornaria a Dabúl. E sendo informado, que neste anno de oitenta e hũ tornára o Melique Tojar ao cargo de Tanadar de Dabúl, e que fazia prestes huma não para Meca, para a deitar fóra sem cartaz a despeito do Estado, contra o tratado das pazes, quiz acudir áquillo, e defender-lhe a navegação, e ainda destruir-lhe sua costa. Para esta jornada elegeo D. Paulo de Lima Pereira, porque sabia, que havia de fazer o que elle pretendia muito bem; e assim o despedio com dez navios, em que entravaõ duas galeotas, em que se embarcou a melhor, e mais lustrosa soldadesca da India, e lhe deo
o titu-

o titulo de Capitaõ mór, e General de toda a costa do Norte, com poder sobre todas as Armadas, e navios, que por ella andassem; dando-lhe por Regimento que encontrasse o rio de Dabúl, e queimasse a náo, que se fazia para Meca, e que fizesse toda a guerra, e hostilidades, que pudesse, por aquella costa. Os Capitães, que o acompanharaõ, são os seguintes. Jorge da Sylva Coelho, Duarte de Mello, Gonçalo Coelho, Ignacio Nunes, Gonçalo Tavares, Nuno Vaz de Castelbranco, Duarte da Sylva, D.Francisco de Sá, e outros!

Seguindo este Capitaõ sua derrota, aos quatro dias chegou perto de Dabúl, onde tomou algumas almadias de pescadores, os quaes mandou meter a tormento, para saber delles o modo de como o Melique Tojar estava fortificando,

230 *Vida de D. Paulo*

do, e o estado, e lugar, em que a não estava, de que lhe não de-
raõ verdadeira informação, ao me-
nos a seu gosto; pelo que foy pas-
sando adiante até chegar ao rio de
Dabúl, cuja entrada estava taõ pe-
rigosa, que se não fora cahir aquil-
lo no peito deste grande Capitão,
que se não rendeo nunca a medo,
não se poderia cometer, pelas mui-
tas carrancas, que sua entrada mos-
trava, de fortes, e grandes balu-
artes de todas as partes, tranquei-
ras, e fortificações muy intrica-
das, guarnecidas de grossa, e po-
derosa artilharia, e entulhados da
gente de guerra, e de muita arca-
buzaria; e pela terra de longo da
praya seis mil homens de cavallo,
que ja meteraõ de outra vez espan-
to, e terror a quatro Armadas,
que sobre aquella Barra estiveraõ,
que quando entraraõ, foy com
gran-

grandes receios , e perigo de se perderem. Em fim D. Paulo de Lima, que levava Regimento que entrasse o rio , e queimasse a não , nada do muito que vio o espantou ; antes tomando o remo em punho ; foy entrando pelo meio daquelles perigos , e por entre fumo taõ espesso das grossas , e ameudadas bombardadas , que lhe escondiaõ o caminho , por onde havia de passar ; o qual elle , como Capitãõ valeroso , foy diante mostrando aos seus , chovendo sobre os navios coriscos , e bombas de temeroso fogo , que de todas as partes lhe atiravaõ ; e assim por entre tanto genero de morte passou até o largo do rio , onde surgiu. E sabendo que a não , que havia de vir para Meca , estava metida pelos estreitos dentro , e descarregada ; pelo receio que teve da Armada ;
porque

132 *Vida de D. Paulo*

porque lhe não ficasse aquella entrada sem alguma satisfação, foy logo cometer duas náos do Idalxá, que estavaõ na povoação da Natiaria envazadas, e cheias de agoa, e com muita gente dentro, e artilharia, e por terra todo o mais poder, correndo de huma, e outra parte para as favorecer. E chegando ao lugar da bateria, descarregou nellas por grande espaço muitas cargas, que fizeraõ nellas grande destroço, e dellas foy tambem muy bem fustigado, e da terra o mesmo; e vendo que na parte, em que estava, não havia desembarcadouro para as poder ir queimar, foy-lhe necessario retirar-se, e depois de descansar, foy pelo rio acima com a maré, e desembarcou em muitas partes, em que queimou, e abrazou muitas povoações, aldeias, mesquitas, pagodes,

godes, e tomou dous navios de remo, que mandou logo desfazer; e assim se deixou andar alguns dias por aquelle rio fazendo muito espantosa, e cruel guerra ao inimigo. O qual vendo os notaveis danos, que tinha recebido, além da affronta grande de lhe entrar em sua casa pelo meio de tantas fortificações, determinou de se satisfazer, e despedio huma mancha ligeira a chamar Carrale, e Mandavirai, dous collarios Malabares, que com cinco galeotas andavaõ para a parte de Chaul, mandando-lhes cometer grandes partidos para virem pelejar com a nossa Armada; e entretanto ficou armando outros cinco navios, que tinha, os quaes forneceo de Parseos, Turcos, de Canis, e outras nações, e lhes meteo sua artilharia, e muita espingardaria para se ajuntarem

134 *Vida de D. Paulo*

aos Malabares, que logo chegaram muy soberbos, e se forão surgir na Cidade, onde se virão com o Melique Tojar, o qual os persuadio a irem pelejar com os nossos, affirmando-lhes que estavaõ faltos de munições, pelas terem gastadas na bataria, que deraõ ás náos, e dando outras rezões, com que lhe facilitaraõ tanto a vitoria que haviaõ, que a tinhaõ nas mãos; entregando-lhes os outros cinco navios, que tinhaõ prestes com mais de quinhentos homens das castas que disse. E além disso mandou ajuntar grande numero de parós, e almadias, para em quanto a peleja durasse, os mandar cevar com gente, e munições; o que tudo foy no mesmo dia, em que chegaram, por estar tudo prestes. Logo arrancaraõ todos juntos da face da Cidade com grandes gritos, vozearias,

zearias, tabalinhos, trombetinhas; e outros instrumentos, de q̄ usão; e pela terra fervia a gente de cavallo, e as almadias pela praya, para verem aquelle espectáculo, que esperavaõ, e vitoria, que cuidavaõ que tinhaõ nas mãos.

D. Paulo de Lima com ver aquelle caso taõ repentino, não perdeu por isso o animo; antes com muita ordem preparou os seus navios, pondo-os em ála, e nos cabos cada huma sua galeota as mais possantes, e elle com a sua no meio, fazendo, o mais breve que pode, huma falla aos Capitães, e soldados, em que lhes lembrou as obrigações que tinhaõ a pelear pela Ley, pelo Rey, e pelas vidas; e como os inimigos se vinhaõ chegando, disse aos Capitães que não dispendessem a munição, senão depois dos inimigos descar-

descarregarem suas cargas. E com grande confiança se poz ao pé da estanteiróla armado de armas ligeiras, e fortes, e huma espada, e rodella, taõ seguro em seu animo, que me affirmaraõ algumas pessoas da sua galeota q̃ se lhe naõ enxergou mudança alguma, senaõ muita alegria, e gosto de se ver naquelle estado, em que esperava de lhe dar Deos Nosso Senhor huma muito honrosa vitoria.

Os inimigos, que vinhaõ com sua determinação, chegando a tiro de berço, despararaõ a tormenta de sua artilharia, que era muita, por serem as galeotas dos Malabares de camellos; e depois de passado o nevoeiro, que ficaraõ os inimigos descubertos, descarregaraõ os nossos navios com grande ordem toda a sua carga, que como estavaõ ja mais juntos, fez

fez nos inimigos maior emprego , e com aquella furia se investiraõ todos ; e como eraõ iguaes em numero , mas naõ em poder , pelo seu ter tres vezes dobrado , pegou cada hum de seu navio , e assim como lhe cahio a lanço D. Paulo de Lima , investio huma das galeotas Malabares , que mostrava mais bizarrisse , e trazia mais galhardetes , e ficando abordados , poz D. Paulo os olhos nos seus , e levantou a voz , dizendo aquillo de David : *Propitius esto mihi maximo peccatori.* E remetendo com os inimigos , chamando pelos seus soldados , que o seguissem , lanço-se na galeota acompañado dos principaes , e entre os Mouros fez tantas cavallarias , taõ alegre sempre , e risonho , que causava nos seus dobrado animo , e assim em breve espaço axorou a galeota , metendo á espa-

á espada a maior parte dos Mouros, e a outra se lançou ao mar bem escalavrados todos.

Os outros Capitães cada hũ rendeo a que lhe cahio em forte com muito valor, e esforço; e Duarte da Sylveira o fez a huma galeota a que deo tũa, e vindo-se com ella ao Capitão mór, encontrou outro navio dos inimigos abrazado em fogo, do muito que lhe lançou o Capitão, que com elle pegou, e chegando-se a elle, tambem lhe deo tũa, e com ambos se foy ao Capitão mór, que ja estava com a vitoria arrematada, e o mesmo fizeraõ os outros Capitães com o que rendeo: só hum escapou, que se acolheo a levar novas a Melique Tojar da grande destruição, que ficava feita na sua Armada, de que escaparaõ poucos, sem da nossa haver dano notavel, mais

mais que dous , ou tres mortos , e alguns feridos.

D. Paulo de Lima vendo tamanha mercê de Deos , deo-lhe graças prostrado por terra , e logo correo todos os seus navios , e com palavras muito honradas , e prudentes deo muitos louvores aos Capitães , e soldados , e mandou curar os feridos , e não quiz botar ao mar os mortos , por irem ter a terra , e depois o fez no mar largo. Concluído tudo , sahio se o mesmo dia pela Barra fóra por entre todas aquellas carrancadas dos fortes , tranqueiras , e baluartes , que o Melique Tojar tinha reforçados ; e ao sahir mataraõ hum soldado chamado Fabiaõ Magro , ao qual tinhaõ dado huma espingardada , cujo pilouro lhe ficou metido na firma dos calções , sem cahir , nem lhe fazer dano ; e mostrando-o

trando-o elle a Nuno Vaz de Castelbranco, que foy para lhe tirar o pilouro, lhe disse elle que lho deixasse ficar, porque lho não havia de tirar dalli, senão sua dama: e como Deos he Juiz justo, e lhe aborrecem muitas ingratições, vendo que lhe não déra graças nenhuma em seu coração pelo livrar daquelle perigo, antes hia com o tento em suas maldades, e torpezas, encaminhou hum pilouro, que o foy matar, estando deitado dentro no toldo da fusta. E assim se sahio D. Paulo de Lima, deixando muito bem vingada a morte dos Fidalgos aventureiros, que alli matou o Melique Tojar á treição, e satisfeitas as affrontas, que este Mouro tinha feito ao Estado.

Dada á véla a Armada, chegou a Goa com a Armada inimiga na popa da sua, com o que veo
dando

dando huma fermosa salva pelo rio dentro , acodindo ao Caes toda a Fidalguia , e povo de Goa a receberem este Capitaõ famoso, a quem Deos tinha feito tantas mercês , e chegando ao Caes , poz as prõas nelle. Aqui succedeo huma galantaria de D. Martinho da Sylveira. Tinha elle emprestado a D. Paulo huma copia de prata de seu serviço para o da sua galeota , e pondo ella a prõa em o Caes , o primeiro que entrou foy elle , e chegando a D. Paulo , lhe disse estas palavras : *Senhor , mande-me V. m. dar a minha prata , porque lha não emprestey para a arriscar tantos por tantos.* Ao que lhe elle respondeo: *Que onde se arriscava hum tamanho servidor seu , tambem se podia arriscar a sua prata.* D. Paulo desembarcou com todos os seus Capitaes , e soldados , armados com

com as melinas armas , com que pelejaraõ , e foy-se a casa do Viso-Rey D. Luis de Ataide , que o veo receber á porta da sala , e o levou nos braços , dizendo-lhe estas palavras : *Senhor D. Paulo , que determina V. m. ? Quer que lhe demos todos peçonha ?* D. Paulo com muita graça lhe respondeo : *Peçonha trazem as minbas armas para os inimigos em tempo de V. Senhoria , cujos estes effeitos , e vitorias todas são.* E depois abraçou todos os Capitães , e soldados , com que não se teve palavras , senão obras , porque a todos fez mercês , e deo muito dinheiro ; e alli disse a D. Paulo que se reformasse logo , e tornasse a correr aquella costa , o que D. Paulo fez com muito gosto. E no principio de Março sahio pela Barra fóra muy bem negociado , porque o

Viso-

Vifo-Rey D. Luis era muy próvi-
do de tudo. E depois d'elle parti-
do, dahi a dous dias falleceo o
Conde D. Luis, porque nos dias,
que D. Paulo se deteve em se aviar,
adoeceu, e em fim morreo, e lhe
succedeo Fernão Telles, que es-
creveo a D. Paulo, dizendo que
estava esperando por elle com ou-
tras tantas galeotas á tóa. Este Fi-
dalgo foy sua derrota a Dámaõ,
por levar Regimento que fosse a
Surrate impedir que não sahisses
duas náos, que se faziaõ prestes
para Meca; e em Dámaõ soube
do Capitaõ, e Veador da fazenda,
que já tinhaõ dado fiança a torna-
rem a pagar os direitos nas Alfán-
degas de ElRey, com o que vol-
tou; e vindo-se recolhendo, para
que nem aquella vez fosse sem pre-
za, encontrou huma fusta de Ma-
labares, que neste Capitaõ tinhaõ

o seu flagello, a qual tomou, trazendo consigo grande copia de navios de mercadores, a que veodando guarda até a Cidade de Goa, que ficou cheia de fazendas.

CAPITULO XV.

Cabe a D. Paulo de Lima entrar em a Fortaleza de Chaul: no caminho toma hum paró de Malabares.

Ficou D. Paulo de Lima descansando de quantos trabalhos tinha levado em seu desterro, e no serviço de ElRey até Abril de 83, em que lhe cabia entrar na Capitania da Fortaleza de Chaul, de que estava provido, para a qual o Conde D. Francisco Mascarenhas o despachou muito bem, com muitos favores, e liberdades; e

no

no tempo acima dito se embarcou para se ir para ella, levando em huma galeota sua mulher D. Beatriz, indo na sua companhia alguns navios de mercadores, a que foy dando guarda. E porque não lhe ficasse jornada, em que os inimigos não provassem seu ferro, ainda nesta indo com sua mulher tomou hum paró de Malabares, e a todos passou pela espada. Chegou a Chaul, tomou posse da sua Fortaleza, em que esteve tres annos, tão bemquisto de todos, que quando acabou seu triennio, ficaraõ chorando por elle. Foy Capitão recto de justiça, pouca cobiça, nunca avexou os moradores no meneio de sua fazenda; porque como era Fidalgo virtuoso, temia a Deos em materias de encargos, e assim sem elles tirou da sua Fortaleza ao redor de setenta mil

xarifes, com que se veo para Goa com tenção de passar logo ao Reyno, e aposentou-se alli até ser chamado para ir destruir a Cidade de Jor, como logo direy.

CAPITULO XVI.

D. Paulo de Lima he eleito para ir soccorrer a Fortaleza de Malaca, que o Rey de Ujantana tinha de cerco.

SEndo mez de Março de oitenta e sete chegaraõ a Goa cartas de Malaca, em que o Capitão, e povo representavaõ ao Viso-Rey D. Duarte ficar El Rey de Ujantana com grosso poder sobre aquella Fortaleza, affirmando que se naõ a soccorressem, sem duvida se perderia. Pelo que o Viso-Rey chamou logo todos os Capitães velhos

velhos a conselho, e lhes mandou ler as cartas pelo Secretario, e sobre isso mandou a Jeronymo Rebello lhe dêsse relação das couzas daquella Cidade, como fez. O que visto por todos, votaraõ que se lhe mandasse huma poderofa Armada com poder bastante para castigar aquelle inimigo, porque outra vez naõ intentasse semelhantes danos; porque se dissimulassem com elle, estava muito certo ser sempre visinho muy molesto, e importuno, e que cada anno meteria a India em revolta; pelo que o bom seria de huma vez cortar-lhe as raizes, e deitallo fóra daquelle lugar.

Com esta resolução quiz logo o Viso-Rey pôr em ordem aquelle negocio, e mandou logo concertar os navios para aquella jornada, e ajuntar mantimentos, munições, e petrechos necessarios.

E por-

E porque o Estado estava falto de dinheiro, e de soldados, e navios, por andarem darmada, não vio donde melhor se pudesse valer, que das Cidades do Estado, que para semelhantes soccorros estive-
raõ sempre prestes com grande lealdade, e zelo do serviço de Deos, e de ElRey. Despedio Manoel Rebello seu Capitaõ da guarda, e com elle Jeronymo de Lima com cartas para as Cidades de Chaul, e Baçaim, e para as pessoas principaes dellas, nas quaes lhe representava as necessidades do Estado, e o trabalho, em que a Fortaleza de Malaca ficava, pedindo-lhes o soccorressem com dez, ou doze mil pardãos de emprestimo, dos quaes se pagassem em si proprios nos fóros de suas aldeias; para o que logo lhe passou Provisões muito largas, e escreveu a Balthasar
de

de Siqueira Veador da fazenda daquellas Fortalezas lhe mandasse com muita presteza todos os mantimentos, munições, remos, ciffas, cotonias, e todas as mais couzas necessarias para o provimento da Armada.

Despedido este recado, que foy logo, fez chamamento dos officiaes da Camera da Cidade de Goa, a qual sempre esteve offerecida a estes successos do serviço de ElRey, em satisfação dos quaes a tem os Viso-Reys, e Governadores taõ atada, e lhe guardaõ taõ mal seus privilegios, que muitos delles, té eleições que são livres, se não faz senão o que querem: sobre o que tem clamado aos Reys, e mandado ao Reyno seus Procuradores, sem terem mais respeito que tornarem-na a meter logo nas mãos dos Viso-Reys, os quaes
nunca

150 *Vida de D. Paulo*

nunca haõ de largar a maõ da jurisdicaõ, que sobre ella tem tomado. E deixando esta materia, em que havia bem por onde cortar a penna, tornemos aos Vereadores, que foraõ chamados, aos quaes o Viso-Rey representou com muitas palavras o grande risco, em que ficava a Fortaleza de Malaca, e quanto importava soccorrella logo, porque acontecendo por descuido hum desastre, perderse-hia o commercio da China, e Japaõ, de que todos os moradores da India, e o Estado se sustentavaõ; e que pois por entaõ naõ havia, com que lhe poder soccorrer, por naõ haver dinheiro no thelouro, pelas muitas despezas que eraõ feitas nas guerras, que se alevantaraõ, que lhes pedia o quizessem ajudar com aquelle seu taõ antigo zelo, e lealdade, que sempre se achou naquella

la

la Cidade nas couzas daquella qualidade ; porque feria deshumanidade perder-se á mingoa huma Cidade taõ importante ao Estado da India , e na qual todos tinhaõ parentes , e amigos naturaes , e tantos Templos , Religiosos , e innocentes : que lhes pedia em nome d'ElRey , a quem elle representaria aquelle tamanho serviço , para que lho satisfizessem em honras , e mercês , lhe emprestassem vinte mil pardãos , para com elles , e com os mais , que pudésssem ajuntar , supprir a necessidade taõ urgente , e necessaria , e que delles se pagariaõ logo nas rendas de Sallete , as quaes dalli em diante assignava para isso em seu poder té serem pagos daquella quantia ; e que para maior satisfação sua lhes daria todas as seguranças , que mais quizessem. Os Vereadores ,
que

152 *Vida de D. Paulo*

que eraõ Francisco Peixoto, Christovão da Costa, e Francisco de Andrade, lhe responderaõ q̃ muito bem viaõ o estado das couzas, e a necessidade de Malaca; que fariaõ chamamento do povo, e o perluadiriaõ tudo o que pudésssem, que ElRey fosse servido naquelle particular, e em todos os mais, e que ao outro dia lhe levariaõ a resposta.

CAPITULO XVII.

Do que mais passou nesta eleição.

PAssado aquillo, foraõ os Vereadores á Camera, e fizeraõ logo chamamento das pessoas principaes, e lhe representaraõ o que o Vifo-Rey lhes disse, e lhes lembraraõ a obrigação, que todos tinhaõ de soccorrer a Fortaleza de Malaca, que era a chave de todas
aquele

aquellas partes ; porque o Estado se via impossibilitado, pelas muitas despezas , que eraõ feitas na guerra : que agora haviaõ todos de mostrar os quilates da lealdade Portugueza , emprestando vinte mil par-dáos, que o Viso-Rey pedia, pois eraõ para remediar couza taõ necessaria , significando lhes as seguranças , que o Viso-Rey lhes dava, para logo delles serem pagos ; e depois de muitas alterações, e debates , vieraõ todos a conceder no emprestimo. Logo alli se fez rol de todos os moradores , que podiaõ acodir com alguma couza , e se lhes lançou a quantia , que se lhe alvidrou confórme a sua sustancia ; e com isto se foraõ ao Viso-Rey , e lhe disseraõ que elles tinhaõ servido a ElRey naquelle negocio , como sempre o fizeraõ , e fariaõ em as couzas daquella Cidade :

de : que o emprestimo , que lhe pedira , o povo todo o fazia com muito gosto ; que lhes pezava a todos de se não acharem em estado para o servirem com mais ; e que a troco deste serviço lhe pediaõ todos huma mercê , a qual era , que para aquella jornada elegeisse D. Paulo de Lima , porque tinhaõ todos confiança em seu esforço , e boa ventura , que daria muito bom fim áquella empreza , e a tantos trabalhos , como Malaca cada dia passava com taõ ruins visinhos.

O Viso-Rey ficou sobrefaltado com aquelle requerimento , porque segundo se presumia tinha feito em seu peito a eleição em seu tio Ruy Gonçalves da Camera , assim por ser Fidalgo velho , como por lhe pertencer aquella jornada mais , que a outrem , por Capitão mór , e Conquistador do Achem,

them, cujos ordenados comia: mas vendo o que aquella Cidade lhe pedia, e o faziaõ tambem por suas cartas o Capitaõ, o Bispo, e a Cidade de Malaca, que ou Mathias de Albuquerque, ou D. Paulo de Lima fosse áquella empreza, houve que viria aquillo por Deos; e respondeo aos Vereadores, que pois a elles lhes parecia bem aquella eleiçaõ, que era muito contente de lhes fazer a vontade; porque D. Paulo de Lima era Fidalgo, em que concorriaõ as partes, e calidades, que se requeriaõ para couza taõ importante.

Os Vereadores estimaraõ muito aquillo, e lhe entregaraõ o rol do emprestimo, e elle lhe mandou passar todas as Provisões, que lhe pareceraõ necessarias, pelas quaes mandava aos recebedores de Salsete, que no quartel seguinte aco-

dissena

disssem á Cidade para pagamento daquelle emprestimo. Logo mandou arrecadar pela Cidade o dinheiro pelo rol, que os Vereadores lhe deraõ, no que se excedeo o modo pelos officiaes; porque alguns, que logo naõ contribuiraõ com o que lhes coube, e pela ventura que o naõ teriaõ á maõ, foraõ prezos, avexados, e executados; e inda isto se soffrera bem, se se pagara aos homens o emprestado assim o desta jornada, como o de outras muitas, em que ficaraõ por pagar, com lhe empenharem, como agora fizeraõ, os rendimentos de Salfete, os quaes se tornou a lançar maõ delles, de que inda hoje ha muito dinheiro por pagar, como inda ha deste; porque morreo este Viso-Rey, primeiro que pudesse fazer o tal pagamento, e muito ordinario he os que succedem

dem não pagarem estas dividas, posto que as fizessem para couzas tão necessarias, como se se não fizeraõ para o serviço d'ElRey; e daõ por rezaõ, porque as não pagou o Viso-Rey, ou Governador, que as fez: e ficaõ assim em dividas velhas, que nunca se pagaõ: por onde, se se os homens fecharrem, não devem de lhe pôr culpas, senaõ aos Viso-Reys, que para pagarem estas dividas lhes falta dinheiro, e para mercês, e alvitres, a quem querem, lhes sobeja. Em fim com este emprestimo, e com dez, ou doze mil par-dáos, que as Cidades de Baçaim, e Chaul mandaraõ, e com os provimentos, que Balthasar de Siqueira ajuntou pelo Norte, ficou o Viso-Rey pondó as mãos na Armada, e mandou chamar D. Paulo de Lima, a quem com palavras muito

158 *Vida de D. Paulo.*

muito honradas cometeo aquella jornada , dizendo-lhe fizesse apontamentos da Armada , gente , e Capitães , e de tudo o que mais lhe parecesse necessario ; porque esperava em Deos , e em seu esforço , e boa fortuna , que aquella empreza havia de ter o fim , que se desejava.

D. Paulo de Lima aceitou a jornada , estimando muito a confiança , que o Viso-Rey mostrou ter delle ; e fazendo seus apontamentos , pedia tres galeotas , duas galés , e doze fustas , e galeotas , e setecentos soldados de paga , o que o Viso-Rey lhe concedeo. Declarada esta eleição , acodiraõ muitos Fidalgos a se offerecerem ao Viso-Rey ; e o primeiro foy Manoel de Souza Coutinho , D. Joaõ Pereira herdeiro da Casa da Feira , Francisco da Sylva de Menezes , e outros ,

tros, que logo nomearemos, o que o Viso-Rey estimou muito, e aceitou o offerecimento a todos; só a Manoel de Souza Coutinho escusou, dizendo-lhe que o tinha guardado para maiores couzas; como se o coração lhe advinhára, que muito cedo lhe havia de succeder naquelle lugar. D. Paulo de Lima foy dando pressa á Armada, e com o Viso-Rey fez a eleição dos Capitães, que o haviaõ de acompanhar; e porq̃ faltava gente, e navios pequenos, escreveu o Viso-Rey com muita pressa a Ruy Gomes da Grãa, que estava em Panane, e lhe pediu lhe valesse naquella necessidade, e lhe mandasse quatrocentos homens dos que tinha, porque segundo as couzas estavaõ quietas da parte do Camorî, lhe bastavaõ outros tantos, que lhe podiaõ ficar, e mais sendo

elle Capitão; porque por Malaca, que era a chave da India, se havia de deixar tudo, e que com isso lhe mandasse alguns navios com suas chusmas, porque pela pressa não havia por então donde se melhor pudesse valer.

Ruy Gomes com estas cartas despedio logo tudo o que se lhe pedia, que chegou a muito bom tempo, e todo aquelle Verao faltou; porque té de lanças, que não havia nos almazens, se valeo dos Cidadãos de Goa, e andavaõ os Vereadores por suas casas tomando-lhas dos seus cabides, a quem duas, a quem tres; com o que se ajuntou huma copia arrezoadada, que não podia ser mais miseravel estado, que este, estando com tamanhas duas obrigações, como de Malaca, e Ceilaõ, que nestes mesmos dias tinhaõ chegado as cartas
de

de Joaõ Correa de Brito , em que pedia soccorro de gente , e mantimentos , porque sem duvida seria cercado no Inverno ; o que deo bem que entender ao Viso-Rey. E a falta destas couzas procedem do descuido dos officiaes do Reyno , donde antiguamente vinhaõ todos os annos grande soma de lanças , peitos , momorís , espingardas , repartidas pelas náos , com que os almazens de Goa estavaõ continuamente muy bem providos. Em fim deixando estas couzas , que naõ tem emenda : o Viso-Rey D. Duarte , como era de grande animo , naõ se acanhou com as novas de Ceilaõ ; antes com muita brevidade , a voltas da pressa , com que estava das couzas de Malaca , negociou logo huma náos , que lhe mandou carregada de mantimentos , munições , e o dinheiro, que

pode ; e escreveu a João Correa que se remediasse por entretanto com aquillo, porque como acabasse com as couzas de Malaca, o proveria muito melhor. E assim deo tanta pressa á Armada, que a dous dias por andar de Abril se fez á véla, achando-se elle com os Vereadores presentes, a despediraõ com grandes benções de todo o povo, por ir naquella Armada todo o remedio da India.

Levava D. Paulo todos os poderes do Viso-Rev assim na justiça, como na fazenda, e muitos largos Regimentos do que havia de fazer. Os Capitães, que nesta jornada o acompanharaõ, são os seguintes. D. João Pereira, e Francisco da Sylva em galeões ; D. Bernardo de Menezes filho de D. Pedro de Menezes o Ruivo, e Mathheus Pereira Sampayo em galés ;

nos navios de remo Francisco de Souza Pereira, Diogo Soares de Mello, Antonio Coelho, Balthasar Froes, D. Pedro de Lima irmão de D. Paulo de Lima, D. Nuno Alvares Pereira irmão de D. João Pereira, Simão Dabreu de Mello, Fernão Pegado, Gaspar de Valladares, Gaspar Dias, e outro Foaõ Casado de Chaul, a que não foubemos o nome, o qual foy armado á sua custa. Na Barra fez D. Paulo alarde da gente, que levava, cuidando serem setecentos soldados, não achou mais de quinhentos; do que não ficou satisfeito, por se ter penhorado com o Viso-Rey, e Vereadores na destruição de Jor; e do mar lhe escreveu sobre isso cartas, em que mostrava alguma desconfiança da jornada, a qual foy seguindo com bom tempo.

CAPITULO XVIII.

Dos successos, que teve esta Armada de D. Paulo de Lima até a costa do Achem, onde tomaraõ hum Embaxador, que mandaraõ ao Rey de Ujantana.

PArtido D. Paulo de Lima de Goa, como dissemos, foy seguindo sua derrota, e a 27. de Mayo chegou háver vista da terra do Achem, a qual foraõ costeando aquella noite, na qual se apartaraõ os navios de Pedralves Dabreu, e os do Froes, e Coelho, que perderaõ o farol. D. Paulo foy com a mais Armada sempre de longo da costa, com tanta falta de agoa, principalmente na galé de D. Bernardo de Menezes, que havia dous dias que á mingoa della
naõ

naõ faziaõ de comer, e para a beber lhe tinha soccorrido Diogo Soares de Mello com a que pode; e foy a necessidade tamanha, que ordenou D. Paulo fazer agoada na mesma costa, onde melhor pudesse, posto que se entendeu que havia de custar sangue: mas naõ havia outro remedio, e assim despedio os navios de remo, homeando por huma carta, que em segredo deo a Simaõ de Abreu, que elle fosse Capitãõ mór de todos, por ser hum Soldado velho, muito bom Cavalleiro, e por escusar entre os mais Fidalgos pontos de opiniaõ, arrufos, e desmanchos, que a enveja fõe a causar. E indo buscat estes na terra, houveraõ vista de huma embarcaçaõ pequena, a qual seguiu D. Nuno Alvares, e ja perto da terra a tomou sem gente, por que toda se lançou á praya.

Ao outro dia, que foraõ 8. de Junho, indo correndo a ribeira, deraõ com hum riachõ pequeno, que vinha por huma praya chãa sahir ao mar por entre duas pontas baixas, mas com muito arvoredõ; e por lhes parecer que seria doce, ordenaraõ marinheiros com vazilhas para irem enchellas, e foraõ dar-lhe guarda Matheus Pereira, e Diogo Soares, com vinte homens cada hum nas bateiras das galés, chegando-se os navios da Armada a ella tudo o que puderaõ para os favorecer; e indo buscar em terra, foy Diogo Soares para tomar a ponta de diante, onde já appareciaõ alguns elefantes; mas por encher a maré, foy espalmando a bateira, pelo que não pode vingar mais, que a primeira ponta, onde ja desembarcava Matheus Pereira, e saltaraõ

raõ todos em terra com a agoa pela
cinta, deixando cada hũ em sua ba-
teira hum de seus soldados de ma-
ior confiança, para as terem no ro-
lo do mar para huma necessidade,
se se offerecesse. Matheus Pereira
passou hum pouco adiante, e Dio-
go Soares ficou na ponta com as
costas huns nos outros, para de-
fenderem de muitas, e muyta-
pressadas arcabuzadas, de que eraõ
servidos da outra banda do rio de
huma copia de gente que acodio,
que debaixo do arvoredõ se reco-
lheu; e de taõ perto quanto era a
largura do rio, que seria menos de
tiro de pedra, os marinheiros hiaõ
ja por elle acima a buscar agoa bem
dentro, porque enchia a maré que
os nossos com as arcabuzarias favo-
recendo-os, e esforçando-os com
tamanho animo, que lhes naõ dem-
brava estarem na terra do Acheim

com armas na mão tão poucos, onde se não podia desembarcar senão com grande poder, é mais vendo vir engrossando cada vez mais o corpo da gente, que acodia, e recrecerem mais elefantes.

Os marinheiros, por muito que entraraõ pelo rio, não puderã chegar a agoa doce; porque a maré tinha entrado muito por elle; e achando-a ja falobra, e de feição, que tornaria para huma grande necessidade, encherã as vazilhas, e vieraõ-se recolhendo, favorecidos sempre da nossa arcabuzaria, que não cessou, porque da outra banda chovia ja muita sobre elles; e chegados á boca do rio, foraõ-se com seus barris a nado ás fustas, que estavaõ perto, e os Capitães se recolherã nas batteirãs seis, e seis, sendo elles os derradeiros. Nesta mesma ribeira

mandou Affonso de Albuquerque, indo para Malaca, fazer agoa por D. Joaõ de Lima, Antonio Dabreu, e Nuno Vaz de Castelbranco em seus bateis; e indo com o primeiro caminho da agoa os dous, ficou só Nuno Vaz com a sua gente, e lhe sahiraõ muitos negros para o acometerem, e ficando-lhe algumas pipas vazias, fez naquella ponta huma tranqueira dellas, detrás das quaes com seus oito companheiros se defendeo com muito esforço, fazendo sinal á Armada com huma bandeira, para que lhe socorressem; o que visto por D. Joaõ de Lima, e Antonio Dabreu, que hiaõ com a agoa, antes de chegarem á Armada voltaraõ, e os socorreraõ, estando já tres feridos, e com sua chegada se foraõ os inimigos.

E tornando a nosso fim, com esta

esta pouca, e ruim agoa se remediarão os nossos, e foraõ-se seu caminho; porque os galeões logo se fizeraõ na volta da outra costa; e indo estes navios ja afastados da costa, houveraõ vista de duas embarcações, huma pequena, e outra de dous mastros, as quaes Diogo Soares foy seguindo; e a maior de apertada foy varar na terra, té donde elle a seguiu, e logo acodio muita gente com elefantes para lhe socorrerem. Diogo Soares se chegou perto, e disparou nelles algumas falcoadas, com que lhe havia de fazer por força muito dano; e a voltas disso deitou alguns marinheiros ao mar com cabos, para os irem dar ao navio para o tirarem para fóra, e apoz elles se lançou hum soldado chamado Diogo da Sylva Francez de nação, mas criado no Reyno, que

os

os foy animando , e os fez chegar, sem lho estorvarem muitas espingardadas , que lhe atiraraõ da terra , e deitando-lhe os cabos por popa á fusta , a força do remo a foy tirando para fóra ; o que quiz fazer , posto que era velha , e não tinha nada , só para quebrantar os inimigos , e lhes mostrar que podiaõ os Portuguezes tirar da lua terra os navios , e desembarcar nella todas as vezes que quizessem ; e para os mais magoar , lhe mandou pôr o fogo á sua vista , e como era noite escura pareceo aos da terra , q̃ se queimavaõ mais embarcações.

Toda aquella noite foraõ os nossos navios navegando , e pela manhã se chegaraõ bem a terra , para verem , e notarem alguma parte , em que pudéssem fazer agoa , que não fosse salobra ; porq̃ a necessidade da sede , que os aperta-
tava,

tava, era tal, e o perigo da falta della tamanho, que o haviaõ por menor, que as elpingardadas, e fréchadas, que pudéssem achar em terra. E indo muito perto della, viraõ huma ponta, que lhes pareceo Ilha; e assim era, porque hum pequeno estreito a apartava da terra; e chegando a elle, mandaraõ ver se tinha agoa, e achando-a deserta, a necessidade lhes ensinou a cavar na praya aos pés de algumas arvores, e a poucos palmos acharaõ agoa excellente: e notou-se aqui huma couza maravilhosa, que em duas póças juntas acharaõ huma doce, e outra salgada. Aqui fez toda a Armada agoada em abundança, e todos se lavaraõ, recrearaõ, e refrescaraõ, e a hum junco, que acharaõ no estreito vazio, puzeraõ o fogo, posto que de terra acodio muita gente pelo

deten-

defender. Nesta Ilha acharão humas arvores com huma fruta quasi como ameixas brancas, e os pés compridos como peras; e comendo algumas pessoas dellas, logo alli de subito lhes deraõ grandes definterias com accidentes mortaes, e nestes entrou D. Bernardo de Menezes, em que obrou mais aquella peçonha, ou porque comeria mais, ou por ter a natureza mais mimosa; mas depois tornou com muitas contra peçonhas, como os mais, sem perigo nenhum.

CAPITULO XIX.

Do que mais aconteceu á Armada de D. Paulo de Lima até chegar a Malaca, e de algumas embarcações de Achens, que tomou no caminho.

SAhidos da Ilha fartos de agoa, e fóra dos trabalhos, que tinham

176 *Vida de D. Paulo*

nhaõ padecido , foraõ seguindo sua derrota largando logo á terra ; e vendo hum navio , lhe foy D. Nuno Alvares dar caça , e por ser tarde , e se armar hũ bulcaõ grande , o marearaõ pela agulha , e sem o verem pelo rumo , foraõ dar com elle , e logo foy entrado , e axorado , matando seis pessoas , e tomando quatro , ficando dos nossos outros quatro feridos de crizadas , porque eraõ todos Jáos , gente bellicosa , e esforçada . Com estes captivos se foy D. Nuno Alvares para a Armada , e dos Jáos souberaõ que Malaca estava quieta , e D. Antonio de Noronha com hum Armada em Jor , e que nenhuma Armada do Achem era sahida fóra ; com o que todos os nossos se alegraraõ . Ao outro dia pela manhã houveraõ vista de tres lancharas , taõ compridas como galés , duas

ão mar, e huma a terra; e indo-as seguindo, foraõ ellas seu caminho muito seguras, por cuidarem que eraõ Achens; e já quando viraõ serem de Portuguezes foy a tempo, que Simaõ Dabreu de Mello, e D. Nuno Alvares eraõ com huma das duas, que ficou atrás, porque as outras foraõ apertando o remo.

Os nossos em chegando a esta, lhe deraõ com huma surriada de panellas de polvora, das quaes ficou abrazada; e porque os de diante se hiaõ escoando, e as mais fustas vinhaõ perto, deixaraõ aquella, e foraõ seguindo as mais. D. Paulo de Lima chegou á lanchára, que elles deixaraõ, e lhe deitou dentro tanto fogo, que abrazou a todos, e com a força d'elle se lançaraõ todos ao mar, ficando dentro só hum Jáo, que com hũ criz te defendeo de todos os soldados

de D. Pedro valerosamente, depois de ter ditpendido o seu almazem de fréchas, de que tinha feridos quasi todos. Os que andavaõ a nado, que eraõ mais de setenta, vendo quam pouca gente havia na fusta de D. Pedro, a foraõ demandar com os crizes nas bocas, e pegaraõ della, trabalhando pela entrarem; mas foy a tempo, que a galé de Matheus Pereira, e a fusta de Diogo Soares chegaraõ, que ás espingardadas os fizeraõ outra vez lançar ao mar, andando ja pegados nos remos, e na agoa foraõ mortos muitos, e outros cativos: só Matheus Pereira tomou vinte, em que enttava o Capitaõ mór de certas vélas, que o Rajale mandava ao Achem a persuadilo ao ajudar na empreza de Malaca; o qual era hum homem de tanta autoridade entre elles; que ja havia sido

Emba-

Embaxador na Corte do Turco.
Diogo Soares tomou oito pessoas,
entre as quaes foy o Embaxador,
que hia ao Achem, e hum filho
seu. Tomaraõ-se nesta lanchára tres
moças, em que entrava huma mui-
to nobre, que hia visitar a mulher
do Achem da parte da do Rajale,
com quem se elle criou. Os outros
navios foraõ em seguimento das
outras duas lancháras, que se fo-
raõ dividindo, as quaes vararaõ
em terra de apertadas; e porque
tanto que houveraõ os nossos vista
das lancháras, levava D.Nuno Al-
vares por popa a embarcação, que
tiha tomado; por lhe naõ ser im-
pedimento lhe meteo dentro alguns
moços, e lhe largou o cabo, man-
dando que surgisse. E por isto ser
perto da terra, e os Mourós della
estarem vendo a caça, que os nos-
tos davaõ ás lancháras, meteraõ-

180 *Vida de D. Paulo*

se hum magote delles em huma embarcação, e endireitaraõ com a q̃ viraõ só, para a tomarem. Foy isto a tempo, que Diogo Soares acabava a pescaria dos Mouros; e vendo vir aquella embarcação de terra, mandou forçar o remo para valer á embarcação de D. Nuno Alvares, e foy atirando algumas falcoadas, porque a dos Mouros hia ja chegando; com o que os fez voltar para terra, e elle tomou a embarcação á tôa, a levou comfigo, e a entregou a D. Nuno Alvares.

181 Simaõ Dabreu quanto que vio as lancháras varadas, foy seu caminho, e mandou levar perante si o Embaxador, q̃ hia ao Achem, e delle soube ao que hia, e de como o Rajale ficava prestes com grande poder para ir cercar Malacca; e achando-lhe huma carta, que levava para o Achem, a abriu, a qual

qual era muito breve, e escrita em Arabio, e tudo o que ella dizia era por metáforas, como todos estes Reys do Oriente costumão escrever, e mandando-a ler, dizia assim: *Malaca he como huma sementeira, se lhe falta a agoa, seca-se; por isso faze-te prestes, e vem-te eu com minha Armada, e gente te acompanharey para a tomarmos.* Dizer elle que Malaca era como sementeira, que se lhe faltasse a agoa, secaria; entende-se pelos soccorros da India, o qual elle havia que lhe não podiaõ ir aquelle anno, e faltando-lhe, não poderiaõ deixar de se perder, pela grande necessidade em que a tinha posta. Daqui foy a Armada caminhando du' longo da costa do Achem, pela qual foraõ vendo muita gente de pé, e de cavallo, que hia soccorrer a Fortaleza de Pacem, que tinha huma visi-

visinho de cerco, da qual elles tambem houveraõ vista: porque passando pela boca de hum rio, sobre o qual ella está fundada, a foraõ notando de vagar; e Francisco de Souza se chegou mais a terra, para ver se podia tomar huma lanchára, que hia perto della, a qual lhe varou na praya, ao som de hum tambor acodio muita gente a ella em seu favor, a qual elle servio de falcoadas á sua vontade.

E indo assim sua derrota, aos quatorze dias de Junho encontraraõ seis lancháras grandes a terra, e huma mais ao mar, as quaes eraõ da companhia da Armada, que levava o Embaxador de Jor. E posto que Simaõ Dabreu quizerá não se embarçar com ellas, porque receava chegar a Malaca, foy-lhe forçado cometellas, porque lhe ficava atrás o navio de Fernão Pegado,

do, que vinha só, e recebeu que
déssem com elle, e assim as foraõ
seguindo, e ellas fugindo para a
terra. Indo nesta diligencia, co-
meçou a apparecer o navio, e foy
se sua derrota, porque as lanchá-
ras estavaõ abarbadadas com a terra;
e passando pela Ilha Polvoreira, fi-
zeraõ sua agoada, e daquella par-
te, em que houyeraõ vista da pri-
meira terra do Achem té ella, ha-
via quarenta legoas, nas quaes sem-
pre de longo della acharaõ fundo
para navios dalto bordo poderem
furgir hum tiro de berço da terra;
e tudo muito limpo, sem baixo,
nem restinga alguma. Dalli atravessaraõ a outra costa, porq̃ por aquel-
la corriaõ muito as agoas; e ao ou-
tro dia foraõ dar em humas Ilhas
pegadas á outra costa, que eraõ
nove, e por entre ellas entrou to-
da a Armada á sua yontade, e de
longo

longo da costa foraõ té Malaca, onde chegaraõ a cinco dias de Julho, e ja lá acharaõ os navios de Pedralves de Abreu, e os do Ffoes, e Coelho, que se tinhaõ apartado o primeiro dia que viraõ a costa do Achem, e não acharaõ novas de D. Paulo, de que logo daremos rezaõ.

CAPITULO XX.

Do que neste tempo aconteceu em Malaca, e de como Simaõ Dabreu com os navios de remo da companhia de D. Paulo de Lima se foraõ para For, e D. Antonio de Noronha desembarcou em terra, e ganhou o Forte da praya.

O Rajale de Jor hia fazendo suas prèparações, e convocando os visinhos para se acharem com elle naquella jornada; e ainda
o Achem,

O Achem, ao qual mandava aquelle Embaxador, que a nossa Armada tomou; e segundo o grande cabedal, que todos metião para este negocio, e aquella Fortaleza estava necessitada de tudo, parecia que se ameaçava a sua ruina, se Deos não acodira com a Armada de D. Paulo; porque na presteza, com que o Viso-Rey D. Duarte a negociou, estando todo o Estado apertado por todas as partes, claramente se vio que Sua Divina Magestade tinha os olhos nella, e não queria que seus Sagrados Templos fossem profanados, nem tantas donzellas violadas; e tanto innocente maltratado. E caminhando aquella Armada de D. Paulo de Lima por todo aquelle caminho sem contrastes, deparando lhe por elle tantas vitorias, como atrás contámos; porque assim troca Deos pensamentos
vãos,

vãos, que fez sentir o Rajale sobre sua Cidade, o que elle cuidava que faria sentir a Malaca; e as armas, que ajuntava para sua ruina, lhe fossem depois necessarias para sua defensão.

Prestes os bantins, partiraõ-se para Jor, e por acharem o tempo contrario, tornaraõ a arribar, quando ja era chegada a Armada de Simaõ Dabreu, como atrás dissemos. E vendo o Bispo, e Vereadores, que tardava D. Paulo, pediraõ áquelles Capitães que se fossem para D. Antonio de Noronha, para entre tanto fazerem correr alguns mantimentos: e parecendo a todos bem, assim na mesma ordem em que hia, se partiraõ a doze de Julho, tornando em sua companhia a Armada dos bantins, que tinha arribado; e aquella noite deo hum tempo tamanho, que aparton
a Ar-

a Armada, e os bantins se recolherão ao rio de Muar, e as galés, e fustas foraõ correndo com tranquetes em popa. E indo a fusta de Diogo Soares só, ouviraõ della brádos piedosos, e governando ao som delles, acharaõ huma embarcaçaõ pequena, a que chamaõ бага, quasi alagada, e dentro nella hum homem, que foy tomado, e disse que era Christaõ, e que havia algum tempo que estava cativo em Padaõ, e que vendo a Armada de dia, tivera modo para fugir, e se meter naquella embarcaçaõ para a ir buscar; e assim escapou o pobre de dous perigos grandes, cativo, e morte, que se lhe naõ escufava, se naõ fora dos nossos ouvido. Passado o tempo, ajuntou-se a Armada, e foraõ entrando o estreito de Sincapura, e posto que estava entupido com as patayas, toda-

Feito isto , levaraõ-se nos bantins, e de longo da praya, quanto diz a face da Cidade encontra o arrabalde , foraõ dando fogo a muitas embarcações commuas, que estavaõ á borda da ribeira varadas; e chegando ás casas , que alli havia , que eraõ de madeiras, e palha, lhe puzeraõ fogo , o qual foy lavrando de huma em outra té dar em huns almazens , outras cevas muito grandes , cheios de drogas, e fazendas , nas quacs elle tomou tanta posse , e fez tamanho dano , que parecia que ardia o Mundo. Fernaõ Pegado , D. Nuno Alva- res, Pedralves Dabreu, Simaõ Dabreu, e outros meteraõ-se debaixo destas casas armadas sobre o mar , e lhe deraõ fogo por muitas partes , com o qual todo ardeo , e faltou no arrabalde , de que a maior parte se consumio. Em todo este

este tempo assim da terra, como do mar era huma confusão de estrondo de artilharia, cuja fumaça encobria o Sol, e cujo terremoto ensurdecia a todos; com o que tiverão tempo alguns Portuguezes, que estavaõ prezos no tronco do arrabalde, de se soltarem, e fugirem para os nossos sem serem vistos dos inimigos, que andavaõ acodindo á sua fazenda, nos quaes a artilharia das fustas fez muito grande estrago. E recolhendo-se os nossos com esta primeira victoria, não só deixaraõ feito muito dano nos inimigos, mas ainda os deixaraõ taõ amedrontados, que andavaõ como pasmados; porque o primeiro dia que sentiraõ o ferro dos nossos, assim lhe foy cruel, e espantoso, que se cometeraõ entaõ a Cidade, sem duvida a ganhariaõ.

N

Aqui

Aqui aconteceu hum caso ; que se teve por milagroso ; e foy , que estando o arrabalde ardendo na mór força do fogo , se armou hum choveiro , como sóe acontecer os mais dos dias naquella terra , por estar chegada á Equinocial , o qual se desfez em hum deluvio de agoa , que parecia que os navios se alagavaõ , e o mesmo aconteceu na Cidade ; mas no arrabalde , que ficava em meio ardendo em fogo , não cahio huma só gota de agoa : com o que queria Deos mostrar aos inimigos quanto favoreria aos seus Fieis. Os que andavaõ em terra se recolheraõ carregados de despojos , e cativos ; e foy o feito tal , que não deixou de causar enveja nos de fóra , porque os peitos Portuguezes o que menos soffrem he verem outros metidos nos perigos , em que elles não sejaõ companheiros ,

ros, senão quanto lhe isto mais entra nos feitos q̄ obraõ não sómente seus naturaes, mas ainda seus proprios pays, e irmãos. O que não he tanto com os estranhos, e nações diferentes; porque assim como Deos Nosso Senhor lhes deo hum valor tão conhecido no Mundo, tambem lhes deo confiança para haverem, que nenhuma outra nação pôde cometer feito tão arriscado, no qual se se elle vísse, lhe não fosse facil de cometer, e acabar. E não nos envergonhamos de dizer isto dos nossos naturaes, porque he verdade muy sabida por todas as partes do Mundo, a qual por alguns estranhos lha não podem negar, lha dissimulaõ em muitas couzas, como nós vimos, e vemos em alguns; como se o encobrir o louvor alheio não fosse furto manifesto. Em fim recolhidos

os nossos, ao outro dia chegou a Armada mais á Cidade, para de mais perto a baterem. Aconteceo este successo a 21. de Junho hum Domingo. Estimou-se a perda das fazendas, e embarcações em mais de duzentos mil cruzados; com o que o Rajale ficou muy quebrantado, porque nunca lhe pareceo que os nossos cometessem aquella desembarcação tão apressada, e assim o caso foy acelerado, e sem conselho algum.

CAPITULO XXI.

De como D. Antonio de Noronha tratou de cometer a Cidade, e foy contrariado dos Capitães da Armada de D. Paulo, e vendeo como contra parecer de todos, e desembarcou, e das coizas que lhe acontecerão.

TODA aquella noite passarão os da Armada com grande regozigo, e porque o feito todo foy dos homens de Malaca, ficarão elles tão golosos d'elle, que aconselharão a D. Antonio, que pois lhe Deos dea ra hum tão grande principio de victoria, seguisse sua fortuna, e comettesse a Cidade, porque segundo os inimigos ficarão atemorizados, ferlhe-hia muito facil de entrar; e que pois a occasião, e a ventu-

198 *Vida de D. Paulo*

ventura lhes offerencia huma grande vitória, não a quizesse guardar para D. Paulo. D. Antonio como era ambicioso de honra, e bom Cavalleiro, foy-lhe facil de persuadir aquella empreza, e determinou de a tentar, posto que o feito era muito arriscado; mas como os fins de tamanha gloria não se podem pertender sem risco de grande ventura, quiz ver onde a sua chegava; porque se para elle estava guardado negocio tão importante, vindo a ter fim por suas mãos, não tinha mais que desejar.

Com esta resolução mandou chamar os Capitães todos ao seu galeão, e lhes propoz aquelle negocio, perturbando-os a que seguissem a sua fortuna, pois lhe começava ja a dar sinais muito certos da vitória; porque os inimigos estavaõ todos medrosos, e

que-

quebrantados da perda passada, e elles com as armas ainda tintas no fresco sangue, e com o furor, e animo alvoroçado, e quente: que lhe parecia bem não o deixar arrefecer, e cometerem a Cidade, a qual esperava em Deos que facilissimamente seria entrada; porque se tamanho dano, como elles receberaõ o dia dantes, foy só pelas mãos de quatro batineiros de Malaca, que se esperaria quando tantos, e taõ esforçados Capitães, e valerosos soldados como alli estavaõ, puzessem os pés naquella terra? que por sem duvida tinha que tudo se lhe renderia.

Os Capitães da Armada de D. Paulo de Lima, que ja estavaõ advertidos do para que os chama- raõ, e hiaõ resolutos no que haviaõ de responder, votando hum, e hum, vieraõ a concluir todos
confór-

conformes, que não era bem que se arriscasse toda aquella gente, e aquella Armada em couza tão desigual, como era com menos de trezentos homens, que alli podia haver, cometerem huma Cidade cheia de muitos, e fortes baluartes, e providos de muita, e muito basta artilharia, e com dez, ou doze mil homens de armas muito determinados a defenderem a sua Cidade, suas casas, suas fazendas, e sobre tudo suas mulheres, e filhos; porque se acontecesse algum desastre, ficava D. Paulo sem Armada, sem Capitães, e sem soldados para o effeito, para que o Viso-Rey o mandava. E o peor seria que tendo o inimigo (o que Deos não quizesse) vitoria delles, estava muito certo morrerem no feito todos os Portuguezes de honra, e que ficava o inimigo tão soberbo, que

que tomando toda aquella Armada, iria com ella pôr cerco a Malaca, que segundo estava piedosa, só Deos lhe poderia valer. E que dado que Deos lhe dêsse a elles victoria, teriaõ que dar conta a Deos, a ElRey, e a D. Paulo, de quem todos eraõ soldados, da honra que lhe furtavaõ: que o negocio estava em termos, que não perdiaõ occasiaõ, nem havia nenhum perigo na tardança, porque o inimigo ja não podia ser soccorrido de fóra; e que se esperasse por D. Paulo, e entretanto se batesse a Cidade, e que se quebrantassem os inimigos com assaltos; e que depois vindo D. Paulo, fazendo-lhe Deos mercê de lhe dar aquella Cidade, a honra era de todos, e a elle D. Antonio lhe não podiaõ negar a mór parte della.

Só D. Bernardo de Menezes,
que

que era parente de D. Antonio ; foy de parecer que se cometesse a Cidade logo , porque segundo a fraqueza , que os inimigos mostraraõ na defençaõ do seu arrabalde ; e no Forte do Coritaõ, e elles estavaõ medrosos , que sem duvida a tomariaõ ; e que quando a vitoria estava hoje certa , que esperar para a manhã naõ era bom conselho. D. Antonio lhe disse que aquella era a verdade , e que aquelle seu voto era de Scipiaõ. Disto ficaraõ todos tomados , e Diogo Soares disse que os Scipiões com a espada na maõ se veriaõ , quando se a Cidade cometesse. Os Capitães das fustas , e bantins , que estavaõ affeiçoados a D. Antonio , votaraõ que se cometesse a Cidade , dando as rezões de D. Bernardo ; mas como os Capitães da Armada de D. Paulo eraõ mais , e de mór authoridade,

ridade , ficaraõ os outros votos vencidos , e assentou-se que se batesse a Cidade , e que se quebrantassem os inimigos com assaltos té vir D. Paulo. E com isto se recolheraõ.

Ao outro dia, que foraõ 23: de Julho , meteo-se D. Antonio no seu bantim , e passou pelas fustas , e deo recado a todos os Capitães que se chegassem a terra, e que começassem a bataria , o que elles fizeram. Os galeões despararaõ logo aquella tempestade de esperas , camellos , e outras peças grossas , e juntamente com elles as galés , e fustas ; e foy a couza de feiçaõ , que parecia fundir-se o Mundo. A Cidade tambem fez terremoto grande , mostrando que por toda ella á roda não havia covado de muro ; que não tivesse a sua peça de artilharia , com que se defendesse ; e
assim

assim com o estrondo de huma ; e outra parte ficou o dia parecendo huma carranca infernal, por se não ver em todo elle outra couza , que fumo, e fogo, e não se ouvir mais, que trovões , e terremotos.

CAPITULO XXII.

D. Antonio de Noronha desembarca em For , acompanhão-no os Capitães da Armada de D. Paulo de Lima , e das couzas que succederaõ na desembarcação.

DOm Antonio de Noronha andava no bantiim acompanhado de todos os de Malaca ; e das suas duas fustas , muito perto de terra ; ou fosse que o furor o levatse, ou fosse sobre determinação , que depois do conselho geral tomaria com os seus , pondo os esforços

porões em terra , saltou nella com
humã bandeira, em que trazia pin-
tada Nossa Senhora do Rosario ,
e D. Manoel de Almada com elle ,
e toda a gente dos galeões , fustas,
e bantins de Malaca , e começou a
marchar a diante, endireitando pa-
ra hum caminho , que hia da pra-
ya subindo muito ingreme , té ir
dar em humã porta, que a Cidade
tinha para aquella face : e hia taõ
avaro , e ciofo daquella honra de
cometer a Cidade , que não fez
caso dos Capitães da companhia
de D. Paulo. Elles vendo-o em ter-
ra , posto que fora contra o que fi-
cou assentado , tocados de descon-
fiança endireitarão com a terra , e
saltarão nella , sendo os primeiros
D. Nuno Alvares Pereira , Simão
Dabreu de Mello , e Pedralves Da-
breu, porq̃ estes tinham navios mais
pequenos, e poderão logo chegar.

Póitos

Póſtos em terra , foraõ ſe-
guindo D. Antonio , e chegaraõ a
elle ja no caminho ingreme , e lhe
perguntaraõ que lhes mandava que
fizeſſem ? D. Antonio lhes pergun-
tou ſe viraõ Pedro Velho , que era
hum homem da terra bantineiro de
Malaca , havido por Cavalleiro , o
qual parece tinha com elle pratica-
do aquella deſembarcaçaõ , e o le-
vava para guia do caminho , por
ſaber muito bem as entradas da-
quella Cidade ; o qual parece que
o zonido dos pilouros , que aſſo-
viavaõ pelas orelhas a todos , o ti-
nhaõ auſentado dalli. Os tres Capi-
tães lhe tornaraõ a perguntar o que
fariaõ ; e elle ſem lhes reſponder a
propóſito , lhes tornou a pergun-
tar pelo Pedro Velho ; do que ei-
les deſconfiados , foraõ-ſe adian-
tando , e tomando o caminho da
Cidade com ſeſſenta , ou oitenta
solda-

soldados, que nesta occasião os seguião.

Ja neste tempo eraõ sahidos da Cidade muitos Mouros, que apertavaõ rijamente com D. Antonio, com os quaes elle andava ás espingardadas: os mais Capitães da companhia de D. Paulo foraõ desembarcando em terra, como melhor puderaõ, e foraõ-se encaminhando para onde D. Antonio hia, o qual ja não apparecia; e o Froes, e o Coelho Capitães daquelles dous navios da companhia de D. Paulo, pondo os pés em terra, não vendo D. Antonio, e vendo que os inimigos hiãõ recrecendo, meterão-se no Forte do Coritão, que o dia dantes tomaraõ, e inda estava em pé, e o fogo não tinha queimado mais, que alguns páos, para dalli defende-rem que não acodissem os inimigos

gos á praya. Matheus Pereira, e Francisco de Souza Pereira forão tomando o caminho do palmar, a tempo que da banda do baluarte se alevantou huma voz de Mouros na praya; com o que tornarão a voltar para ella, porque se não fossem apoderar das embarcações, que ficavão fós.

Os tres Capitães D. Nuno Alvares, Simão Dabreu, e Pedralves Dabreu, e hum Foão de Figueiredo Capitão de huma das fustas de D. Antonio de Noronha, forão encaminhando para a Cidade pelo tezo acima, té descobrirem a porta a tiro de espingarda della, a qual logo virão abrir para recolherem hum magote de Mouros, que hiaõ fugindo, e parece vinhão daquella parte por onde D. Antonio hia; e em se a porta abrindo, gritou hum Frade de S. Francisco

cisco Leigo, homem virtuoso, e de animo, que levava hum Crucifixo arvorado diante, que dessem Santiago, e que cometessem aquella porta para entrarem de envolta com os inimigos; mas os Capitães pararam, por lhes parecer temeridade cometerem-na elles só. O Figueiredo da companhia de D. Antonio, em o Frade bradando, appellidou elle Santiago, e foy arremetendo adiante; do que os tres Capitães desconfiados, foram por diante para a porta: mas assim foram servidos de espingardadas, de que feriram alguns, que os fizeram deter, e alguns de seus soldados se começaram a desinambar.

Os tres Capitães de D. Paulo havendo por opiniaõ perderem o que tinham ganhado, ajuntando-se todos fizeram rosto aos inimigos, com os quaes travaram hum

U bem

fos, que perguntando-lhes Diogo Soares, logo entendeu ser aquillo medo, e pelejando com elles, lhes disse que era mentira, e que não dissessem tal; que voltassem com elles, e lhe fossem mostrar, onde elle ficava; o que alguns fizeram, inda que contra sua vontade. E indo assim estes Capitães recolhendo alguns desmandados, acharão hũ que lhes disse a parte, onde D. Antonio ficava apertado dos inimigos, e tomando este consigo, encaminharão para lá, e chegando a D. Antonio, o acharão ja metido na tranqueira, e pelejando por entre os páos, que eraõ largos, com hum grande corpo de Mouros, que o tinhaõ cercado: e ja a este tempo não era mais que elle, e D. Manoel Dalmada, e dez, ou doze soldadós, que este dia fizeram muitas façanhas, e muy gran-

des cavallarias, e pelo chaõ esta-
vaõ ja mortos quatro, ou cinco
dos nossos de espingardadas, e al-
guns feridos.

Diogo Soares com os com-
panheiros chegou com grandes brá-
dos dando Santiago, e da primei-
ra furriada derrubou alguns dos
Mouros, e todos os mais se reco-
lheraõ, vendo soccorro de fresco;
e ficando ja D. Antonio hum pou-
co desapressado, lhe disse se fosse
recolhendo, que estava cansado,
e com os companheiros feridos, e
que elle iria tendo o pezo aos ini-
migos; o que elle fez: e Diogo
Soares ficou atrás ás espingarda-
das com os Mouros, com o que
os foy entretendo té chegarem to-
dos á praya, onde os nossos na-
vios estavaõ, e os inimigos naõ
quizeraõ passar avante com medo
da artilharia. D. Antonio vindo-se
reco-

recolhendo, mandou de passagem pôr o fogo a quatro galés novas, que estavaõ no estaleiro, as quaes arderaõ todas. Póstos na praya, onde Matheus Pereira, e Francisco de Souza estavaõ em guarda, e ás espingardadas com os Mouros, embarcaraõ-se todos, e o mesmo fizeraõ os que estavaõ no Forte do Coritaõ, indo D. Antonio bem desconfiado do successo, e segundo a cousa foy arriscada, pudéra succeder huma desaventura: perderaõ-se dos nossos seis, a fóra muitos feridos, que não perigaraõ. Assim ficaraõ continuando na bataria, e dando alguns assaltos nas povoações dos Mouros pelo rio acima, em que lhes fizeraõ muito dano.

CAPITULO XXIII.

De como chegou a For D. Paula de Lima, e do conselho que tomou sobre a desembarcação, e do sitio, e fortificação da Cidade de For.

Dom Paulo de Lima, depois que se apartou na terra do Achem da Armada de remo; foy com os galeões seguindo sua derrota; e achando tempos contrarios, quando chegou a Malaca, era ja em Julho, e surgindo na Ilha das Náos, foy logo visitado do Bispo, e Cidade, e alli lhe deu informação do estado, em que as couzas estavaõ, e do successo da sua Armada em Jor em companhia de D. Antonio; com o que logo determinou de se partir, e mandou

mandou dar pressa á agoada , e nas couzas que mais erãõ necessarias para a Armada , as quaes o Bispo negociou com dinheiro seu , e de partes , que para isso tomou emprestado ; no que gastou D. Paulo todo aquelle mez ; e na entrada de Agosto se fez á véla para Jor , onde chegou a seis do mesmo mez. Tanto que na Armada se soube da sua chegada , largaraõ os seus navios todos , e foraõ buscallo , sendo levado o seu galeaõ ás tôas té surgir defronte da Cidade no pouzo , em que estavaõ os outros galeões. Dalli se poz a notar o sitio da Cidade, que se descobria aquella face toda , por estar no alto ; e posto que naõ vio grande magestade de edificios de pedraria , muros , torres , curuchéos , nem outra alguma fermosura das Cidades da Europa , vio todavia huma

HOLLERIN muito

muito fermosa Cidade estendida de longo daquelle ribeira, e inda que os muros eraõ de madeira, e as casas cubertas de folha de palma, tambem vio outras torres, outros muros, e outras architecturas de mais fermosura, e fortaleza; que era grosso povo, e gente muito lustrosa, que enchia os lugares altos, e baixos, que estavaõ á vista da ribeira, e tanta, e taõ basta artilharia, que té por cima das arvores se mostrava; e por todos os baluartes, guaritas, e estancias muitas, e differentes bandeiras de cores de sedas desfraldadas, e com diversas tenções conforme aos dos seus Capitães.

Tudo isto notou de vagar, sem nenhuma couza das que vio, nem ouvira fazerem algum abalo em seu animo; antes mandou logo a toda a Armada que salvassem a Cida-

218 *Vida de D. Paulo*

a Cidade sem pilouros, assim por bizarrria, como para mostrar aos inimigos o alvoroço com que os hia buscar; o que se fez com tanto terror, e espanto, que parecia representar o final Juizo, afuzilando fogo, vaporando fumo, atroando os ares, escurecendo o dia; de sorte que tudo eraõ car-rancas medonhas á vista dos da Cidade, que bem sabiaõ que a furia de toda aquella Armada havia de it a quebar em suas tranqueiras. O Rajale posto que em seu peito fez aquillo grande abalo, todavia naõ se lhe entendeu; mas antes muito inteiro, e seguro mandou tambem salvar a Armada sem pilouros, e andou correndo as estancias, e provendo nas couzas, que lhe pareceraõ necessarias. E porque naõ temos dado relação do sitio desta Cidade de Jor, será rezaõ fazer-molo

molo aqui , para mostrarmos sua fortificação , e se estimar em mais a vitoria, que os nossos alcançaraõ.

CAPITULO XXIV.

Quem era este Rajale Rey de For , e do sitio em que esta Cidade está.

O Rey de Malaca , a quem Afonso de Albuquerque tomou aquella Cidade , chamava-se Mamed Xá , o qual depois que a perdeo , se passou para Ujantana, e fundou a Cidade de Jor , onde fez seu assento ; e alli sendo muito velho o cativou ElRey do Achem, e o levou para a sua terra , onde morreo. Succedeo lhe no Reyno Soltan Alaudin , que fez sempre muitas guerras a Malaca. Por morte deste lhe succedeo seu filho
Mala

220 *Vida de D. Paulo*

Mala Faxá, que ficou menino em poder de seu tio, que he este Rajale Rey de Jor, contra quem D. Paulo de Lima foy; o qual depois por tempos o matou o sobrinho, sendo ja casado com huma filha do Rey do Achem, com a qual elle logo se casou, e lhe tomou o Reyno, e seu proprio nome he Soltan Abdal Jalel; e assim fica conhecido. Agora faremos hũa descripção desta Cidade de Jor, para tambem se saber seu sitio, e fortificação.

Está situada na ponta daquelle lingua da terra de Malaca; fóra de todos os baixos, em altura de grão e meio do Norte, duas legoas por hum rio dentro, muito largo na boca, e dentro no mais estreito de hum tiro de berço, todo tão limpo, e de tão bom fundo, que hum pouco afastado da
praya

praya podem surgir grandes náos, e por toda ella pôem os navios de remo as prôas em terra. Estende-se a Cidade sobre hum alto de longo, a longo da praya, distancia de hum tiro de faloão, cercada de muros de madeiros muy gróssos de duas faces, com outros atravessados, e rodeados de andaimos para a gente de peleja. No meio desta face da Cidade, que fica fronteira ao surgidouro, se fazia hum baluarte como cavalleiro muito alto, o qual jogava huma serpe, e hum camello de bronze; e logo abaixo delle, donde estava huma arvore, jogava hum leão mourisco; e por cima da arvore, que era grande, e frondosa, havia muitos chichorros, e peças que estão abaixo de mejos berços. Deste forte acima para a banda do mar estava outro, a que chamavaõ Cotabato, que he o mes-

o mesmo que Fortaleza da terra ; por ser de taipas muy grossas , folhado de vigas muy grandes , por lhe ficar debaixo hum almazem : tinha quatro bombardeiras , que jogavaõ hum camello , dous camelletes , e hum falcaõ. E porque neste Forte estava a força da Cidade , o tinhaõ muy reparaado , e fortificado ; e para mais fortaleza fazia para a banda de fóra huma maneira de couraça , que o cingia todo , das mesmas taipas , e dentro ficava huma praça , e terecena á roda , paraggazalhado dos soldados da sua guarda ; e da parte de dentro cercava o Cotabato outra tranqueira de pãos muy grossos com huma escaida , e huma porta para sua serventia , a qual hia sahir á rua , que vay dar nas casas d'ElRey. Da parede , que está para a banda do primeiro baluarte , se enfia outra

com

com seis travézes da mesma taipa, a qual vay dar em huma guarita de revés, antes da qual ha huma grande porta, que he a principal da Cidade, da qual corre huma rua direita, que he a principal da Cidade, e vay dar nos Paços, a qual atravessa toda a compridaõ da Cidade, que será de hum tiro e meio de falcão. Tudo isto da tranqueira té a guarita he muro de taipa, e por cima della tranqueira de páos muy grossos com seus travézes pegados.

Daqui avante para a mão direita corre tudo tranqueira de páos, e mastros grossos metidos em vallos muy grandes, e pelo certo he cercada de huma tranqueira simples, sem torre, nem baluarte algum, porque daquella parte se não temiaõ; tinha toda a toda na face huma fermosa cava cheia de agüdos,

dos, e perigosos estrepes; e o que fazia a Cidade mais forte, era ficar quasi como Ilha, porque de ambas as partes a rodeavaõ alguns esteiros, que o rio dalli faz, e a Cidade por dentro tinha as ruas todas tapadas nas entradas com tranqueiras de madeira grossa. E de longo do mar corre o arrabalde, que he aquelle que D. Antonio de Noronha queimou. Em fim que a Cidade á vista de fóra estava a mais soberba couza, que podia ser; porque por todas as partes, por onde se via, se lhe enxergava muita, e grossa artilhaia, té por cima das arvores, como ja dissemos. Mas o que se via mais para temer, era a muita, e fermosa guarniçaõ, que por dentro tinha, de soldados Malayos, Manacabos, Jáos, e outras nações fortes, e bellicosas, de que o Rajale se foy apercebendo de va-
gar,

gar, convocando a ajuda dos vizinhos, e amigos, como dentro tinha; e porque parece que o coração lhe denunciava os males, que sobre si veo, e que havia mister ajuda de todos, e inda de outros Reys de mais longe, se os pudéra acarretar. Assim sendo elle de antes o que sem ajuda, nem favor de nenhum delles por algumas vezes cercou a Fortaleza de Malaca, e se apresentou com grossas Armadas, e exercitos diante de seus muros; mas agora parece entendeu, que não só havia de resistir a huma grossa Armada, guarnecida da melhor Fidalguia, e soldadesca da India, mas que tinha contra si hum Capitão muito venturozo nas couzas da guerra; porque a boa fortuna he principio de vitoria: pelo que se quiz valer de tudo; e tinha metido na Cidade doze mil homens

escolhidos com alguns Reys amigos, como o do Tugual, de Dadragir, de Campar, afóra outros Senhores, com o que lhe parecia estava seguro.

D. Paulo ao outro dia, depois que alli chegou, chamou a conselho todos os Capitães, e tratou sobre a desembarcação; porque determinava de pôr logo as mãos áquella obra; porque se lhe os inimigos vissem dilatar aquelle acometimento, cobrariaõ animo, cuidando que os receavaõ. E depois de debatido sobre isso muito, assentaraõ com parecer dos praticos da terra, que se cometesse a Cidade pelo canto, que vay de frente do Forte Coritaõ, porque por alli só não tinha cava. Resoluto nisto, mandou o Capitãõ mór que se chegassem os galeões a terra tudo o que pudéssem por rigei-
ras,

ras, e que batessem a Cidade, para terem quebrantado os inimigos. Continuando a bataria o primeiro dia, sahiraõ do rio, que corre pela ilhargã da Cidade, huma copia de navios cheios de gente lustrosa, e foraõ cometer as nollas fustas, só por divertirem a bataria, e metterem a Armada em revolta. Os navios de remo em vendo os inimigos, tomaraõ o remo na maõ, e remeteraõ com elles; os quaes se lhes foraõ retraindo para a terra, a fim de irem meter os nossos navios nas bocas das bombardas, que tinhãõ para aquella parte, e ao mesmo tempo appareceo pela banda da Barra outra Armada de quarenta velas com os mesmos intentos de inquietarem os nossos, que lhe sahiraõ, e os fizeraõ voltar; mas o Capitãõ mór entendendo-os, mandou que se recolhessem, e que

228 *Vida de D. Paulo*

se continuasse a bataria dous dias ; nos quaes foy tal o terremoto, que andavaõ todos surdos do estrondo da artilharia.

CAPITULO XXV.

De como os nossos desembarcaõ na Cidade de For, e a cómete- raõ, e de como a entraraõ; e da espantosa, e duvidosa bata- lha, que dentro nella tiveraõ com os inimigos, e dos casos, que nella succederaõ.

Como o Capitaõ mór D. Pau- lo de Lima era muito devoto da Assumpção da Virgem Nossa Senhora, que cáe a quinze de Agos- to, foy dilatando o tempo da desembarcação té chegar o seu dia, e em todos aquelles dias foy dando ordem ás couzas da desembarca- ção,

ção; e informando-se da terra, e do modo da fortaleza: e aos quatorze do mez vespera da Senhora mandou da outra banda de Jor armar hum altar, e desembarcou com toda a gente, e se lhe disse huma devota Missa, na qual commungou com todos os Capitães, e a mór parte da sua gente; porque quiz elle registrar aquellas couzas primeiro com Deos; por quanto Elle quer que se entenda que todo o bom vem d'elle, e que nós homens não ha poder para nada. Feito este acto de Christão com muita devação de todos, ao outro dia no quarto da alya começou aquella espantosa batalha dos galéões, e o Capitão mór se mudou aos navios de remo com toda a gente da Armada, e foy cometer a terra, deixando toda a Armada encarregada a Luis Martins Pereira, que se pas-
sou

230 *Vida de D. Paulo*

fou a huma galé, e elle com todo o poder cometeo a terra ao som de muitas trombetas, tambores, e pifaros, levando ordenado tres batalhas de toda a gente, de que não quiz fazer alardo, por se não saber quam pouca era; e todavia não passavaõ de quinhentos Portuguezes.

A primeira batalha encomendou a D. Antonio de Noronha, a quem cometeo a dianteira, com a qual havia de ir toda a gente de Malaca, e com elle a D. João Pereira, e feu irmaõ D. Nuno Alvres, Da Manoel de Almada, D. Fernando Lobo, Sebastiaõ de Souza, Francisco de Miranda, Martim Affonso de Mello, e outros Fidalgos mancebos, que hiaõ aventureiros, e desejavaõ de ganhar honra. A segunda batalha deo a Matheus Pereira de Sampayo, e com elle D.

Bernardo de Menezes, Sebastião de Miranda, e a gente dos bantins. E a terceira batalha tomou o Capitão mór para si, com a qual ficaram Francisco da Sylva de Menezes, D. Pedro de Lima, Diogo Soares de Mello, Simão Dabreu de Mello, Francisco de Souza Pereira, Pedralves Dabreu, que inda que não mandava bem o braço, quiz-se achar alli, e os dous Capitães Froes, e Coelho, e cometeo a terra. E o primeiro que nella poz os pés foy D. João Pereira com a sua bandeira, e logo D. Antonio de Noronha com a de Nossa Senhora do Rosario, que sempre tirou nesta jornada; e em terra acharão hum grande corpo de inimigos, de que era Capitão Rajama Cotta, que o Rajale mandou a defender a desembarcação, com o qual D. João Pereira travou logo com grã-
de

de animo , levando-os logo da ar-
rancada ; mas como o Rajalé vio-
gente em terra , mandou mais po-
der , que chegou áquelle tempo ,
e carregando sobre D. João , foy-
lhe a elle forçado recolher-se no
Forte do Coritaõ , onde deteve os
inimigos , que os fizeraõ recolher
para hum palmar , que se fazia da
banda do mar , ficando D. Anto-
nio , e D. João Pereira esperando
pelo Capitaõ mór , que estava des-
embarcando.

Tudo o que neste tempo se
ouvia eraõ coriscos , e trovões af-
fim da Armada , como da Cidade ,
que desparou todas as suas carran-
cas ; porque como se guardava pa-
ra este dia , que havia de ser o ul-
timo dos trabalhos , toda a defen-
saõ , e força nos inimigos , e nos
nosso todo o cabedal de esforço
para cometer huma Cidade tão for-
te ,

te, e bem provida, assim se desfazia tudo em trovões, e terremotos, que não havia poder ninguem entender-se. Já neste tempo era a manhã clara, e a gente não acabava de desembarcar, pelo impedimento das estacadas, em que alguns dos navios se embaraçaraõ, e muitos soldados vendo já o Capitão mór em terra se lançaraõ á agoa, por não lhes soffrer o coração estarem sem poder chegar. O Capitão mór depois de posto em terra, vendo andar alguns soldados del mandados, mandou a Diogo Soares que os fosse recolher; o que elle não pode fazer, e chamou Francitco de Souza Pereira, que achou mais perto, e ambos recolheraõ os soldados, e alguns já bem escalavrados do encontro, que haviaõ tido com os Mouros. É porque o Rajama Cotta, que se tinha recolhido ao pal-

mar, affrontava os nossos com a sua arcabuzaria de longe, mandou o Capitão mór meter hum Capitão com alguns soldados no Forte do Coritaõ para dalli afastar os inimigos, o que elle fez com morte de alguns.

Desembarcada toda a gente, poz-se o Capitão mór no campo com hum fermoso esquadraõ, e sobre a parte, por onde se havia de cometer a Cidade tornou haver diferentes pareceres. Porque os bantineiros de Malaca, que aquillo sabiaõ bem, alguns andavaõ quasi areados, do que o Capitão mór se enfadou, e mandou que se apartasse a dianteira, e cometesse o caminho da Cidade, e que algumas peças de artilharia de campo, que estavaõ encomendadas a Fernão Pegado, se escusassem, por alguns inconvenientes que se offereceraõ.

Os da dianteira começaram a marchar, e logo apoz elles o Capitão mór com todo o resto do exercito, com aquella determinação, e furor Portuguez, que se não contenta de menos feitos, que daquelles, que na imaginação dos homens são havidos por duvidosos; e assim passaram avante, sem temerem os estrondos infernaes de tantos pilouros, como os que lhe zoniaõ pelas orelhas, como se todos elles foraõ feitos debaixo de alguma constellação, que lhes não pudésssem empécer. Os Fidalgos da dianteira os tres delles D. Antonio de Noronha; D. Joaõ Pereira, e D. Manoel de Almada apartaraõ-se para cada huma sua parte com os parentes, amigos, e quem mais os quizesse seguir, e foraõ pelejando com o Rajama Cotta, que apertou tanto com os nossos, que duas vezes os
fez

236 *Vida de D. Paulo*

fez tornar té o forte do Coritaó ;
 mas como elles não puderaõ con-
 sentir acorrilarem-nos , tornaraõ
 com grande furia a rebentar , e a
 dar nos inimigos de feiçaõ , que
 com morte de muitos os foraõ le-
 vando té o palmar.

D. Paulo de Lima acodio
 áquella parte , onde ja os nossos
 andayaõ embaraçados , e travados
 com os inimigos em huma áspera
 batalha de espingardaria de huma ;
 e outra parte , que se affirma en-
 contrarem-se os pilouros nos ares
 huõs com os outros ; e assim foraõ
 os nossos em huma continua esca-
 ranuça levando sempre os inimi-
 gos diante de si , té os da diantei-
 ra se pôrem em cima do tezo , por
 onde fazia hum caminho , que hia
 dar ao canto da Fortaleza , naquel-
 la parte que ficou sem cava , e por
 elle foraõ té chegarem aos muros ;
 e D.

e D. Antonio de Noronha chegando á tranqueira se abraçou com hum daquelles páos, como quem os saudava, ou tomava posse delles. D. Joaõ Pereira rompendo sempre por nuvens de pilouros, que de todas as partes choviaõ sobre elle, e vendo-se huns, e outros pegados á tranqueira (que era como dissemos de entenas muy grossas) remeteraõ a ella, e a começaraõ a abalar com as mãos; porque as couzas necessarias para aquillo faltassem a D. Paulo por prover, porque por todas as bandeiras mandou repartir grande soma de machados, codolis, enxadas, alviões, e outras couzas desta forte; mas porque as pessoas a quem se encomendaraõ não eraõ inda chegadas, e assim ferrados todos nos páos, trabalharaõ em vão por tirar algum, estando da
banda

bãnda de dentro muitos inimigos ; a quem aquella parte era encomenda , que assim ás espingardadas , como ás lançadas trataraõ de rebater os nossos.

Vendo isto dous soldados de D. Joaõ Pereira, hũ chamado Francisco de Sá , e outro Manoel Pestana , que desejavaõ de serem os primeiros , que entrassem naquella Cidade , e assim o levavaõ determinado , começaraõ a subir pelos páos com só espadas , e rodellas , e póstos em cima , com aquelle mesmo furor com que hia se lançou dentro Manoel Pestana , que logo foy despedaçado , e subindo juntamente com elle Francisco de Sá , foy entre os páos alanceado ; naõ lhe deixando sentir o desejo daquella honra o perigo daquella morte. D. Antonio de Noronha , e D. Joaõ Pereira pegados aos páos deraõ-

deraõ-lhes tantos vaivens, que os abalaraõ, e sem terem dever com a grande multidaõ de lanças, que lho defendiaõ, trabalhando tudo o que puderaõ, huns para derrubarem os páos, e outros para afastarem os inimigos da tranqueira, para os que trabalhavaõ o fazerem mais desapressados; nias os de dentro como homens que quetiaõ defender a sua Cidade, suas mulheres, e filhos assim pelejavaõ determinados, que no lugar em que se hum punha; alli lhe tirava a vida o pilouro, que o trespassava, e a lança, que o atravessava, sem fazerem pé atrás. Assim os deixaremos neste trabalho, por continuarmos com o Capitão mór.

D. Paulo de Lima foy entrando pelo palmar guiado de hum Christaõ, que sabia a terra; e por ir muito cansado do trabalho com
o pezo

o pezo das armas, se assentou hñ pouco sobre hunra pedra, e perguntou por D. Antonio de Noronha, de que naõ havia novas. Neste tempo chegou Diogo Soares a elle, e lhe disse que ja ficava pegado com a tranqueira da Cidade; porque tanto que vio ir D. Antonio por aquelle tezo acima, o foy seguindo com muito trabalho sempre ás espingardadas com os inimigos; até que descobrio os nossos na tranqueira, e voltando deo as novas ao Capitão mór; com o que elle ficou desaliviado, e começou a endireitar para onde Diogo Soares foy guiando, indo em huma continua escaramuça com os inimigos; porque era chegado de refresco em favor do Rajama Cotta outro Capitão com mil e quinhentos escolhidos, e juntos assim se determinaraõ com os nossos, que

que como homens offerecidos a morrerem se metião pelas lanças, e chegaraõ á espada, e ás punhadas, e assim se travou alli huma batalha a pé quedo, e de rosto a rosto muito cruel, e arriscada; mas como os inimigos eraõ tantos, apertaraõ de feição com os nossos, que começaraõ a se desordenar.

O Capitaõ mór vendo aquillo, e entendendo que naõ estava em mais perder-se, que em cõmeçar a desconcertar-se, arrancando de huma fermosa espada lançou-se no meio dos inimigos com ella levantada em alto, dizendo: *Aqui Cavalleiros de Christo, aqui: ah Cavalleiros, segui-me; porque aqui esta o caminho da vitoria; e com aquelle furor deo em os inimigos, aos quaes fez bem sentir os fios da espada. Vendo os Capitães, e todos os mais a seu Capi-*

taõ mór naquelle risco, rompendo
como leões por tudo, foraõse-lhe
põr diante, e alli obraraõ taõ al-
tas cavallarias, que foy espanto,
fazendo nõs Mouros tal estrago,
que de o naõ poderem soffrer se
foraõ recolhendo para o palmar.
Ando ja o Rajama Cotta ferido, e
outro Capitaõ ficar estirado de
muitas cutilladas, e ja morto, os
nõs os foraõ seguindo, e como
logo adiante havia hum mato, re-
ceando D. Paulo que nelle lhe ti-
vessem armado alguma cillada, to-
cou a recolher, e alli naquelle lu-
gar, onde os inimigos se foraõ re-
colhiendo, se assentou elle hum pou-
co de muito cançado; e depois to-
mou o caminho pelo tezo acima,
por onde Diogo Soares o guiou,
o qual, com ser muito ingreme,
foy o Capitaõ mór por elle taõ a-
pressado, e animoso, que parecia
naõ

naõ ter paflado trabalho algum, dando na alegria do rosto, que era muito gentilhomem, huma muito certa esperança de vitoria. E assim chegou a D. Antonio de Noronha, a tempo que tinha tirados dous páos, e feito caminho para entrarem.

Esta chegada foy hum espectáculo espantoso, e que pudéra meter medo a muitos; porq̃ achavaõ aquelle campo cheio de mortos, e feridos, e hum Padre confessando aqui a hum, e por outra parte lembrando o nome de JESU a outro, que estava ja expirando; huns gemendo, outros brádando por panellas de polyora, por lanças de fogo, por machados, por enxadas, e pelo Capitaõ mór; de forte que tudo era huma confusão, e labyrintho formado. Os inimigos trabalhavaõ de dentro tudo o que

podiaõ por defenderem a sua Cidade, dando tambem suas gritas, e chamando pelos seus Capitães. Em fim este foy o dia dos mais afinalados, e em que os Portuguezes mais mostraraõ os quilates do seu esforço, e valentia.

Chegado D. Paulo (como dissemos) áquella parte, a tempo que os dous páos eraõ derrubados, entrou logo pela abertura dentro Sebastiaõ de Miranda homem fidalgo, filho de Diogo de Miranda Dazevedo, e logo hum Foaõ Soares o Alferes de D. Antonio de Noronha, que era hum valente Cavalleiro, com a bandeira de Nossa Senhora do Rosario muito alevantada, brádando, e aclamando por ella, e chamando os nossos que o seguissem: apoz elle entrou D. Antonio, D. Joaõ Pereira, seu irmão D. Nuno Alvres, D. Manoel de

Alma-

Almãda, e os mais Fidalgos, e Cavalleiros, que os acompanhavaõ, recebendo todos muitos golpes mortaes, e perigosos, de que alguns cahiraõ. D. Paulo vendo aquillo, começou-os animar, e a louvar com palavras muito honradas, as quaes dando nas orelhas dos que hiaõ entrando, e nas dos que estavaõ ja da banda de dentro em batalha com os inimigos, assim se animaraõ todos, que se metiaõ pelas lanças, matando, e derubando tantos, que dos outros não poderem aturar aquelle estrago, foraõ-se recolhendo para dentro.

CAPITULO XXVI.

Do que aconteceu a D. Paulo de Lima dentro na Cidade até a destruir de todo.

TAnto que D. Paulo de Lima entrou na Cidade, indo sempre diante D. Antonio com os Fidalgos, que o acompanhavaõ, e logo a segunda batalha de Matheus Pereira, D. Bernardo de Menezes, Francisco de Souza Pereira, Sebastiaõ de Miranda, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, foraõ entrando pela rua, que era estreita, e cheia de lama, pela qual foraõ levando os inimigos sempre diante pelejando muito valerosamente; e por toda esta rua de cima das janellas, e guaritas cahiraõ sempre sobre os nossos muitos dardos de arreme-

arremeço, infinitas fréchas de peçonha, e outros muitos instrumentos mortaes, que todos se empregaraõ bem, por irem os noslos muito apinhoados pela estreiteza do lugar, dos quaes alguns cahiraõ logo mortos, e outros passaraõ muito mal feridos. Vendo Mathheus Pereira, e os da segunda bandeira, que aquella rua hia maciça com os de diante, e que assim de cima das janellas, como das bocas das travessas, que hiaõ sahir áquella rua, eraõ todos muito mal tratados, sem se poderem menear bem, achando hum caminho, que hia para o muro, foraõ subindo por elle té se pôrem em cima dos andaimos, donde hiaõ pelejando com os inimigos mais á sua vontade, e mais desafogados. D. Antonio de Noronha foy passando avante, rompendo por todos aquelles
peri-

perigos mortaes , recebendo feridas , e tiros de arremço , e fatisfazendo-se logo de muitos dos inimigos , que cahiaõ ataçalhados de suas mãos , passando por cima de seus corpos , que tambem lhe não foy pequeno estorvo.

Nesta rua tiveraõ os nossos grande trabalho , e se viraõ algumas vezes perdidos ; mas o animo , e o furor os levou sempre por diante , fazendo taõ altas cavallarias , que se não podem particularizar. E indo ja no cabo da rua , que hia dar á outra grande , onde estavaõ os Paços d'ElRey , foraõ recetendo os inimigos , e apertaraõ tanto com os nossos , que esteve a couza muito arriscada a se perder tudo. Mas todavia o esforço de D. Antonio , de D. Manoel Dalmada , e de todos os mais , que ja nomeámos , que hiaõ na diantei-

ra, sustentaraõ aquelle pezo á custa de muitas feridas, e das vidas de muitos, e entre elles a de D. Bernardo de Menezes, que tinha mostrado o valor que sempre nelle se achou, ao qual quiz a desventura que lhe dessem huma espingardada pelo pescoço, da qual logo cahio, indo armado de armas, que os pilouros não podião offender por todas as mais partes do seu corpo: a qual morte parece que o coração lhe advinhava; porque estando-se armando para desembarcarem, disse a hum seu amigo que ja tomara sahir daquella guerra com huma perna menos; e ao desembarcar em terra o viraõ taõ triste, e malenconizado, que elle mesmo sentio em si outros diferentes affectos dos dias passados, que parece ja se lhe representava a triste morte, que alli lhe haviaõ
de

de dar, a qual foy muito sentida de todos, pela perda que naquelle tempo fazia sua pessoa, por ser muito bom Cavalleiro, e em todas as couzas, em que na India se achou, que foraõ muitas, sempre muito grandes mostras deo do seu esforço. E porque nos naõ pareceo rezaõ passar aqui por hum caso espantoso, que lhe aconteceu, o contaremos, porque sirva de exemplo para os homens mancebos nos perigos, como estes, fazerem conta com Deos, pois arriscaõ tanto a vida pelas couzas della; e o caso foy este.

Era este Fidalgo criado, e nascido na India, e dado ás delicias, e lascivias della como mancebo, posto que ja o naõ era: parece que sabia outro Fidalgo seu amigo, que andava por confessar, e como os que tem este nome, e

san:

fanguê o haõ de mostrar mais nas couzas , que pertencem á alma , que nas do corpo , o persuadio o outro a se confessar , e inda o levou comfigo a huma fusta , onde hum Padre hia , e o deixou a seus pés. Succedeo na mesma noite estando na camara da sua galé querer fazer seu testamento , e estando começando , passou-lhe hum rato por cima do papel por sinco , ou seis vezes , que tantas começou a querello continuar ; e tantas couzas fez , e arranhou , que deixou o testamento , e se deitou a dormir , e em tomando o somno , lhe roeo o mesmo rato hum pé. Ao outro dia quando desembarcarão em terra , lhe aconteceu o que acima temos contado , e se nos não lembra mal , tambem nos disserão que cahira no mar.

E tornando ao nosso fio , D.

Anto-

Antonio esteve no cabo da rua perdido, e lhe mataraõ diante del-
le alguns homens, e a elle deraõ
huma espingardada pela fralda do
capacete, sem receber dano; mas
naõ ficou sem elle de huma frécha-
da de peçonha, que lhe deo na ma-
çãa do rosto, da qual se lavou to-
do em sangue; mas todavia sem-
pre foy passando avante, e pele-
jando com muito valor. O Capi-
taõ mór, depois que Matheus Pe-
reira tomou por cima dos andai-
mos, ficou na retaguarda de D. An-
tonio mandando-lhe gente de re-
fresco, e vendo, e notando tudo
o que succedia, para prover, e
acudir ao que fosse necessario. Em
fim tanto trabalharaõ os da dian-
teira, que sahiraõ á rua grande
d'ElRey, onde estava todo o
poder com a pessoa do Raja-
le, e dos Reys da liga, e toda a
frol

frol de seus Cavalleiros Jáos , e mancebos ; os quaes arremeteraõ com os nossos , por se mostrarem diante dos seus Reys , e com tanto impeto deraõ na dianteira , que fizeraõ parar a todos , derrubando alli alguns dos nossos , e ferindo outros muitos de differentes feridas. Aqui foy o mór perigo , em que os nossos se viraõ , no qual estava o fim daquella contenda , e em que não havia mais , que vencerem , ou morrerem todos ; porque alli não havia mais soccorro , que o de Deos , e o de seus braços , a que se elles encomendaraõ , pondo os olhos em N. Senhor crucificado , que hia em meio delles alevantado em huma haste , e na figura da Virgem Nossa Senhora , que hia na bandeira de D. Antonio , e se lhe encomendaraõ de todo o coração , meneando todos as mãos

na defenſaõ de ſuas peſſoas. Mas todavia, como alli acodio o poder todo, e os Reys animavaõ os ſeus a defenderem a ſua Cidade, ficou a couza taõ ſuſpenſa, e arriſcada, que de ver D. Paulo quaſi tudo perdido, mandou alguns Fidalgos da ſua companhia que ſoccorreſſem D. Antonio, que eſtava diante com D. Manoel Dalmada fazendo todos taõ altas cavallarias, que era eſpanto; e apreſentando-ſe os do refreſco diante, ſuſtentaraõ aquelle impeto dos Mouros hum pouco, e todavia pararaõ, porque elles eraõ muitos, e de todas as partes cahiaõ ſobre os noſſos coriſcos, e todos os instrumentos mortaes.

D. Paulo de Lima vendo o feito taõ arriſcado, receando que alguns dos de diante ſe deſmandaiſſem, no que só eſtava ſua perdição, paſſando por todos com a eſpada

pada na mão, apresentou-se aos inimigos aclamando Santiago, dizendo aos seus: *Ab Cavalleiros de Christo, avante, avante;* e dando nos Mouros, que estavaõ diante, os começou a cortar com tamanho animo, e segurança, que nunca o furor da batalha lhe fez perder a obrigação de Capitão; porque meneando as mãos em dano dos Mouros, mandava, e governava tudo. Os Fidalgos, e Cavalleiros da sua companhia vendo o seu Capitão mór metido no maior perigo, passaraõ a se lhe pôr diante, fazendo todos obras memoraveis.

CAPITULO XXVII.

De como os nossos ganharaõ o Forte do Cotobato.

MAtheus Pereira, que hiã pelos andaimos pelejando com todos os Mouros do Cotobato, e das guaritas, que sahiraõ ao receberem, e achando nelles tamanha resistencia, que como homens determinados a morrerem, se metiaõ pelas armas dos nossos sem temor da morte, ferindo, e derubando alguns de muitos, e perigosos tiros, que choviaõ sobre os nossos; mas elles passando por tudo foraõ avante, ferindo, e matando nos inimigos, que naõ deixavaõ o lugar, lenaõ com a vida. Matheus Pereira foy sempre diante de todos sustentando o impeto
dos

dos Mouros, fazendo tremar a todos pelo estrago, que lhe viaõ ir fazendo; porque era hum homem muito grande, e membrudo, e sobre tudo de grande animo, e forças, e como hum leaõ ferõs foy sempre pondo o peito a todos os perigos, brádando pelos seus que o seguissem, e que ganhassem o Cotobato, que nullo estava o vencimento de toda a vitoria. E indo neste trance emparelhando com a rua d'ElRey, onde os nossos estavaõ naquella perigosa batalha, em que os deixámos sem se declinar, e como hiaõ por cima dos andaimos, descobrião toda a rua, e viraõ muito bem o risco, em que o Capitaõ mór estava, e a confusão em que todos se viaõ; e achãdo a escada, que hia para a rua, desceo-se por ella Francisco de Souza Pereira, que sempre acom-

R

panhou

258 *Vida de D. Paulo*

panhou Matheus Pereira , e em todos aquelles riscos foy o primeiro , e com huma furia espantosa, acompanhado de alguns dos seus , foy demandar o Capitão mór , para se achar com elle naquelles perigos ; e passando por todos , chegou elle brádando por Santiago , e se lhe poz diante com a mór parte dos Capitães, que sempre o seguirão , e começou a pelejar muito animosamente.

D. Paulo de Lima mostrou neste dia o remate de todo o seu valor , e prudencia , porque tambem aquelle foy o mór perigo, em que nunca se vio , e em que todos se acharão em tanto aperto , e risco, que esteve a couza por algumas vezes duvidosa. D. Manoel Dalmada , que hia na dianteira fazendo façanhas , e dando-se a conhecer aos inimigos , que hia affina-

lando

lando com os fios da sua espada, depois de ter feito tudo, o que se podia esperar de hum espirito muito deseioso de honra, pela qual desprezou sempre todos os perigos, em que alli se vio, chegada a sua hora lhe deraõ com dous zarunchos de arremeço, e hum por baixo da barriga, de que logo ficou mortal; mas como o animo estava ainda prompto, trabalhou por se alevantar, e satisfazer-se daquelle injuria, o que não pode fazer, porque a ferida era mortal, e tornou a cahir sem mais fallar. D. Antonio de Noronha, que estava junto d'elle, se lhe atravessou diante para ter tempo de se alevantar, cuidando não ser a ferida taõ perigosa; mas vendo que era acabado, foy fazendo seu officio, pelejando, e animando os seus com muita segurança, e com grande má-

260 *Vida de D. Paulo*

goa, e dor da morte daquelle Fidalgo, que em todos aquelles trabalhos lhe fora sempre companheiro, e no qual se perdeu muito, pelas esperanças que tinha dado para couzas muito grandes.

D. Paulo de Lima esteve muitas horas sustentando aquelle impeto, porque pela rua recreciaõ cada vez mais os inimigos, e como huma arrebatada torrente vinhaõ a rebentar em os nossos, como sõe a força da agoa fazello em alguma dura rocha, se se lhe atravella diante. Estes encontrõs esperavaõ os nossos taõ firmes, e seguros, que não havia couza que os abalasse, sendo o partido taõ differente, porque além do número ser taõ desigual, que havia vinte para cada hum, andavaõ os nossos cansados, carregados de armas, afogados da calma, mal tratados das feridas,

nos e M e tem

e sem esperança de mais socorro.
O que tudo tinhaõ os inimigos tan-
to da ventagem; porque andavaõ
folgados, e em suas casas, diante
dos olhos dos seus Reys; e por
defenderem a sua Cidade; suas
mulheres, e filhos, que viaõ mui-
to arriscados a serem cativos dos
Portuguezes; o que tudo obriga-
va a fazerem maravilhas, e a des-
prezar a morte. A espingardaria
dos inimigos era tanta, que se os
mais dos que andavaõ na dianteira
opostos á sua furia não trouxeraõ
armas de prova, sem duvida tudo
se desbaratara; porq̃ ficaraõ pou-
cos, que não recebessem espingar-
dadas, senão quanto a D. Fernan-
do Lobo, que hia nos mais dian-
teiros, e tinha dado grande prova
de sua pessoa, recebeu quatro jun-
tas, e huma dellas lhe foy rompen-
do a ponta da orelha, de que an-
dava

dava todo banhado em sangue, e como era muito gentilhomem, aquillo o fez parecer tanto mais, que bem lhe püderão todos os de redor ter enveja, se elles tambem não andaraõ para ser envejados dos outros.

Aqui deraõ tambem huma zargunchada a Francisco da Sylva de Menezes (que todo aquelle dia trabalhou por igualar a todos, os que mais se assinalaraõ) da qual cahio no chão; mas tornou-se a levantar com grande animo. Neste passo houve algum dos nossos, que brádarão que déssem fogo á Cidade, o que o Capitão mór ouviu, e brádou: *Avante, avante, Cavalheiros de Christo: ganhemos esta vitoria por nosso braço; não queiramos que a gloria della nola leve o fogo.* E assim foy dando alguns passos adiante, e ferindo nos
imigos,

inimigos, que não havia forças humanas que os pudéssem mover, porque estava a rua maciça, e só aquelles faltavaõ contra os nossos; os quaes elles derrubavaõ, e com os pés em cima delles pelejavaõ com os inimigos, porque não havia lugar para mais. Neste grande, e perigoso conflicto, que esteve suspenso, e sem se declarar, se abriu huma porta, que hia para huma ilharga do Cotobato fahir á praya, pela qual se foraõ recolhendo alguns dos nossos, por haverem a couza por acabada, e perdida; mas quiz Deos que os que estavaõ fervorosos na batalha, não attentassem nisso, porque como os mais estavaõ cansados, e desconfiados, pudéra tudo correr risco, e pôr-se em desbarato. Matheus Pereira foy por fóra dos andaimes levando o Mouros até os recolher no Cotobato,

264 *Vida de D. Paulo*

bato, e de fóra ficou pelejando com elles valerosamente; e pondo os olhos na rua, em que o Capitão mór estava, vendo aquella confusão, e o poder dos imigos, teve o negocio por muito duvidoso: pelo que determinou de morrer, ou entrar o Cotobato; porque mettendo-se nelle, que era o principal Forte da Cidade, e succedendo alguma delaventura aos nossos, poderse-hiaõ recolher todos dentro, e dalli se remediarem; o que foy consideração de Capitão muito esperto, e a principal occasião da vitoria. E com este discurso, como se fora hum leão brabo, arremeteo com o Cotobato para o entrar acompanhado de alguns muitos bons, e esforçados Cavalleiros, que nunca o deixaraõ, fazendo alli todos couzas muito espantosas aos imigos, as quaes elles senti-

sentiraõ bem, e suas carnes.

Aqui aconteceu outro caso, que tambem houvera de ser perdição de todos, e foy, que vendo alguns dos seus aquella porta, que dissemos, aberta, desconfiados da vitoria, foraõ-se descendo abaixo, e sahindo-se por ella; e outros a que talvez o medo não deo tanto vagar, se lançaõ dos andaimos abaixo para a banda de fóra, e cahiraõ dentro na cava, onde se encravarãõ nos estrepes, de que estava cheia; e chegou a desconfiança a tanto, que não ficaraõ com Matheus Pereira mais de quinze pessoas, tendo elle entrado pelos andaimos com mais de cento e fincoenta, em que entravaõ de redor de cento de espingardas. Vendo-se elle taõ só, houve-se por perdido, e encomendando-se a Deos, com grande confiança nelle arremeteo

266 *Vida de D. Paulo*

ao Cotobato com os que com elle ficaraõ para morrer dentro nelle ; mas achou tal defensaõ , como aquella , que tinha a melhor gente da Cidade , que a poder das feridas , e sangue seu o sustentaraõ. Neste passo taõ arriscado brádou hum soldado da companhia por Matheus Pereira , e disse alto : *Al-li está a Virgem Nossa Senhora sobre o Cotobato, que nos chama que entremos nelle.* A este brádo, e nome taõ suave acodio Matheus Pereira , e pondo os olhos em cima , não vio nada ; e todavia com grande confiança arremeteo com o Cotobato chamando pela Senhora, que lhe valesse , e rompendo pelas armas dos inimigos , a poder de golpes entrou dentro , e com elle todos os companheiros , com tamanha furia , que não podendo aturar os Mouros , largaraõ o Forte ,
es e se

e se recolheraõ para outro, que estava adiante. Matheus Pereira vendo-se dentro deo graças a Deos, e de ja se não poder sustentar nas pernas de cansado do trabalho, e do espirito, assentou-se para cobrar algum alento.

CAPITULO XXVIII.

Do mais que succedeo a D. Paulo de Lima té chegar ao terreiro dos Paços de El Rey.

O Capitão mór trabalhou tanto, e os Capitães, e Cavalheiros, que hiaõ na dianteira tamanhas cavallarias fizeraõ, que foraõ arrancando os Mouros, e levando-os hum pouco por diante. Vendo D. Paulo aquillo, teve-o por final de vitoria, e não se esquecendo da sua obrigação, chamou

mou a Francisco de Souza Pereira,
 que lhe tinha dado novas de Ma-
 theus Pereira, e lhe disse que se
 fosse para elle, o que fez, e ja o
 tomou dentro no Cotobato, e af-
 sentado sem se poder bolir; e per-
 guntando-lhe o que faria, lhe man-
 dou que virasse algumas peças de
 artilharia para outro baluarte, on-
 de os Mouros se recolheraõ, e ou-
 tras para a rua direita, por onde
 o Capitão mór hia, assim para se
 segurarem alli, onde estavaõ, dos
 Mouros de outro baluarte, se o
 quizessem cometer, como para fa-
 vorecerem os nostros, que peleja-
 vaõ na rua. Francisco de Souza Pe-
 reira com os companheiros, que
 comtigo trouxe de refresco, fez
 logo aquella obra, mandando des-
 parar algumas bombardas no balu-
 arte; com que os Mouros nõ des-
 ampararaõ de todo, e fugiraõ para

a rua grande , onde o Capitão mór pelejava , e as outras peças , que apontou para aquella parte alevantando-lhe o ponto , porque sobrelevassem os nossos , foraõ dar nos inimigos , que estavaõ lá pela porta do Paço , e pelos que estavaõ no cabo da rua , nos quaes fizeraõ grande estrago. Vendo os Mouros isto , e entendendo que o Cotobato era tomado , foraõ deixando a rua aos nossos , que ja hiaõ levando os inimigos de arrancada mais desafogadamente. As novas da tomada do Cotobato chegaraõ ao Capitão mór , as quaes assim para elle , como para todos foraõ de excessiva alegria , porque nisso se acabava de arrematar a vitoria.

Logo Em todo este tempo não cessou a Armada de bater a Cidade , sem saberem nella o que dentro hia , ouvindo hum grande espago
cellar

cessar os tambores do Cotobato, em que tinhaõ os olhos todos, sempre as bandeiras imigas arvoradas nelle, com o que estavaõ em grande confusaõ: té que Matheus Pereira de Sampayo, depois de cobrar algum alento, as mandou tirar, e alevantar a sua; o que da Armada se festejou com grandes gritas de alvoroço, deixando logo a bataria, por lho ter assim mandado.

Declarada a vitoria, e havendo-se aquelles Reys por perdidos, puzeraõ-se em elefantes com suas mulheres, filhos, e couzas mais estimadas, que de passagem puderaõ tomar, e foraõ-se recolhendo por huma parte do certaõ. Os nossos com alvoroço da vitoria puzeraõ por algumas partes fogo á Cidade, sem ordem do Capitão mór, o qual se ateou com tanta brabeza, por serem as casas de madei-

madeira, que não foy possível aguardarem os noslos dentro; pelo que o Capitão mór tocou a recolher, e foy sahindo para fóra das tranqueiras, té tornar o fogo a dar lugar para a poderem saquear, se lhe ficasse alguma couza por queimar. Mas elle como andava brabissimo, e achou materia disposta, pegou té nos páos das tranqueiras, os quaes arderaõ mais de duas braças debaixo do chaõ, e ainda nos mesmos vallos, em que elles estavaõ metidos, ardeo em chaminas, e labaredas. Era isto ja horas de meio dia; quando se sahiraõ para fóra.

CAPITULO XXIX.

Do que succedeo a D. Joaõ Pereira pela parte, em que entrou, e do mais que fez o Capitaõ mór.

DOm Joaõ Pereira com a gente da sua bandeira, pela parte por onde entrou, foy dar com elle hum daquelles Reys em cima de hum elefante com huma grande tropa de gente, que vinha acodir alli, e vendo os nossos, remetteo com grande furia para os lançar fóra; mas D. Joaõ Pereira lhe teve o encontro, e seu irmaõ D. Nuno Alvres se atravessou diante do elefante, e lhe desparou na testa a espingarda, que levava, com cuja dor elle voltou para trás atropelando alguns dos seus. Os Mouros, que eraõ muitos, foraõ remetendo

tendo com os nossos com tanta determinação, que os tornaram a levar té ás tranqueiras, por onde tinhaõ entrado, pelas quaes sahiraõ alguns; mas D. Joaõ Pereira, seu irmão D. Nuno Alvres Pereira com outros Fidalgos, e Cavalleiros tiveram todo o pezo dos inimigos com as costas na tranqueira, onde obraõ couzas muy dignas de memoria. O Alferes da bandeira de D. Joaõ foy derrubado de hum golpe; mas hum soldado de alcunha o Troviscada filho de Malaca levantou logo a bandeira no ár, e com ella se poz diante de todos appellidando o Apostolo Santiago; com o que os nossos cobraram dobrado animo, e D. Joaõ Pereira não só fez aqui o officio de Capitão, mas ainda de muito esforçado Soldado, sustentando aquella parte com os poucos, que lhe ficaram,

carão, com muito valor, e grande dano, e estrago dos inimigos, sem saber o que era feito do Capitão mór, que era o que o tinha bem cançado. Os soldados, que se lhe tinhaõ sahidos, tornaraõ-se ajuntar a elle, com o que D. João Pereira carregou sobre os inimigos, e com grande estrago, que nelles fez, os arrancou do campo, e lhes foy ganhando aquella rua; atè que a Cidade tomou fogo, que se levantou com tanto estrondo, que lhe foy necessario tornar-se a sahir para fóra, sem saber o que era acontecido ao Capitão mór. De longo do muro foy buscar a porta, por onde D. Antonio entrou, e vio as bandeiras no campo, e indo demandar o Capitão mór, elle o recebeu com grandes honras, e palavras de louvores seus, e de todos. Alli lhe chegou hum recado

do de Matheus Pereira de Sampa-
yo, em que lhe mandava pedir
gente, por estar com poucos sol-
dados, porque se se juntassem os
imigos, correria risco. E vendo
elle ser aquillo o mais importante
de tudo, tornou a entrar a Cidade
com todo o exercito, e recolheo-
se ao Cotobato, que por ser de
taipas não lhe tocou o fogo, e
deixou na porta alguns Capitães
em guarda della. O fogo foy to-
mando tamanha posse da Cidade
com tamanha brabeza, que pare-
cia hum diluvio delle, por estar
toda recheada de fazendas de mui-
to valor, que todas se consumi-
raõ, e dentro nas casas muitas mu-
lheres, e meninos, que não pude-
raõ fugir; do que lhe ao Capitão
mór pezou muito, porque desejou
de ganhar aquella Cidade pelos fios
da espada, para dar nella hum ri-

co faco a seus soldados ; porque ja que elles por seus braços , e valentes corações diante d'elle fizeraõ taõ altas cavallarias , quizera vellos cevar nas couzas , que elles tanto á custa do seu sangue compraraõ.

CAPITULO XXX.

De como se arrematou a vitoria , e se destruiu , e assolou a Cidade toda , e dos despojos que nella se tomaraõ , e dos mortos , e cativos , que houve de ambas as partes , e do modo que D. Paulo foy recebido em Malaca.

DOm Paulo de Lima Pereira deitou logo espias sobre os inimigos para saber delles , e foy avizado serem metidos por elle certaõ. Pelo que , em o fogo abrandan-

brandando , mandou o Capitão
mór pôr guardas nas portas , que
hiaõ para o certaõ , e ao outro dia
pela manhã largou a Cidade aos
soldados para a saquearem , fican-
do elle no Cotobato mandando em-
barcar a artilharia , que era muita.
E porque não passemos pelos favo-
res , e mercês de Deos N. Senhor,
e da Purissima Virgem sua Mãy ,
para edificação dos que pelejaõ por
sua Fé , para cometerem todas as
couzas com grande confiança nelle,
se ha de saber que tanto que Ma-
theus Pereira de Sampayo entrou
no Cotobato , que descansou hum
pouco , perguntou pelo soldado
que vira a Virgem Nossa Senhora ,
que lhe brádou que entrasse no Co-
tobato, que ella os chamava ; e en-
tre todos , os que com elle se acha-
raõ , não houve quem tal visse ,
nem depois que o contou a D. Pau-

lo de Lima, que mandou por todas as bandeiras inquirir delle, não se achou tal soldado: por onde se presumio que aquillo fora algum Anjo, que da parte da Senhora o viera esforçar para entrar aquelle Forte, em que estava ganhar-se a Cidade; mas achou-se hum soldado, que trouxe ao Capitão mór hum retábolo de Nossa Senhora do tamanho de quarto de papel, de oleos muito bem obrado, e muito fermoso, com sua guarnição, e porta, e disse q' o achara no palmar em baixo, quando andaraõ ás mãos com os imigos, sem saberem donde viera. D. Paulo o tomou nas mãos com muita veneração, e posto de joelhos o adorou, e mandou logo armar hum pequeno altar, em que poz a Senhora para ser adorada de todos: e querendo saber de quem fora o retábolo, não achou

achou em todo o exercito cujo fosse ; antes houve algumas pessoas , que affirmaraõ que da parte dos imigos se tirara com elle aos nossos. Mas quanto a nós devia de ser de algum dos companheiros , que em baixo morreraõ , que o traria consigo , por ser muito seu devoto , a que Ella naõ podia deixar de valer á hora da sua morte , pelo especial cuidado que tem de seus servos.

Este retábolo levou D. Paulo depois consigo para o Reyno , onde naõ chegou, que só isso guardou dos despojos daquella Cidade , cujo sacco durou seis dias continuos ; e nella se acharaõ muitas minas de fazendas , ouro , prata , cobre , e alaim , drogas de todas as sortes , em que os soldados se cevaraõ bem á sua vontade , e muitos ficaraõ ricos da jornada. Acharaõ-se

se em hum tronco alguns Portu-
guezes ferrolhados, que o Rajale
tinha cativos, todos queimados,
mas inda inteiros, e sem nenhum
delles ter máo cheiro; e não con-
tentes do que acharão na Cidade,
fahiraõ della alguns desinandados,
e meteraõ-se pelos matos a buscar
os embrenhados, mulheres, e me-
ninos, com bem de risco de suas
pessoas, donde trouxeraõ huma
copia desta gente, sem verem que
os sobrefaltasse; donde se inferio
que foraõ os imigos taõ desbarata-
dos, e medrosos, que não para-
raõ senaõ dahi a algumas legoas:
e soube-se em certo que depois de
o Rajale ir desbaratado, deraõ os
Jáos nelle, e roubaraõ tudo o que
acharaõ, matando tantas mulheres,
meninos, e outra gente, que hiaõ
com seu fato á cabeça, que assim
á espada, como ao passar do rio
fe

se perderaõ tres mil almas. Na batalha grande , e nos outros recon-
tros morrerãõ a mãos dos Portu-
guezes do redor de quatro mil , a
fóra muitos feridos , que depois
morreraõ. As pessoas conhecidas ,
e Capitães principaes da sua parte,
que morrerãõ , e cativaraõ , saõ as
seguintes : Serinará , Serimadara-
ja , Serpidra , Jalella , Giallate , Si-
ribridaja , e Chegalá Nimalate, Si-
miranbanca , Ariodraja Capitãõ de
Sábaõ , e Basiderá , que morreo de-
pois no mato , todos Capitães da-
quelles Reys , a fóra outros mui-
tos a que não sabemos os nomes.
Da nossa parte em toda esta jorna-
da morrerãõ oitenta homens , em
que entravaõ D. Manoel , e D. Ber-
nardo; e feridos de redor de cento.
O despojo , que se tomou ;
forãõ mais de mil peças de bronze,
em que estava hum basilisco mou-
risco,

risco, huma serpe de vinte e tres palmos de comprido, hum leão, e hum camello de marca maior; todas as mais camelletes, falcões, e dahi abaixo té chichorros, a fóra muitas peças, que se derreteraõ com o fogo. Tomaraõ-se mil quinhentas elpingardas, a mór parte sem coronhas, por lhas ter o fogo consumido, e outras muitas armas. Embarcações, entre grandes, e pequenas, tomadas, e queimadas; de redor de duas mil, em que entravaõ galeões, galés, e galeotas, lancháras, bantins, e balões, fomas, juncos dos Jáos, que alli estavaõ de foccorro.

Concluída a guerra de Jor, mandou D. Paulo adiante as novas á Cidade de Malaca, e os feridos para os curarem; e depois da Cidade assólada, destruída, e feita em cinza, embarcou-se o Capitão mór,

mor, e furgio com toda a sua Armada no porto de Malaca, onde logo foy visitado do Bispo, e Vereadores, dando-lhe muitos, e publicos louvores, e lhe pedirão se detivesse alguns dias, em quanto lhe preparavaõ hum recebimento honroso, que estava assentado fazer-se; porque de taõ próspera, e gloriosa vitoria lhe era muito devido hum glorioso, e próspero triumpho, o qual elle aceitaria daquella Cidade naõ confórme a grandeza das obras, com que o merecera, mas confórme a vontade, que huma Cidade que elle libertara, desejava de lhe fazer, e confórme a sua possibilidade. D. Paulo naõ pode recusar aquellas honras, que lhe offerenciaõ, attribuindo tudo a Nossa Senhora, que Ella fora a Autora daquella vitoria, pois em seu dia lhe fez taõ assinaladas mercês; e assim

e assim se assentou que o Sabado seguinte, que eraõ sinco de Outubro, por elle ter chegado em fim de Agosto, se fizesse a sua desembarcação, por ser dia dedicado á Senhora. E assim foy a Cidade ordenando o seu recebimento, tratando de se lhe fazer o mais solemne, que pudéssse ser.

D. Antonio de Noronha sendo avizado de como haviaõ de receber a D. Paulo de Lima com pálio, como elle tinha naquella victoria taõ grande quinhaõ, mandou pedir-lhe o quizesse levar consigo no triunfo debaixo do pálio, pois o elle tambem merecia; do que se D. Paulo escusou respondendo com aquellas palavras de Christo: *Gloriam meam alteri non dabo*. E que naõ era ordem repartir-se o triunfo, que elle merecia por Geral daquella empreza, com outrem; que em
todas

todas as mais couzas consentira de muito boa vontade. Tomado D. Antonio disto , fallou-se com os bantineiros de Malaca , e convocou soldados seus amigos por toda a Armada , e determinou de fazer por si delembarcaçaõ. E assim o fez , porque vindo o Sabado seguinte , primeiro que D. Paulo desembarcasse , partio elle do seu galeaõ , e todas as mais embarcações dos seus amigos de redor delle embandeiradas todas , e tocando muitos instrumentos, e disparando muitas bombardadas, e espingardadas, e endireitando com o caes , que estava feito para D. Paulo , desembarcou nelle , e em pondo os pés em terra , se adiantaraõ muitos dos seus soldados , e tirando as capas , e capotes dos hombros , lhos estenderaõ pelo chaõ para elle passar por cima ; e assim foy levado té a Igreja

ja

ja com grande regozijo , e louvores de todos aquelles.

D. Paulo de Lima foy avizado daquillo , do que lhe deo pouco ; e logo se desembarcou com todos os seus Capitães , e soldados armados , assim , e da maneira , que na batalha se acharaõ , e pondo os pés em terra com a bandeira de Christo diante , e a dos imigos arrastando-se por seus pés , desparando-se naquelle tempo assim da Armada , como da Cidade aquella tempestade de artilharia , que parecia tremer o mar , e a terra ; e posto D. Paulo na borda do cáes , deixou desembarcar todos os seus Capitães , e mandou ordenar os escoadrões assim como entraraõ em Jor ; D. João Pereira na dianteira , e logo Matheus Pereira de Sampaio , e o Capitão mór na retaguarda. Ordenado tudo , foy o Capitão

taõ mór entrando pelo cáes, no qual estavaõ todas as Religiões, e Cleresia com suas Cruzes, e ciriaes, que começaraõ a cantar *Te Deum laudamus*; e á meia parte estava huma alcatifa estendida com humas fermosas alinofadas, nas quaes estava encostado hum devoto Crucifixo, e a seus pés huma fermosa Capella de rosas, boninas, e hervas cheirosas, e de redor o Bispo, e os Vereadores com todo o povo. Chegado aqui D. Paulo, postrou-se no chaõ, e adorou a figura do Senhor, e o Bispo tomou logo a Capella, e lha poz na cabeça, e depois o abraçou, dizendo-lhe publicas, e breves palavras de louvores, e o mesmo fizeraõ os Vereadores em huma discreta falla; e depois estenderaõ hum fermoso, e rico pálio, e o meteraõ debaixo, e assim foy triunfando com a Coroa
na

288 *Vlda de D. Paulo*

na cabeça, a qual os Romanos chamavaõ Civica, ou Mural, que se dava a qualquer Capitaõ, que livrava, ou descercava alguma Cidade; e naquella ordem chegou té a Igreja maior, onde ouviraõ Missa, e deraõ graças ao Altissimo Deos pelas mercês, que lhe fez, e dalli se recolheraõ a suas casas.

COPIA DE HUM CAPITULO

de huma carta de D. Paulo de Lima á Senhora D. Helena de Souza em Malaca em 26. de Novembro de 1587.

D*Ey na Cidade de For com quatrocentos soldados: tendo oito mil homens de defenza, e tres Reys de soccorro, a tomey, e assoley com o favor Divino, e com o esforço de valerosos Capitães, e soldados. Nella tomey mais de mil peças*

peças de artilharia de bronze, e os soldados muita prata, e ouro, fazenda: mandey dar noutras povoações, e Cidades, e tomaraõ se em todos os lugares mais de mil e duzentas embarcações, em que entraraõ muitas gales, galeotas, e fustas. Estou de caminho para Ceilão, que està de cerco; se o fizer alevantar ao Rajão, parece que poderey ir descansar, contestando com a obrigaçaõ do meu officio, e não se queixarãõ os parentes, que por parte deste pobre Fidalgo se diminuío, ou apoucou o nome deste appellido.

CAPITULO XXXI.

Do que D. Paulo de Lima fez em Malaca , e mandou seu irmão D. Pedro de Lima ao estreito de Sincapura dar guarda aos juncos , e do que mais succedeo a D. Paulo em Ceilaõ , e até chegar a Goa.

TEndo este Vitorioso Capitaõ repouzado alguns dias , lhe pedio a Cidade que mandasse alguns navios da sua Armada aos estreitos de Sincapura , e Sábaõ a favorecerem os juncos dos Jáos, que começaraõ a vir para aquella Cidade , porque a Armada do Rajale Rey de Jor lhe não impedille a passagem. Pelo que logo despedio a este negocio seu irmão D. Pedro de Lima , a que deo duas galés ;
huma

humã em que elle foy, e da outra elegeo Capitão Sebaltao de Miranda Dazevedo; e lhe deo mais seis fustas, Capitães, e soldados da sua Armada a elle escolher. A 15. de Outubro se fez D. Pedro á véla, e de passagem entrou no rio de Jor, e vio ainda aquelle grande incendio, que consumio tudo, e tomou huma embarcaçao com alguns Malayos, dos quaes soube que se esperava a outro rio por El-Rey, que havia de ir ter a hum certo lugar pelo rio dentro, onde determinava fundar nova Cidade pela de Jor, que perdeu. D. Pedro deseioso daver aquelle Rey ás mãos, foy-se pelo rio acima, levando na sua galé os Malayos por guia, e encontrando com sete navios, de que era Capitão mór hum Quisnadao Malayo por nome, que levava alli sua mulher, e filhos,

cometeo as fustas, e depois de huma teza briga, o renderaõ, e tomaraõ todos, sem lhe escapar huma pessoa. Alcançada esta vitoria, se sahio para fóra, e se foy na volta de Bintaõ, Cidade ja fermosa, e próspera, a qual seus moradores despejaraõ de medo, e os nossos lhe puzeraõ fogo, e a abrazaraõ. E por aquelle estreito de Sábaõ andou D. Pedro de Lima todo o mez de Novembro, em que deixou feito grandes destruições em muitas aldêas, em que houveraõ boas prezas, e muitos cativos, e fez arribar a Malaca todos os juncos de mantintos, e fazendas, que vinhaõ da costa de Jaoa, com o que se recolheo.

D. Paulo de Lima quiz avizar ao Vito-Rey da mercê, que Deos lhe tinha feito, por saber que havia de toda a India estar em fustos, e rece-

e receios: ao que despedio Simaõ Dabreu de Mello, e escreveu ao Vito-Rey o successo todo de sua jornada; porque o Simaõ Dabreu havia de ir tomar Cochim, a tempo que achasse inda as náos do Reyno. E em huma náo do Reyno, que aquelle anno tinha vindo a Malaca por contrato, de que era Capitaõ Francisco de Brito do Rio, escreveu a El Rey muito largamente, e lhe mandou algumas peças de artilharia de bronze muy grandes, e fermosas, das que tomou em Jor, para verem na Europa, que não pelejavaõ os Portuguezes na India contra salvagẽs com páos, e pedras, senaõ com outras taõ politicas como todas, e contra taõ furiosos, e medonhos basiliscos, e canhões reforçados, como onde melhor se exercita a Milicia. Esta náo não partio esta monçaõ, e ficou

294 *Vida de D. Paulo*

cou para o anno seguinte ; e andando o valeroso Capitão mór D. Paulo dando ordem ao presidio , que havia de deixar em Malaca , sendo na entrada de Outubro , lhe deraõ cartas do Viso-Rey , em que lhe pedia se apressasse , e que com toda a sua Armada fosse tomar Ceilão , porque estava a Fortaleza de Columbo muy apertada do tyranno Rajão , para elle , e o Capitão Manoel de Souza Coutinho darem nos imigos , e os desalojarem , e que naquella Fortaleza acharia largos Regimentos do que havia de fazer.

Com este avizo se apressou D. Paulo , e deo em breve ordem ao provimento daquella Fortaleza , e lhe deixou para guarda dos estreitos huma galé com seis fustas muy bem providas de tudo o necessario , e deo ordem a outras couzas , porque

que levava os poderes do Viso-Rey na justiça, e fazenda; e quando foraõ 24. de Janeiro de 588. se fez á véla, dando por Regimento a todos os Capitães, que se se apartassem delle, o fossem esperar na bahia de Columbo em Ceilaõ. E assim foraõ seguindo sua derrota, em que logo se apartaraõ, e se fizeram na volta de Columbo, onde chegou primeiro Matheus Pereira de Sampayo Capitaõ da galeaça, e logo ao outro dia D. Joaõ Pereira, e Francisco da Sylva em seus galeões, e as fustas de D. Nuno Alvres Pereira, e a galé de D. Pedro de Lima; porque estava aquella Fortaleza bem necessitada de socorro, e o cerco muy apertado, que lhe tinha posto o Rajão Senhor tyranno de toda aquella Ilha.

Havendo poucos dias, que tinha chegado de Goa Manoel de

Souza

296 *Vida de D. Paulo*

Souza Coutinho , que logo succedeo na governança da India , que o Viso-Rey D. Duarte tinha mandado de soccorro com huma boa Armada de galés , e de fustas para ir descercar aquella Fortaleza , lhe deo por Regimento que esperasse por D. Paulo de Lima , para que ambos com o Capitão da Cidade , que era João Correa de Brito , sahisses aos inimigos , e que entre elle , e D. Paulo não houvessem pontos de preferencias , guardando-se todo o decóro , que se devia a Manoel de Souza por Capitão mór daquelle soccorro , e a D. Paulo de Lima por Capitão mór do mar de Malaca , e que vinha com huma vitoria tamanha , da qual aquellas partes , e a India toda se segurava. E que o Capitão da Fortaleza levasse a bandeira de Christo quando sahisses fóra , e elle , e D. Paulo

lo as suas de campo ; e que esta
boa correspondencia , e primor
deixava na prudencia delles Capi-
tães , e assim o escreveu a D. Pau-
lo de Lima , e porque na conformi-
dade de todos estava o remedio da-
quella Fortaleza. O Rajão quan-
do vio tantas Armadas , e teve lo-
go avizo que se esperava por D.
Paulo de Lima , que vinha tão vi-
torioso de Reys tão potentes , lo-
go determinou de os não esperar ,
e de se desalojar o mais secretamen-
te que pudélle ; para o que se pre-
parou , e começou a recolher a ar-
tilharia. De tudo tiverão logo os
Capitães avizo, e ajuntando-se Ma-
noel de Souza Coutinho , e João
Correa de Brito , convocaraõ con-
selho geral de todos os Capitães ,
para lhes proporem se seria bom
lahirem aos inimigos , que estavaõ
medrosos , e alcançarem delles hu-
ma

ma muito grande vitoria , que esperavaõ de lhes dar Deos N. Senhor. Todos os Capitães acõdiraõ ao conselho , sómente D. Joaõ Pereira , que mandou dizer aos Capitães que elle era da companhia de D. Paulo de Lima , e não se havia de achar em conselho a que elle não estivesse: e praticada entre todos esta determinação , e certificando o Capitão que o Rajão estava movido a se recolher , que seria bom darem primeiro nelle , e desbaratarem-no , porque se não fosse louvando dos danos , que deixava feitos naquella Fortaleza ; e debatido o caso , vieraõ a resolver em que se havia de esperar por D. Paulo de Lima , como o Viso-Rey mandava , que poderia ser alli ao outro dia ; e que no entretanto tivessem espías sobre o imigo, e que tanto que se desalojasse , dessem nelle ,

nelle, por se não perder aquella occasião. E assim se puzeraõ logo em ordem para isso, repartindo-se todo o poder em tres bandeiras por esta maneira. Manoel de Souza Coutinho, que havia de levar a vanguarda, com a gente da sua Armada, e a de D. Nuno Alvres Datouguia, que a Cidade de Cochim mandou de soccorro, que ferialõ mil Portuguezes, com toda a gente de terra debaixo da Capitania de Francisco Gomes Leitaõ, o qual Manoel de Souza fahiria com todo o seu esquadraõ pelo baluarte S. Thomé, e se iria senhoriar da pedreira: Bernardo de Carvalho, que tinha antes de D. Paulo vindo de soccorro com huma boa Armada, com a gente della, que foraõ trezentos homens, havia de vir tomando o caminho da lagõa até se pôr na ponta da Ilha: o Capitão da

da Cidade, e da bandeira de Christo, com a gente da sua rolda; e a de Joaõ Cayado de Gamboa com a que tinha vindo de soccorro de Goa, e a que veo de S. Thomé, e Manar; e todos os Capitães da Armada de D. Paulo de Lima, que quizerão acompanhar a bandeira de Christo, que passavaõ de quinhentos homens, na retaguarda.

Disposto isto assim, despediraõ o Modeliar Diogo da Sylva com trinta soldados escolhidos para irem espiar os inimigos, e achando que se desalojavaõ, lhes fizesse final com tres espingardadas; e para os favorecer deixaraõ fóra a D. Joaõ Pereira com seus soldados, e seu irmão D. Nuno Alvres Pereira. O Modeliar chegou a ver os inimigos, e achando que se desalojavaõ, fez final, ao qual foy D. Joaõ Pereira abalando, e cometeo a tranquera

queira dos inimigos com muito animo, e a poucos golpes foy entrada. Os Capitães ouvindo o final, sahiraõ da Portaleza na ordem, que estava assentada; Manoel de Souza chegou á tranqueira da primeira cava, onde inda achou hum corpo de gente, e indo-a cometendo, deraõ elles fogo á tranqueira, como o Rajão lho tinha mandado, e se recolheraõ; e os da companhia de D. João Pereira, de Francisco Gomes Leitaõ, e João Cayado de Gamboa, a quem os Capitães mandaraõ dizer fizessem o officio de Capitaõ da dianteira, foraõ seguin-do o alcanço até a ponte de Matacoré, a qual os inimigos, como se viraõ da outra parte, cortaraõ com muita pressa, na qual os nossos tiveramõ huma grande peleja com os inimigos. E porque todos os successos desta yitoria se contaõ em seu lugar,

lugar, porque isto he só particular de D. Paulo de Lima, passaremos por elles; sómente diremos que o inimigo se recolheu perdido, e desbaratado de todo. Arrematou-se esta vitoria ás tres horas da madrugada, estando os nossos Capitães nas tranqueiras dos inimigos, onde esperaraõ a manhã, que como esclareceo, descobriraõ aquella machina das tranqueiras, que era hũ labyrintho, as quaes mandaraõ desfazer com muita prella. Perdeo o inimigo neste cerco de redor de dez mil homens, e grande numero de cativos; e dos nossos por todo o discurso delle perderse-hiaõ vinte quatro sómente.

Ao outro dia chegou D. Paulo de Lima, e sabendo a grande vitoria, que Deos N. Senhor deo aos nossos, a festejou muito, e descançando, foy-se logo ao campo,

po, onde os Capitães andavaõ no desfazer das tranqueiras, e delles foy muito festejado, e ajudou a derrubar aquella maquina de baluartes, e cavas, que era hum infinito. Depois de tudo feito, se embarcou D. Paulo na sua Armada, e se fez á véla para Goa; e parece que houve alguma occasião para elle dizer que o imigo se não desalojara, senão depois que vira as gáveas do seu galeão. Chegou este Capitão a Cochim, onde aquella Cidade lhe fez hum grande recebimento; e por ventarem Nortes rijos se mudou aos navios de remo, em que chegou a Goa. Tanto que o Viso-Rey teve recado, disse aos Vereadores que preparassem todo o recebimento possivel na entrada de D. Paulo, e que tirado o pálio, que era do Viso-Rey, tudo o mais merecia, pelos seus feitos, e boa ventu-

ventura; e assim fez sua entrada; a mais fermosa couza que podia fer. E desembarcando no cáes, foy recebido dos Vereadores, Fidalgos, e tanto concurso do povo, que não havia romper. Desembarcou D. Paulo com hum capote de veludo roxo com muitas guarnições de ouro, gorra com plumas, medalha rica, e fermosissimo collar de pedraria sobre os hombros, e como era hum dos mais fermosos homens do Mundo, levou apoz si os olhos de todos, e daquelle grande tropel quasi nos braços de todos chegou ao terreiro do Paço, onde achou ao Viso-Rey, que o sahio a receber, que remetendo a elle, o levou nos braços, e lhe disse muitas palavras em seu louvor; bem merecido por seu grande esforço, e prudencia; e tendo alli cavallos, o fez cavaigar, e o levou

vou á sua ilhargá, e correrão ás carreiras com muito regozijo, e assim se recolheo a sua casa acompanhado de tudo o que havia em Goa.

CAPITULO XXXII.

De como D. Paulo de Lima se embarcou para o Reyno na nao S. Thomé, e dos grandes, e piedosos trabalhos, que passaraõ até vista de terra.

POUCOS dias depois adoeceo o Viso-Rey D. Duarte de humas febres malignas, andando occupado no provimento de Malaca, e Ceilaõ; e como o mal era de morte, ao seteno falleceo, e foy aos 4. de Mayo de 88, com grande dor, e sentimento de toda a India, e foy levado á Igreja dos Reys Magos acompanhado de todas as Or-

306 *Vida de D. Paulo*

dens, e Cleresia. E estando feu corpo na capella maior, se abriu a primeira Successão da governança da India, na qual se achou Mathias Dalbuquerque, que era ido para o Reyno; e abrindo-se a segunda, lahio nella Manoel de Souza Coutinho, que logo foy obedecido. Isto sentio D. Paulo de Lima tanto, por cuidar que merecia aquelle lugar, que logo se começou a fazer prestes para se partir para o Reyno; como fez na Armada, que tinha partido do Reyno, de que era Capitaõ mór Joaõ de Toar Caminha, na náo S. Thomé, de que veo por Capitaõ Estevaõ da Veiga, embarcando comfigo a ossada de seu filho D. Paulo, que feria de sinco, ou seis annos, taõ parecido a seu pay, que era couza de espanto. E assim elle lhe queria tamanho bem, que pasma-

va por elle , e quando lhe falleceo , fez extremos sobrenaturaes , e o enterraraõ em S. Francisco de Goa no Capitulo pegado á capella , onde lhe puzeraõ grade , e panno de veludo preto. E quando lhe tirou dalli a ossada , logo a houve eu dos Padres , por eímola que lhes dey , a mesma cova para meu enterramento : e foy couza justa , que pois fuy na vida taõ grande amigo seu , lhe herdasse na morte a sepultura , que tinha para si , e seus descendentes , da qual tomou posse o tenro , e fermoso Adonis D. Paulo seu filho , e sobre ella tenho hoje minha campa , e letreiro , elperando cada hora de a ir povoar , como a mais certa morada da terra. Em fim elle se embarcou com toda sua casa em Janeiro de 89 , e porque todas as mais náos da companhia de Joaõ de Toar chegaraõ a salva-

Y 2

mento,

mento, as deixaremos para continuar com esta, para cuja viagem vou aparelhando as lagrimas, e suspiros, que me custa, cada vez que isto leio.

Tomou esta não a derrota por fóra dos baixos, e indo demandar a Ilha de Diogo Rodrigues, que está em vinte grãos do Sul, alli lhe deo o vento Suseste taõ rijo, que logo alevantou os mares de feiçaõ, que indo correndo a não á vontade do vento, com o trapear que fez abriu pela prõa pela boteladura, por onde lançando fóra a estopa do calafetamento, começou a fazer alguma agoa, a que logo acodiraõ, e remediaraõ muito bem. E abonçando-lhe o vento, foraõ sua derrota té altura da ponta da Ilha de S. Lourenço, em altura de vinte e seis grãos de Goa para cem legoas da terra, onde

de tornou a abrir outra agoa em maior quantidade, que a primeira, por outro lugar mais perigoso, que foy por prôa abaixo das elcoas ás primeiras picas, onde he mais difficultoso de se ella tomar, que em toda a outra parte; e acodindo os officiaes, despejaraõ a não por aquella parte, e deraõ com a agoa, que era muito grossa, por culpir as estopas, e as pastas de chumbo, que se prégaõ por cima; o que tudo nasceo do calafate, por cuja causa se perdem muitas náos. No que se tem muito pouco resguardo, e os officiaes muito pouco escrupulo, como se não ficassem á sua conta tantas vidas, e tantas fazendas, como se metem nestas náos.

Achada a agoa, viraõ que era hum torno tamanho, que se hum official metia a mão, a força della

310 *Vida de D. Paulo*

della lha tornava a rebater para fó-
ra; e porque se não podia tomar
sem cortarem as picas, o fizeram
contra o parecer de muitos, e to-
davia tendo cortado algumas, tor-
naraõ a sobre-estar, por ser aquel-
le lugar o em que se fecha toda a
náo, e nella não hia pregadura pa-
ra se tornar a remediar; porque as
mais, ou todas estas náos andaõ a
Deos misericordia, por pouparem
quatro cruzados, e com facas, pré-
gos grandes, e outras couzas en-
tupiraõ o melhor, que puderaõ,
aquelle lugar, e com muitos saqui-
nhos de arroz, que meteraõ entre
as picas, e liames, para que fizes-
sem pegamaço, ordenando-lhe por
cima huma arca, que sustentasse
estes saquinhos de arroz por baixo,
e os não pudesse a agoa suspender.
Com isto ficaraõ alguma couza des-
aliviados, e a agoa começou a ser
menos

menos na bomba , e assim foraõ se-
guindo seu caminho com bom tem-
po té altura de trinta e dous grãos
e meio do Sul , cento e sincoenta
legoas da bahia da alagõa, e oiten-
ta da mais chegada terra do Natal.
Nesta paragem lhe faltou o vento
ao Ponente da parte do Suduêste ;
fendo ja onze dias de Março; com
o que tomaraõ as vélas , ficando só
os papafigos , com que se fizeraõ
na volta do Norte , e com o traba-
lho do vento , e dos mares tornou
a agoa a abrir pelo mesmo lugar
taõ apressada , que em pouco espa-
ço havia ja seis palmos no poraõ ,
e toda a gente se meteo em grande
revolta , e se começou alijar ao
mar todas as couzas do convés pa-
ra ficarem as escotillas léstes ; e
com os aldroles das bombas nas
mãos sem descansarem passaraõ to-
da a noite.

Sendo

Sendo ja mais de dous palmos de agoa, que cresceo, o lastro do poraõ se começou a cobrir, e as pipas, e páo preto, que por cima ja andavaõ nadando de bordo a bordo, dando no costado da náó tamanhas pancadas, que abalava toda a náó. E porque a agoa crescia, atravessaraõ os officiaes algumas entenas por cima das escotilhas de popa, e de prôa, pelas quaes ordenaraõ muitos barrís de seis almudes, que desciaõ, e subiaõ com facilidade, aos quaes se repartiraõ todos os da náó, sem haver exceiçaõ de pelloa, sendo D. Paulo de Lima, que nella hia com sua mulher, o primeiro, e assim Bernardino de Carvalho, o Capitãõ Estevaõ da Veiga, Gregorio Botelho sogro de Guterre de Monroy, que levava alli sua filha para seu marido que estava no Reyno, e ou-

e outros Cavalleiros, e Frades, que na não hiaõ, que todos de dia, e de noite trabalharaõ nas bombas, e aldropes dos barrís, sem se apartarem delles nem para comer; porque os Frades andavaõ pelo convés com biscoito, conservas, e agoa consolando a todos assim corporal, como espiritualmente. E com toda esta diligencia a agoa era cada vez mais, com o q se determinaraõ a ir buscar a terra no mais perto para vararem nella, para onde viraraõ com o tranquete de prõa, e cevadeira, e não oufaraõ de bollar na véla grande, por não largarem os aldropes, e bombas das mãos; porque qualquer espaço, que o fizeraõ, bastara para se sumergirem. E indo demandar a terra, sendo já 14. de Março, se acabou de encher o poraõ de agoa, e as bombas de se entupir com a pimenta,

menta, que foy ao poraõ ; por onde ja deixavaõ de laborar, e os homens a descorsuar. Mas aquelles Fidalgos, Religiosos, e Cavalleiros honrados com grande coraçãõ, e animo trabalhando sempre, esforçavaõ os mais ao trabalho, persuadindo a naõ largarem os aldropes das mãos, porque isso os sustentava. Os officiaes gastaraõ aquelle dia em desentupir as bombas, forrando as trempes com folha de flandes, por se naõ tornarem a empachar. E porque tambem era necessario alijarem ao mar tudo o que pudésssem, encomendaraõ esta eleiçaõ a certas pessoas, que foraõ deitando á agoa todas as riquezas, e louçainhas, de que a não hia riquissima, ganhado tudo com tanto suor de huns, e com tantos encargos de outros. Ao outro dia, que foraõ 15. do mez, estava

tava ja a cuberta de sobre poraõ cheia de agoa, e o vento era Sudu-este, e de quando em quando vinha com huns falseiros de agoa muito rijos, que lhe davaõ outro trabalho de novo. Em fim que tudo era contra elles, até o léme da não, que deixou de governar; por cuja causa ella ficou atravellada sem vélas, por serem todas rotas, naõ acodindo os da não a nada, por naõ largarem as bombas das mãos, porque nisso estava algum remedio, se o havia.

Toda esta noite de 14. para 15. de Março passaraõ com grandes trabalhos, e desconsoações, porque tudo quanto viaõ lhes representava a morte; porque por baixo viaõ a não cheia de agoa, por cima o Ceo conjurado contra todos, porque até elle se lhe encobrio com a mór serraçaõ, e escuridade,

curidade, que se vio: o ar affluia-
 va de todas as partes, que parecia
 que lhe estava brádando morte,
 morte; e não bastando a agoa, que
 por baixo lhe entrava, a de cima,
 que o Ceo lançava sobre elles, pa-
 recia que os queria alagar com ou-
 tro diluvio, e dentro na não tudo
 o que se ouvia eraõ suspiros, ge-
 midos, gritos, prantos, e mise-
 ricordias, que se pediaõ a Deos,
 que parecia que por alguns pecca-
 dos dalguns daquella não estava
 irado contra elles. Ao outro dia
 em amanhecendo, que se viraõ
 todos sem nenhum remedio, tra-
 taraõ de lançar o batel ao mar, pa-
 ra o que foy necessario largar os
 barrís para se abrir a não, a qual
 entre as cubertas parecia que an-
 davaõ todos os espiritos danados
 com o estrõdo das couzas, que
 nadavaõ, e davaõ humas nas ou-
 tras,

tras, e que corriaõ de bordo a bordo; de maneira que aos que abaixo desciaõ se lhes representava o ultimo Juizo.

Os officiaes, e outros homens deraõ pressa ao concerto do batel, a que fizeraõ suas arrombadas, e o que lhe mais pareceo necessario para a viagem; o que tudo se fez com grande trabalho, pelos grandes balanços, que dava a náo, por andarem os mares cruzados, os quaes lhe entravaõ pelo portalo, que estava aberto, para por elle alijarem tudo ao mar, o que era causa de se acabar de alagar a náo. Ja neste tempo hiaõ governando a Nor Noroeste, porque se fazia o Piloto muito perto da terra; e assim o estavaõ tanto, que aquelle dia ao pôr do Sol affirmou hum marinheiro que a vira, e brádou de cima da gávea terra, terra; e por
naõ

naõ saber o Piloto se naquella parte haveria arrecifes, aonde se naõ encalhasse, e perdessem todos, pareceo-lhe bem desviar-se, e governar ao Nordéste, para como fosse de dia a ir demandar para se poder salvar toda a gente, que toda aquella noite passou na mór afflicção de espirito, e no mór trabalho do corpo, que se podia imaginar.

CAPITULO XXXIII.

Do mais que passou até a gente da não se recolher ao batel, por verem a não que se hia apique ao fundo.

AO outro dia tanto que amanheceo naõ viraõ terra, e lançaraõ o batel ao mar com muito trabalho; porque indo no ár sobre os aparelhos, se lançavaõ os homens

mens a elle como doudos , sem D. Paulo , que se tinha metido dentro com hum espada na mão , lhes poder valer ; porque se quiz segurar dos marinheiros , que se não fossem nelle , e o deixassem : e sem embargo de cutilladas , e crizadas , que se deraõ em muitos muy despiadosamente , não deixou de se lançar nelle tanta gente , que em chegando ao mar se houvera de socobrar , e com muito trabalho tornou D. Paulo a fazer subir alguns para cima , promettendo-lhes que todos os que coubessem se haviaõ de salvar nelle. E ficando o batel em bom estado , se foy pôr por popa da não para tomar pela varanda as mulheres , que alli hiaõ , os Frades , os homens Fidalgos ; e porque a não dava grandes balanços , e houveraõ medo , que se metesse o batel no fundo , afastou-se hũ pou-

co para fóra , e dalli se deo ordem para que as mulheres se amarrassem com peças de caças , pelas quaes dependuradas as calavaõ abaixo , e o batel chegava a tomallas mergulhadas muitas vezes com muito trabalho , lastima , e mágoa de todos.

Nesta obra andava na não Bernardino de Carvalho , sobre quem descarregaraõ todos os trabalhos daquela preparaçaõ , e de toda a não ; porque D. Paulo de Lima como era bom Christaõ , e temente a Deos , havia que aquelle castigo era por seus peccados ; como que andava ja taõ acanhado , que não parecia ser aquelle , que em taõ grandes riscos , e perigos , como os em que se vio , nunca perdeu hum ponto do seu esforço , e animo , que aqui lhe faltou de todo. Tomaraõ-se desta maneira a mulher do mesmo D. Paulo, D. Marianna

rianna mulher de Gúterre de Monroy, e D. Joanna de Mendoga, mulher que fora de Gonçalo Gomes de Azevedo, que hia para o Reyno meter-se em hum Mosteiro defenganada do Mundo, sendo inda moça, Donna muito virtuosa, e que em toda esta jornada deo a todos hum admiravel exemplo de sua virtude, como em seus lugares tocamos; a qual levava consigo humma filha de menos de dous annos, com quem ella estava abraçada com os olhos no Ceo pedindo a Deos misericordia, e para a amarrarem, foy necessario tiralla dos braços, e entregalla a humma ama sua. Apoz ellas se embarcaão os Padres, e Bernardim de Carvalho, e derradeiro de todos o Mestre, e Contra-mestre, que andaraão fazendo pres-tes alguns barrís de biscoito, e agoa, que lançaraão no batel, e com elles

se entulhou o batel, e foy afastando.

D. Joanna vendo que lhe ficava a filha na náó, a qual via estar no cóllo de sua ama, que de lá lha mostrava com grandes prantos, e lastimas, foraõ tantas as mágoas, e couzas que disse, que moveo a todos a chegarem á náó, e pedirem a menina á ama, dizendo-lhe que a amarrasse a huma caça, e a lançasse abaixo; o que ella não quiz fazer, dizendo que tambem a tomasssem, senaõ que a não havia de entregar: e nunca a puderaõ persuadir a outra couza, por muito que sua Senhora lho pedio com lagrimas, e piadades, que puderaõ mover hum tigre, se tivera a criança em seus braços. E porque nisto houve detença, e a moça estava emperrada, e a náó dava huns balanços cruelissimos, foy forçado afastarem o batel, porque se não mettesse

tesse no fundo ; o q̄ foy com grande compaixão da triste máy , que estava com os olhos na filha com aquella piadade , com que todas as costumão pôr nos seus , que muito amaõ. E vendo que lhe era forçado deixalla , tornando a moça a testificar com a menina , que em seus braços a havia de entregar áquellas crueis ondas , que parecia que ja a queriaõ tragar , virou as costas para a náo, e pondo os olhos no Ceo, offereceo a Deos a tenra filha em sacrificio , como outro Isac , pedindo a Deos misericordia para si , porque sua filha era innocente , e sabia que a tinha bem segura.

Este espectáculo não deixou de causar a todos gravissima dor naquelle estado , em que cada hum tinha bem de necessidade de compaixão alheia , se alli houvera animos livres para a poderem ter dos ma-

les doutros. Afastando o batel hum pouco, ficavaõ esperando de largo pelo P. Fr. Nicolao da Ordem dos Prégadores, que se não quiz embarcar no batel sem confessar quantos ficavaõ na náõ; que pois a tanta gente lhe faltava todas as consolações de corpo, lhe não faltassem as da alma. E assim confessou, e consolou a todos com muita charidade, chorando com elles suas misérias, e absolvendo-os assim em particular, como em geral, e porque não era possível chegar o batel a tomallo por força, porque estava apostado a se deixar ficar na náõ para consolação daquella gente; mas tantas couzas lhe disse D. Paulo, e tantos protestos lhe fez com todos os mais que hiaõ no batel, que se houve de lançar ao mar, e a nado se recolheo no batel, onde foy muy festejado de todos por sua virtude, e exem-

e exemplo , que em toda aquella viagem deo , pelo qual era muy amado , e reverenciado , e depois de ser recolhido , foraõ governando para a terra.

Os da não vendo partido o batel , e não lhe ficando outra esperança de remedio , que a que Deos , e elles ordenassem , fizeraõ algumas jangadas , o melhor que puderaõ , que ja ficavaõ a bordo da não quando o batel se afastou ; mas como Deos N. Senhor tinha escolhido aquelles para acabarem alli , todas se sumergiraõ , e o mesmo fizeraõ duas manchúas , q̃ hiaõ arizadas por popa da não. É certo que parecia tudo castigo de Deos , porque facilissimamente se pudéra salvar toda a gente desta não , se os do batel não quizeraõ tratar de si sós ; porque bem puderaõ dar primeiro ordem a grandes jangadas ,
em

em que se toda a gente recolhera com agoa, e mantimentos, as quaes o batel fora guiando té a terra, que estava taõ perto, que ao outro dia se vio, tendo ja para isso tanto espaço de tempo, que durou a não vinte e quatro horas sem lhe darem á bomba, nas quaes se puderaõ ordenar as jangadas, que quizerãõ, pois levavaõ entenas, mastos, e vergas, e tanta madeira, que lhe sobejava: porque mais difficultosa foy a perdiçaõ da não Santiago no baixo da Judia, como na decima Decada fica dito, e fizeraõ-se muitas jangadas, de que algumas chegaraõ a terra, sem favor do esquife, nem batel, durando a viagem oito dias. Mas as pessoas, a que nesta não se pudera ter respeito, e que podiaõ mandar fazer isto, eraõ D. Paulo de Lima, que tinha perdido aquelle seu nunca vencido animo,

animo, com se ver com sua mulher naquelle estado, e outro Bernardim de Carvalho, Fidalgo muito honrado, muito bom Cavalleiro, mas de natureza taõ branda, que por ver nos officiaes todos huma taõ grande alteraçãõ, dissimulou com couzas que entendia bem, por se naõ perder tudo; porq̃ esta gente do mar em hum caso como este naõ tem respeito a nada, nem elles depois foraõ castigados por excessos, que cometeraõ nestas viagens.

CAPITULO XXXIV.

Do que succedeo nos do batel até que chegarãõ a terra.

E Tornando ao batel: tanto que cometeo sua viagem, acharãõ-no os officiaes taõ pejado, por ir muito carregado, e com todo o
grosso

§ 28 *Vida de D. Paulo*

grosso debaixo da agoa, que fizeram grandes requerimentos que se lançassem algumas pessoas ao mar, para se poderem salvar as outras; o que aquelles Fidalgos consentiram, deixando a eleição dellas aos officiaes, que logo lançaram ao mar seis pessoas, que foram tomadas nos áres, e lançadas nelle, onde foram sumergidas das cruezs ondas sem mais apparecerem. Este piadoso sacrificio levou os olhos dos que o viram tanto trás si, que ficaram como pasmados, sem saberem o que viaõ, ou como couza que se lhe representava em sonhos. E posto que estas seis pessoas se despejaram, ficaram no batel cento e quatro; e indo sua viagem, não puderaõ surdir avante, porque a agoa os hia lançando da terra para o mar, porque nem os homens hiaõ para remar de cansados dos trabalhos passados,

fados , nem o batel hia para se marear de muy pezado. E sendo meia noite , se acharaõ da não ao mar hum bom espaço ; pelo que tomando o remo , se tornaraõ chegar a ella , e viraõ dentro muitos fõgos , que eraõ vélas acesas , porque toda a noite os da não passaraõ em procissoes, e Ladainhas, encomendando-se a Deos N. Senhor com vozes , e clamores taõ altos , que no batel se ouviraõ ; e em amanhecendo , se chegou o batel bem á não , e fallaraõ com os de dentro animando-os a fazerem jangadas , offerecendo-se a esperarem para os acompanhar. Os de dentro responderaõ com grandes gritos , e prantos , pedindo misericordia em vozes taõ profundas , e piadofas, que metiaõ medo , e terror ; porque como a manhãa não era bem clara, fazia parecer aquillo mais medonho ,

nho, e espantoso. Descoberto o dia, trataraõ de ir algumas pessoas á não tomar espingardas, e mantimentos, ao que se lançaraõ a nado tres, ou quatro marinheiros, que em subindo acima, acharaõ ja a cuberta cheia de agoa, e a gente toda como alienada com o temor da morte, que esperavaõ: e todavia tinhaõ no capitéo da popa hum fermoso retábolo de Nossa Senhora, de redor do qual estavaõ todas as escravas descabelladas em hum piadoso pranto, pedindo áquella Senhora misericordia, estando diante de todas a ama de D. Joanna com a menina nos braços, donde nunca a largou, cuja idade lhe não deixava conhecer o perigo, em que estava, e inda que o sentira, lho fizera sua innocencia estimar em pouco; porque não ha couza que faça parecer a morte mais temeroza,

za , que o reccio da salvaçaõ. Os marinheiros lançaraõ ao mar alguns barrís de agoa, e biscoito, e hum de vinho, que se recolheraõ no batel, q̃ desejou de chegar á náõ a despejar-se inda de algumas pessoas , porque naõ estava para navegar. Os marinheiros se recolheraõ sem trazerem a menina de D. Joanna , porque os mais destes homens saõ deshumanos , e crueis por natureza. E porque naõ puderaõ chegar á náõ para fazerem aquelle despejo , se afastaraõ , e deixaraõ aos officiaes fazer seu officio , os quaes foraõ deitando ao mar algumas pessoas, que foraõ hum Diogo Fernandes muito bom homem , e muito apoucado , que acabara de ser Feitor de Ceilaõ , e hum soldado chamado Diogo de Seixas , e Diogo Duarte mercador , e Diogo Lopes Bayaõ, que andaraõ muitos annos no Bala-
gate,

gate, onde o Idalxá lhe tinha dado tres mil cruzados de renda, por ser homem de industria, e invenções, o qual tratava de cavallos de Goa para lá, e lhe levava todos os avizos, e inda se suspeitava que era duvidoso na Fé; pelo que o mandavaõ para o Reyno, do qual na nossa decima Decada démos larga conta; porque foy o que teceo as meadas de se passar á terra firme Cufocan, que o Idalxá desejou de haver ás mãos para o matar, por lhe pertencer o Reyno, e assim desta vez o acolheo por ardís deste Diogo Lopes, e lhe mandou tirar os olhos. Este Diogo Lopes, quando o tomaraõ para o lançar ao mar, entregou ao P. Fr. Nicolao hum bizalho de pedraria, que diziaõ valer dez, ou doze mil cruzados, encomendando lhe que se o pudéffe salvar, o entregasse a seus procuradores,

radores , se fosse a Goa , ou a seus herdeiros , se Deos o levasse ao Reyno ; e com estes homens lançaraõ tambem ao mar alguns escravos , que todos logo foraõ sumergidos daquellas crueis ondas.

Feita esta abominavel crueldade por mãos destes officiaes do mar, os quaes permittio Deos a pagassem muito cedo com todos , ou os mais delles morrerem em terra por aquelles matos com grandes desconsoações , começou o batel a tocar o remo para a terra ; e sendo afastados da não , ás dez horas do dia lhe viraõ dar hum grande balanço , e apoz elle esconder-se toda debaixo da agoa , desapparecendo á vista de todos como hum rayo, de que elles ficaraõ como homens palmados ; parecendo hum fonho verem assim huma não , em que havia taõ pouco hiaõ navegando,

do, tão carregada de riquezas, e louçainhas, que quasi não tinha estimação, comida das ondas, submergida das agoas, entesourando nas concavidades do mar tantas couzas assim dos que nella hiaõ, como dos que ficavaõ na India, adquiridas pelos meios que Deos sabe; pelo que muitas vezes permite se logrem tão pouco, como estes. E posto que este espectáculo foy muy temeroso a todos, á desconsolada de D. Joanna de Mendoça foy de mór dor, e paixãõ, porque via sua filha tão tenra, e mimosa sua, manjar de algum monstro do mar, que póde ser que ainda bracejando a tragasse; mas como ella tinha offerecido ja tudo em sacrificio a Deos, com elle praticou dentro em seu coração suas laticimas, a que elle não podia deixar de acodir com alguma consolação espiri-

espiritual , porque na paciencia ,
virtude , e exemplo , que nesta af-
licção mostrou , se podia isto sus-
peitar. O batel deo á véla , que se
lhe ordenou , e com o vento , que
era Levante , foy demandar a mais
perto da terra pelo rumo que leva-
vão , da qual houveraõ vista á tar-
de aos 20. dias de Março , e com
grande alvoroço (se o podia haver
em corações que tantas mágoas vi-
raõ havia taõ pouco) se foraõ che-
gando a ella , e por lhes anoitecer,
tomaraõ a véla , porque lhe naõ
fosse encalhar em parte , onde se
afogassem todos , já que Deos alli
os levara. E certo que he couza
muito para ponderar a perdição
desta náõ , e a morte da gente, que
nella ficou, porque em muitas cou-
zas se vio ser aquillo juizo de Deos
muito evidente ; porque se aquella
noite , que o marinheiro disse que
via

via terra , acertara de pela manhã o Piloto não se ir desviando de noite della , em nenhuma fórma pudéra perecer aquella gente , porque estariaõ quando muito della oito legoas , e a não deo muito largo espaço para o batel lançar fóra aquella batellada de gente em terra , e tornar pela que lhe ficava : e ainda pudéra fazer mais , que fora ; virem com a não té encalhar , que ãnda que fosse duas legoas de terra , ficava-lhe mais perto para se levar toda a gente no batel ; e ainda que o não tiverzõ , em jangadas , que alli fariaõ todos com grande alvoroco á vista da terra , se poderiaõ salvar ; mas os peccados taparaõ os olhos a todos , para não entenderem isto , e se perderem aquelles , que nasceraõ para aquillo.

Ao outro dia pela manhã se chegaraõ bem a terra , e surgi-
raõ

raõ na quebrança do mar , por ser alli tudo limpo , e lançaraõ alguns marinhaeiros fóra , para irem ver se havia algumas povoações, os quaes de cima de huns médaõs de arêa enxergaraõ fógos ; e indo os demandar , deraõ em humas palhaças , em que moravaõ alguns Cafres , que em vendo aquelles homens lançaraõ a fugir ; mas tornando a conhecer serem Portuguezes , pela cõmunicação que com elles tinhaõ , por causa do resgate do marfim , que todos os annos alli vaõ fazer , voltaraõ logo a elles muy domesticos , e em sua companhia foraõ té á praya sem se entenderem , porque naõ fallava nenhũ delles nossa linguagem. Ventava neste tempo Ponente , pelo que asfentaraõ todos de se irem de longo da costa té o rio de Lourenço Marques , e recolhendo os marinhei-

ros , começaraõ a navegar ; mas como o vento foy crescendo , o fizeram os mares de feiçaõ , que lhe foy forçado vararem naquella praia , por naõ irem depois a fazello em outra , que perigassem.

Encalhado o batel , puzerãõ-se todos em terra com algum biscoito que levavaõ , e prepararaõ as espingardas , e armas para huma necessidade , e aquella noite passaraõ entre hñs médaõs de arêa , onde fizeraõ seus fõgos , e passaraõ com muito boa vigia. Era isto aos 22. de Março , e ao outro dia puzeraõ fogo ao batel para lhe tirarem a pregadura , por ser couza estimada entre os Cafres , para com ella fazerem seu resgate ; e fazendo alforjes de cotonias para o caminho , ordenaraõ algumas borraças de couros , que acalo se lançaraõ no batel , para levarẽm agoa para

para o caminho , e fazendo refe-
nha da gente , acharaõ noventa e
oito pelloas com as mulheres , das
quaes nomearemos as de que tive-
mos noticia. O Capitaõ Estevaõ da
Veiga , D. Paulo de Lima, D. Bea-
triz sua mulher, Gregorio Botelho,
sua filha D. Marianna mulher de
Guterre de Monroy, D. Joanna de
Mendoça mulher que foy de Gon-
çalo Gomes de Azevedo , Bernar-
dim de Carvalho , Manoel Cabral
da Veiga, Christovaõ Rebello Re-
dovalho, Nicolao da Sylva, Diogo
Lopes Leitaõ, hũ irmaõ da mulher
de D. Paulo , Francisco Dorta Fei-
tor da náo , Antonio Caldeira filho
de Manoel Caldeira Contratador
das náos , o P. Fr. Nicolao , Fr.
Antonio Capucho Leigo , Marcos
Carneiro Mestre da náo , Gaspar
Fernandes Piloto , Diogo do Cou-
to , que se tinha perdido na náo

Santiago , e outros marinheiros, e grumetes. As armas , que se acháraõ , foraõ cinco espingardas , outras tantas espadas , hum barril de polvora , alguns morrões ; e dos remos do batel fizeraõ hasteas de lanças , e por ferros lhe puzeraõ verrumas dos carpinteiros , e o biscoito se repartio por todos a dous, tres punhados cada hum, e enchendo as borrachas dagoa , começaraõ a caminhar aos 23. de Março , indo diante de todos o P. Fr. Antonio Capucho com hum Crucifixo arvorado , e ordenaraõ das vélas do batel dous andores amarrados em alguns remos para aquellas mulheres caminharem , os quaes haviaõ de levar ás costas os marinheiros , e grumetes , a quem D. Paulo de Lima prometteo huma quantidade de dinheiro. As mulheres , a de D. Paulo , e a de Guterre de Mon,

Monroy levavaõ jubões brancos , calções compridos até o chaõ , e barretes vermelhos ; só D. Joanna hia vestida no habito de S. Francisco , porque como hia com tenção de se meter Freira em algum Mosteiro de Santa Clara , quiz vestir alli o seu habito , porque se morresse naquelle caminho , fosse nelle , e assim lhe ficassem seus desejos cumpridos em parte : e depois o cumprio bem , porque ja que na India lhe faltou Mosteiro de Santa Clara , em que se metesse naquelle habito seu , que nunca mais largou , se recolheo para Nossa Senhora do Cabo , onde fez huma cazinha , ou huma cella , em que se foy agazalhar , por estar perto dos Padres Capuchos , que alli fazem vida santa , e ella naõ menos que elles , e assim vive com tanto recolhimento , abstinencia , e oração ,

ção, que em nenhuma clausura pudéra ser mais, e sua vida, e exemplo tem consolado esta Cidade de Goa.

CAPITULO XXXV.

Em que se descreve esta parte da Cafraria, em que este batel encalhou, até o Cabo das Correntes, e dos Reys, e Senhores, que ha perto desta parte.

PRimeiro q̄ continuemos com o caminho, que estes perdidos fizeraõ por esta Cafraria, nos pareceo bem fazermos huma breve descripção desta parte, porque de todas as mais a temos feita na nona Decada, onde tratamos das conquistas das Minas do ouro, que por alli andou fazendo o Governador Francisco Barreto, e Vasco Fernandes Homem; e agora a faremos

mos desde este lugar, onde este batel encalhou, até o Cabo das Correntes, onde chegamos com a outra descripção dos Reynos de Monomotapa, e de todos os mais daquelle certão, e maritimo desta Ethopia interior.

A esta parte, em que este batel encalhou, chamaõ os nossos mareantes cõmummente terra dos fumos, e assim está nomeada nas nossas Cartas de marear; o qual nome lhe foy posto pelos nossos, que por alli primeiro passaraõ, pelos muitos fumos que de noite viraõ em terra. Mas os Cafres naturaes lhe chamaõ terra dos Macomates, por huns Cafres assim chamados, que vivem ao redor daquellas prayas. Encalhou este batel em vinte e sete grãos e hum terço adiante de hum rio, que nas nossas Cartas anda sem nome, que está

344 *Vida de D. Paulo*

está em vinte e sete grãos e meio, ao qual os nossos, que navegão de Moçambique para o rio de Lourenço Marques ao resgate do marfim, chamaõ de Simaõ Dote, por hum Portuguez deste nome, que a elle foy ter em hum pangayo; o qual rio he pequeno, e capaz só de embarcações pequenas, e será fincoenta legoas afastado da bahia de Lourenço Marques para o Sul. Toda esta terra dos fumos he do Rey chamado Veragune, que se estende mais de trinta legoas para o certaõ, e pela banda do Sul parte com outro chamado Mocalapata, que se estende até o certaõ de Santa Luzia, que está em altura de vinte e oito grãos, e hum quarto; e até á primeira terra, onde se ajunta com outro Reyno do Vambe; que corre para o Sul, onde tambem os nossos vaõ fazer resgate

te do marfim. E deste Reyno, que toma muita parte da terra, que chamaõ do Natal, té o Cabo da Boa esperança, naõ ha Reys, e tudo he possuído de Senhores, a que chamaõ Ancozes, que saõ Cabeças, e Regedores de tres, quatro, e cinco aldêas. E tornando ao Reyno de Veragune, que he toda aquella terra dos fumos, vay o Reyno do Inhaca correndo ao Nordêste, o qual se estende até a ponta da bahia de Lourenço Marques da banda do Sul, o qual nas nossas Cartas de marear se chama o rio de S. Lourenço, que está em altura de vinte e cinco grãos, e tres quartos; e ainda senhorêa duas Ilhas, que estaõ na mesma ponta, huma chamada Choamboene, que he povoada, e tem sete aldêas, que será de quatro legoas, e tem muitas vacas, cabras, e gallinhas; a outra

tra se chama Setimuro, que he despovoada, e será de duas legoas; na qual os nossos, que alli vão ao resgate do marfim, se aposentão para estarem mais seguros dos negros da terra; porque o mór commercio que tem he com este Inhaca. Tem esta Ilha muito boa agoa, muitos pescados, e tartarugas, inda que a calca não presta para nada; e porque temos chegado a esta bahia, que he famosa, e das principaes de toda esta terra, a que os Geografos chamaõ Africa, faremos della huma demonstraçaõ, para verem melhor os Reys que vivem de redor della.

Finjamos esta bahia huma borboleta, que faz duas pontas; esta do Inhaca, que dissemos, e a outra da banda do Norte, onde está o Reyno de Manhica, de que logo fallaremos, e será distancia de

de huma boca á outra seis legoas , e de fundo da boca para dentro quatorze braças : no meio da bahia faz huma Ilha , a que os nossos puzeraõ o nome *dos pássaros* , pelos muitos que alli ha , taõ grandes como patos , e taõ gordos , que de suas enxundias fazem azeite para as candêas , e bitácolas dos navios. As azas desta borboleta , a da banda do Sul , he hum rio , que vay cortando ao Suduêste , sobre o qual de huma , e outra parte se estende o Reyno de Belingane , e assim se chama o rio. A outra aza da banda do Norte , que vay tirando direito a elle , he o rio de Manhica , do qual o Reyno toma o nome ; o qual rio he o mór de todos , os que alli vem esbocar , e hum dos que dissemos na nossa oitava Decada na descripção do Reyno de Monomotapa , que sahia da
alagôa

348 *Vida de D. Paulo*

alagõa grande juntamente com o Nilo, e outros; o qual rio se vay meter naquella parte, a que chamaõ cõmummente *babia fermosa*, que he o proprio rio do Espirito Santo. Aqui fazem os Portuguezes resgate de marfim, e tem alli sua feitoria, onde residem quatro mezes do anno, que dura esta monçaõ.

O cabo desta borboleta, que se divide em duas farpas, saõ dous rios, que da mesma maneira do cabo farpado vaõ meter-se naquella alagõa, que he o corpo desta borboleta, e sobre a farpa da banda do Norte jaz o Reyno do Bumo, que foy o em que Manoel de Souza de Sepulveda, quando por alli passou com sua mulher, largou as armas, como na sexta Decada escrevemos, e onde ella, e seus filhos morrerãõ, e onde o mesmo

Manoel

Manoel de Souza desappareceo , metendo-se de mágoa de ver a mulher , e filhos mortos , pelos matos , onde parece foy comida das feras. Estemato dalli a alguns annos o mandou aquelle Rey cortar , e roçar , para aproveitar aquelles campos , no qual dizem os Cafres naturaes , que acharaõ dous anneis ricos de pedraria , que o Rey tem , e mostra ainda hoje aos Portuguezes , que alli vaõ resgatar , e de alguns foubemos estas couzas , e nos affirmaraõ que viraõ estes anneis , os quaes verosimelmente lentem serem do mesmo Manoel de Souza , que os levaria comfigo nos dedos.

A outra farpa do cabo da banda do Sul he hum Reyno , que chamaõ Anzate : e ha-se de saber que entre estes Cafres , tanto que hum succede no Reyno , logo se haõ de appellidar do nome do Reyno,

no, em q̃ succede. Parte este Reyno com humas grandes serranias de mais de vinte legoas, taõ ásperas, intrataveis, e fortes por natureza, que naõ tem entrada, senaõ por alguns passos muito difficultosos, e em cima se estendem muito largas campinas, as quaes saõ de hum Senhor chamado Monhipua, o qual por nenhum caso desce abaixo, nem cõmunica com os visinhos, porque todos huns, e outros saõ grandes ladrões. Ha nestas terras infinitos elefantes, e este Senhor tem grandes casas cheias de seus dentes, os quaes nunca quer resgatar com os Portuguezes, porque se receia que mandando abaixo lhos tomem os visinhos. Vive este Casre em cima muito seguro de tudo, e sem haver mister ninguem, porque a terra lhe dá em cima tudo, o que lhe he necessario

fario para passar a vida. Tem as gentes destas terras a mesma lingua dos Vumos, e Anzates seus vizinhos, e são todos cõmummente assim homens, como mulheres tamanhos de corpo, que parecem gigantes.

Estes dous rios, que fazem as farpas do cabo da borboleta dous dias de caminho, donde se mete lá em cima se faz outro rio, que atravessa do Anzate té o Vumo, e vay cortando aquella farpa pelo meio, sobre o qual vive hum Rey chamado Angomanes, cujo Reyno se estende para o Ponente, e corre este rio pelo pé de humas terras, em cuja fralda estão algumas povoações; e hum Portuguez nos disse que indo por este rio acima ao reigate em huma embarcação, fora dar com a gente destas povoações, que andavaõ peiscando

do

do em barcos pequenos, os quaes vio, quando queriaõ alguma couza da terra, chegarem com seus barcos á parte que os podiaõ ouvir, e davaõ certos silvos, e atitos, aos quaes lhe acodiaõ os da aldéa com tudo o que queriaõ, porque por aquelles affluvios se entendem; mas naõ deixaõ de ter lingua propria, e muito differente de todas as mais daquelle Reyno.

E tornando á boca do rio do Espirito Santo, que he o focinho desta borboleta, ao rio do Manhica, delle corre hum esteiro, que vay tirando a Suduésté, e corta aquella ponta, que fica em Ilha, a que os nossos puzeraõ o nome *do mel*, da qual vay correndo a costa direita até o rio dos Reys, a que hoje os nossos chamaõ do ouro, que está em altura de vinte e cinco grãos, sobre o qual da banda do

Ponen-

Ponente se estende hum Reyno, que chamaõ do Inhapula, e da outra banda o de Manhica, que he vassallo do outro. Daqui vay encurvando a costa até o Cabo das Correntes tanto, que faz huma muy penetrante enseada, de que nas nossas Cartas de marear se não faz demonstraçaõ, á qual quando os navios, que de Moçambique vão ao rio de Lourenço Marques, parece que atravessaõ hum grande golfo, e de longo desta enseada vivem huns Cafres chamados Mocrangas grandes ladrões. No meio della anda lançado hum rio nas nossas Cartas de marear em vinte quatro grãos menos hum quinto, a que chamaõ da Bazaruta, que alli não ha, nem por toda aquella costa algum deste nome: só ha as Ilhas de Bazaruta, que estaõ em vinte e hũ grãos e meio defronte da ponta,

Z

que

que nas nõssas Cartas se chama de S. Sebastiaõ , que está em altura de vinte e dous grãos , e hum terço , do qual ja temos dado conta na nona Decada, na descripção que atrás dissemos que tínhamos feita de toda a Cafraria.

No sertão desta enseada dos Mocrangas ha dous Reynos , o da Manhica que ja nomeámos , que fica na parte que dissemos ; o outro o de Inhabuze , que vay até hum grande rio que se chama Inharingue antes do Cabo das Correntes , que he o mesmo que acabamos de dizer que nas Cartas de marear se chama da Bazaruta ; mas está mais chegado ao Cabo das Correntes , do que se vê nas mesmas Cartas. Sobre este rio da banda do Ponente está o Reyno de Paride visinho ao de Inhambuze , o qual parte com o Reyno de Monhibene,

ne ; que corre delle ao Norte de longo do mesmo rio , o qual vay partir com outro Reyno, que chamaõ do Zavará, que fica para o certaõ. Sobre este rio , e da outra banda ha outros dous Reynos , o de Gamba mais para o mar , e o Mocumba ao certaõ. Todos estes Reynos desta descripçaõ saõ muy conhecidos dos Portuguezes , que vaõ de Moçambique resgatar marfim áquelles rios , com o que concluimos aqui com elles. E porque he fóra de proposito tratarmos tambem dos barbaros costumés , e leys destes Cafres , o não trato aqui , porque he fóra de minha tençaõ.

CAPITULO XXXVI.

Do que aconteceo á gente da perdição no caminho até chegarem ao rio de Lourenço Marques.

POstos os nossos perdidos ao caminho, como atrás dissemos, foraõ de longo da praya muito de vagar por causa das mulheres, comendo do pouco biscoito, que levavaõ, e bebendo da pouca agoa das borrachas, que a mór parte della se lhe tinha ido pelas costuras. E assim desta maneira fazendo pouzo foraõ até a noite, que se recolheraõ a huns médaõs de arêa, onde se agazalharaõ, buscando em todo este caminho sempre hum lugar separado para as mulheres, e alli fizeraõ suas fogueiras, e dormiraõ sobre a dura arêa, que

naõ

naõ tinhaõ outros colchões , nem outros cubertores mais que o Ceo. Ao outro dia tornaraõ a seu caminho , sem levarem ja que comer , nem que beber , e pela praya foraõ tomando alguns crangejos , que comiaõ assados , indo as mulheres ja muy cançadas , e sobre todas bem desconfolada D. Joanna de Mendocça , que as outras duas huma levava seu marido , e a outra seu pay , que as hiaõ ajudando ; e consolando o melhor que podiaõ : só esta Donna hia defabrigada , e magoada , porque naõ levava entre toda aquella gente huma pessoa de sua obrigação , que em hum trabalho a pudélse soccorrer ; mas como Deos N. Senhor tinha os olhos nella , por levar todo o seu coração posto neile , quiz que se compadecesse della Bernardim de Carvalho Fidalgo de muita virtude , o qual

ven-

358 *Vida de D. Paulo*

vendo-a só , e cançada , se chegou a ella a lhe dar a mão com tamanha honestidade , como se devia a huma mulher que tanto se tinha morta ás couzas do Mundo, que o proprio dia que poz os pés em terra vestio o habito de S. Francisco , e cortou seus fermosos cabellos , fazendo delles sacrificio ao mesmo Deos , deixando-os por aquellas partes entregues aos ventos , que os levaraõ ; e assim por todo o caminho , em quanto durou , deo tal exemplo de si , que levava admirados a todos. E assim este Fidalgo a foy servindo com tanto amor , e resguardo , por ver nella aquella mortificaçaõ , q̃ esquecido dos seus trabalhos , tomou tanto os alheios á sua conta , que não sey pay, nem irmaõ, que mais pudéra fazer. Assim foraõ caminhando com grande trabalho das mulheres , que ja le-
vayaõ

vavaõ os pés empollados, e feitos chagas; o que foy causa de irem taõ de vagar, que ao terceiro dia de jornada tratarãõ algumas pessoas de se adiantarem, por não se atreverem com caminho taõ vago-rozo, e taõ falto de tudo, que não comiaõ senãõ crangejos, e alguma fruta do mato, e outras couzas poucas, que foraõ resgatando com os Cafres. A esta desordem dos que se queriaõ adiantar acodiraõ o Capitaõ, e D. Paulo de Lima, e com palavras de muita obrigação os persuadiraõ a se deixarem ir, affirmando-lhes que Deos os soccorreria; e assim dahi em diante levarãõ melhor ordem, porque se repartiraõ em duas escoadras; D. Paulo de Lima com ametade da gente, e das armas diante, e o Capitaõ com a outra detrás, e as mulheres no meio, que hiaõ taes que cortavaõ os

cora-

corações a todos, e assim se foraõ
compaflando com ellas.

Ja neste tempo, que era ao
quinto dia, hiaõ seguidos de al-
guns Cafres, que seriaõ de redor
de trezentos, que parece levavaõ
os olhos em alguns barretes, e na-
quella pouquidade que viaõ, e as-
sim se foraõ chégando pouco, e
pouco, até se desavergonharem a
se atravessarem diante em som de
cometer os nossos, fazendo suas
algazaras, e meneando suas armas,
a que elles chamaõ pemberar. O
Capitaõ, e D. Paulo vendo aquel-
la determinação, puzeraõ-se em
hum corpo, deitando pela banda
de fóra as espingardas, e lanças,
levando sempre as mulheres no me-
io, e foraõ acometer os Cafres,
que ja vinhaõ com grandes silvos,
e gritos remetendo com os nossos,
deitando sobre elles muitos arre-
meços

meços dos páos tostados, a que chamaõ fimbos, que derrubaõ hum boy, se lhe acertaõ, dos quaes os noslos naõ receberaõ dano; e desparando nelles as espingardas, e ouvindo o estrondo, houveraõ tamanho medo, que todos juntos se deitaraõ pelo chaõ, e em gatinhas, como bogios em saltos, foraõ fugindo para os matos; com o que os noslos ficaraõ livres delles, e foraõ continuando seu caminho.

No mesmo dia lhe sahiraõ por entre humas quebradas de humas ferras outro magote de Cafres, entre os quaes vinha hum muito velho com barba toda branca, e cuberto com huma pelle de tigre, e junto a elle huma Cafra, que parecia sua mulher; e chegando muito domesticos aos noslos, lhe differaõ por acenos que os seguissem, o que fizeraõ, cuidando teria se-
nhor

nhor de alguma aldêa, e foraõ pelo meſmo caminho, que elles trouxeraõ, pelo qual foraõ com trabalho, por ſer hum pouco áspero, té chegarem a huma povoação, que estava ao longo de huma alagõa de mais de huma legoa de comprido: o Cafre lhe offerecco agazalhado, que elles aceitaraõ, onde repouzaraõ o que ficava do dia, e toda a noite ſem inquietação alguma, e as Cafras da aldêa acodiaõ a ver aquellas mulheres como couza de eſpanto. Toda a noite lhe fizeraõ muitas feſtas, e bailes, que lhe ellas perdoáraõ, porque com a matizada as naõ deixaraõ dormir, tendo bem grande neceſſidade de algum repouzo. Aqui lhe trouxeraõ gallinhas, cabras, peixe crú, e aſſado, maça de farinha de milho, de que faziaõ bolos, que tudo lhe reſgataraõ por pedaços de prégos, e algu-

e algumas camisas, que para isso tiravaõ dos corpos. Passaraõ aqui outro dia naquella rustica recreação, e tomou o Piloto o Sol, e achou estar aquella alagõa em vinte e seis grãos e meio do Sul. He esta alagõa de agoa doce, mas entra nella a maré por hum riacho, que de baixa mar se passa pelo Joelho, que na boca faz o mar grande quebrança, e por essa causa a agoa da alagõa he hum pouco salobra; mas ha naquella parte muitos pòços, de que bebem. Este dia foy de Ramos, e pelo muito agasalhado, que aqui receberaõ, puzeraõ áquelle rio nome o da abundancia.

Ao outro dia tornaraõ a buscar a praya, pela qual acharaõ algumas aduêlas de pipas, e hum páo de ferra, e pedaços de táboas, e de outros páos; e os Cafres, que
hiaõ

hiaõ acompanhando os nossos, lhe disseraõ que aquillo fora de Portuguezes, que alli aportaraõ: pelo que pareceo a todos que seria alguma das jangadas da não Santiago, que se tinha perdido no baixo da Judia, que a corrente da alagõa levaria áquella parte; porque algumas das que se fizeraõ, não se soube mais que de duas. O mór trabalho, que os nossos padeceraõ por este caminho da praya, foy a sede que os apertava tanto, que se tornaraõ a meter pelo certaõ, inda que fosse com mór trabalho; e ao outro dia, que partiraõ do rio da Abundancia, foraõ dar com outro riacho, que hia meter-se em outra alagõa, não menos que a passada, a qual passaraõ de baixa mar, e nelle tomou o Piloto ao outro dia o Sol, e achou-se em vinte e seis grãos, e hum quarto,

Daqui

Daqui por diante foraõ entrando pela terra do Rey de Manhica, de que na descripção atrás fallamos, o qual ja tinha avizo daquella gente, e os mandou acompanhar por alguns homens seus, que os festejaraõ muito, e elles se alegraraõ em extremo com hum Cafre, que lhes fallou Portuguez muito claro, e lhes disse que havia menos de dez dias, que se tinha partido do rio de Lourenço Marques huma naveta para Moçambique, da qual era Capitãõ hum Jeronymo Leitaõ, que levava muito marfim. Assim neste alvorço chegaraõ á povoação, e á entrada della se alientaraõ á sombra de huma fermosa arvore, aonde acodio toda a aldêa assim homens, como mulheres a ver os nossos, ficando como pasmados de ver as mulheres, couza que nunca

366 *Vida de D. Paulo*

nunca viraõ ; e as Cafras vendo-as taõ cançadas , e maltratadas , faziaõ mostras de compaixaõ , e chegando-se a ellas , lhes faziaõ mimos , e caricias , offerecendo-lhes suas casas , e inda as queriaõ logo levar comfigo. Naõ tardou muito ElRey , que logo chegou acompanhado de muita gente : vinha nú , e encachado com hum panno , que lhe cubria as partes inferiores , e cuberto com hum feragoulo de pãno verdozo , que lhe o Alferes mór D. Jorge de Menezes tinha mandado de Moçambique , sendo Capitaõ. D. Paulo , o Capitaõ , e todos os mais se levantaraõ a elle , e o receberaõ com grandes cortezias ; e elle com o rosto muito alegre os abraçou , e se assentou com elles ao pé da arvore , onde os nossos lhe contaraõ sua desaventura , e trabalhos do caminho , e que com
todos

todos vinhaõ muy alvoroçados por chegarem a elle , que sabiaõ quaõ amigo era dos Portuguezes , e que nelle esperavaõ de achar remedio para suas necessidades.

El Rey os ouviu muito bem, e lhes mandou responder humanamente condoendo-se delles , e lhes offerreco tudo , o que houvesse em sua terra ; e porque pareceo bem aos nossos darem a este homem alguma couza de presente , porque estes Cafres sempre estaõ com os olhos nas mãos , para verem se levais que lhes dar , buscando entre todos alguma couza que lhe offerre-
cer , acharaõ hum panno lavrado de ouro , com que D. Marianna se cobria , e huma bacenica de cobre, couza que elles muito estimãõ , e hum pedaço de ferro grosso , e tudo lhe offerreçeraõ , mandando-lhe dizer que lhes perdoasse , que naõ
salva-

salvaraõ mais que suas peñoas, como elle via, e inda aquelle panno tomaraõ áquella mulher; e assim lho lançaõ por cima das costas, com o que ficou taõ ufano; que olhava para si de huma, e outra parte, e de alegre se ria para os Cafres, vendo que aquelle era o dia de seu maior triunfo; e logo deu recado aos seus para que lhes trouxessem alguma couza de comer, os quaes tornaraõ logo com dous bayos de hum legume, que chamaõ ameixoeira, e huma cabra, e lhes pedio que ficassem naquella aldêa, que nella os proveria como pudésse, até para o anno vir o navio do resgate; e que era de parecer se não arriscassem por terra, porque de longo daquella bahia, por onde haviã de passar, viviaõ huns Cafres grandes ladrões, que os haviã de roubar, e matar, e que ja
seu

seu pay avizara disto a Manoel de Souza de Sepulveda quando por alli passara , e que por não ter seu conselho se perdera. Dizendo mais aos nossos que se se não haviaõ por seguros naquella aldêa , que elle os mandaria pôr em huma Ilha , onde achariaõ inda as casas , em que os Portuguezes viviaõ , quando alli vinhaõ ao resgate do marfim, e huma embarcaçaõ pequena para seu serviço , e que lá os mandaria prover do que houvessem mister. Elles lho tiveraõ em mercê , e lhe aceitaraõ o conselho , pedindo-lhe que os encaminhasse para a Ilha , e licença sua para logo ao outro dia se passarem para ella.

ElRey quasi que se tomou de taõ apressada resoluçaõ , e deixando-lhe pessoas para os acompanhar até os pôrem na Ilha , se recolheu, e os nossos se sahirãõ da aldêa , e

370 *Vida de D. Paulo*

forão passar a noite fóra no campo com grandes atalayas, e fógos, e alli fizeraõ seus bolos, e guizaraõ seu comer; e os Cafres lhe levarão a vender gallinhas, grãos, feijões, e outras couzas. Era isto em quinta feira de Endoenças, pela qual rezaõ não se quizeraõ mudar dalli até o dia de Pascoa de Ressurreiçaõ, que cahio a dous de Abril. Este dia começaraõ a caminhar com mais fogo, mas não com menor trabalho; porque lhes chovco tanta agoa, que os tratou mal: e á segunda Oitava forão á vista da bahia do Espirito Santo, e por ser tarde, se alojaraõ aquella noite o melhor que puderão, e ao outro dia se chegaraõ ao mar, e os Cafres que os guiavaõ fizeraõ sinal aos da Ilha, que estava perto, os quaes logo acodiraõ em duas almadias pequenas, em que se passaraõ á Ilha

á Ilhã naquelle dia , e no outro , e por ella caminharão huma legoa ; achando-a toda coberta de fermoso arvoredo , e de pastos muy vigorosos ; nos quaes se apascentava muito fermoso gado d'ElRey ; e lá no cabo da Ilhã sobre a bahia acharão algumas casas palhaças , em que se agazalharão , e ao outro dia passarão daquella Ilha a outra de baixa mar com agoa pela cinta , a qual se chama Setimino , de que fallamos em outra parte , onde acharão mais de cincoenta choupanas , que os Portuguezes do resgate deixarão feitas ; e nellas se agazalharão como melhor puderão. Aqui acharão duas embarcações pequenas , e vistas pelos officiaes da náó , acharão que estavam muy boas para se poderem passar á outra banda da bahia , que era tão larga , que se não enxergava a

terra de huma parte para a outra ; e alvidraraõ que huma , que era mais capaz , poderia recolher setenta pessoas , e a pequena quinze ; com o que todos ficaraõ alegres , porque haviaõ que como se vissem da outra parte , teriaõ mais remedio para passar a Cofalla. E assim começou o carpinteiro a concertar as embarcações , e mandaraõ pedir para illo licença ao Manicha , e algumas peças de prata das poucas , que se salvaraõ , o qual conceden-lla , foraõ dispondo tudo para a viagem.

CAPITULO XXXVII.

Como os da Ilha se começaraõ a querer passar a outra banda , e dos novos trabalhos , que passaraõ , e em que se viraõ.

TEndo tudo prestes para a passagem , aos 18. de Abril se come-

começaraõ a embarcar em ambas as embarcações, cuidando que fossem capazes de levar todos; e tanto que a gente se começou a embarcar, começaraõ ellas a encher-se d'agua, de feição que os que estavaõ dentro brádavaõ que os puzessem em terra, porque se hiaõ ao fundo; e assim se tornaraõ a desembarear todos molhados, e desconsolados, e a recolher nas choupanas desenganados do remedio, que cuidavaõ ter. Os marinheiros todos em hum corpo pediraõ que lhes désses as embarcações, que se queriaõ aventurar nellas, e que levariaõ recado a Inhabane, onde pudésse ter se negociasse algũ pangaio para os ir buscar. Sobre isto se começaraõ a altercar algumas rezões de parte a parte em gritos, e demazias da parte desta gente, que nesta carreira he muito alterada;
naõ

naõ querendo os nobres, e soldados que lhes dèssẽ as embarcações, assim por naõ ficarem desabrigados sem ellas, como por se naõ dividirem aquelles homens; porque a salvação de todos estava em irem juntos: sobre que houve tantas porfias, e sobejidões, que parecia hum labyrintho, e confusão, sem se acabarem de entender, nem determinar.

Ja neste tempo estava D. Paulo de Lima recolhido com sua mulher em huma choupana, porque como desconfiou de passar á outra parte, naõ quiz tratar de outra couza mais, que de se encomendar a Deos, sem querer ver o que hia fóra, nem acodir a nada. O Capitão, e Bernardim de Carvalho com os mais nobres, Mestre, e Piloto, sabendo o modo de como estava, forão ter com elle, e
 lhe

lhes pediraõ os não quizesse desamparar de seu conselho, porque todos estavaõ apostados a não seguir fenaõ sua ordem, e o acompanhar, ou alli, ou por onde quer que elle fosse. D. Paulo como estava resolutto em se deixar alli ficar, e a se entregar nas mãos de Deos, para o que Elle ordenasse, lhes pediu que o deixassem, que era velho, e cançado, e que se via com sua mulher naquelles trabalhos; que estava determinado de fazer alli vida eremitica, e passar o que della lhe restasse em penitencia por seus peccados: que lá se haviaõem; que só lhes affirmava que qualquer gente, que se passasse da outra banda, e inda que elle fosse de envolta, que tanto que se visse da outra parte, o haviaõ desamparar, e adiantar-se; e que para depois de se ver com sua mulher só por prayas desertas, e inhabi-

inhabitaveis, que antes se queria deixar estar alli, até ver o que Deos tinha d'elle determinado; que quem se quizesse passar, o fizesse em boa hora, porque elle ja não queria tratar mais, que da salvação de sua alma, que para o corpo qualquer parte da terra lhe bastava.

Estas palavras, que elle não disse sem lagrimas, que lhe corriaõ por suas venerandas barbas, magoarão a todos tanto, que se não puderão ter que com elle não chorassem; e assim entre ellas, e soluços lhe pedirão aquellas pessoas, a quem elle podia ter mais respeito, que se quizesse consolar, e que se lembrasse daquelle tão grande animo, com que em todas as couzas, em que Deos N. Senhor lhe tinha feito tantas mercês, e dado tantas vitorias, se assinalara tanto; e que pois Elle sobre tanto esforço o dotara

tara tambem de hum muito vivo , e esperto saber , e conselho , que naquelle trance em que era mais necessario , não se havia assim de entregar nas mãos da ventura , que seria tentar ao mesmo Deos , que de tantas partes o dotara ; que Elle que o tinha guardado até alli , o faria até o levar a terra de Christãos , onde melhor poderia satisfazer a seu pensamento : que quizesse para isso tratar do que convinha á sua vida , e de sua mulher , pela qual a havia de poupar muito ; porque se elle morresse de puro pezar , como não estava muito longe , que na outra vida lhe pediriaõ conta de ser unica occasiaõ de a deixar no meio daquelles barbaros desamparada , e arriscada a huma desesperaçãõ : que todos os que alli estavam se lhe offerenciaõ , e davão sua fé de nunca jamais em nenhuma

nhuma occasião, e tempo o desampararem, e seguirem sua mesma fortuna, a qual por onde quer que o levasse a elle, os levaria a elles; e que fizesse conta com sua consciencia, e que visse que se punha a risco da alma, em se entregar a si á morte por sua propria vontade: que se queria tentar a Deos, do qual parecia que desconfiava naquella parte, sabendo elle certo, que sua misericordia não era limitada, e que se não deixasse assim vencer da fortuna, que sempre toda a vida trouxera debaixo dos pés.

Depois daquelles Fidalgos lhe dizerem estas couzas, se lhe offereceo o Mestre, como cabeça de toda a gente do mar, em nome de todos de nunca em nenhum trabalho o deixarem, e sempre o acompanharem té perderem por elle a vida, e que os marinheiros mais
saõs

saõs se lhe offerenciaõ a lhe levar sua mulher em hum andor, e de a fervirem por todo o caminho por onde fossem, como era rezaõ. A estas couzas não pode D. Paulo deixar de se mover, e de se entregar nas mãos de todos; e logo alli com seu parecer assentaraõ que passasse ametade da gente na primeira barcada, com a qual fosse o Capitão, e que como ficassem da outra parte; tornassem as embarcações pelos que ficassem. O que logo se fez, e o Capitão com o Piloto se embarcou na embarcação maior com quarenta e cinco pelloas, em que entravão o Guardiaõ, o Sota-Piloto, Diogo Lopes Leitão, Francisco Dorta Feitor da não, e Antonio Caldeira; toda a mais gente era do mar. Na outra barca mais pequena se embarcou o Mestre com quinze pessoas, em que entravaõ

380 *Vida de D. Paulo*

travaõ hum filho seu , o P. Fr. Nicolao , e toda a mais gente da ordinaria , ficando na Ilha trinta e seis pessoas , que eraõ os Fidalgos, e Cavalleiros , que naõ quizerãõ largar a D. Paulo , com o qual ficaraõ tambem as outras Donnas.

CAPITULO XXXVIII.

*Do que aconteceu à gente desta al-
madia até tornarem por
D. Paulo de Lima.*

A Fastadas as embarcações da terra , deraõ á véla , e foraõ atravessando á outra banda , e ao pôr do Sol ferraraõ nella terra huma legoa do rio do Manhica para Léste , o que souberãõ de huns Cafres , que alli encontraraõ ; e por o vento lhe acalmar , surgiraõ alli aquellá noite , que este foy o erro
desta

desta viagem , e dos trabalhos, que ao diante se veraõ. O que tudo nasceo de pouparem hum pequeno de trabalho , porque se tomaraõ o remo na maõ , facilmente puderaõ entrar para dentro , e ir buscar o rio do Inhaca , que lhes naõ ficava atrás mais de huma legoa. Em fim furtos alli passaraõ toda a noite , e tanto que amanheceo , começou a ventar Ponente da banda do Sudeste , que lhe ficava contrario para tornarem ao rio ; com o que houveraõ por melhor parecer irem correndo a costa até o rio do Ouro , que era dalli treze , ou quatorze legoas , que como o vento se mudasse , se poderiaõ tornar pelos que ficavaõ na Ilha.

Assim foraõ correndo a costa , que era muito limpa ; mas sobre a tarde lhes foy o vento esca-
ceando até se pôr em Sulweste, que
fica

fica naquella costa sendo travessão ; com o qual foraõ rolando para a terra até os pôr na quebrança do mar ; pelo que lhes foy forçado aos da embarcação grande virarem a outro bordo ; mas a mais pequena furgio , e por lhe quebrarem as cordas , que eraõ de hervas , tornaraõ a dar á véla , com que foraõ hum pouco sem fardirem avante , antes se acharão de todo no rolo do mar ; pelo que se afastarão , e se tornarão a marear melhor , e por boa industria do Mestre , e Deos assim o ordenar , forão metendo tanto de ló , que vingarão as pontas , e forão tomar a boca do rio do Inhaca ja pela manhãa , e em terra acharão por novas que na povoação , em que ElRey vivia doze legoas pelo rio acima , estavam alguns Portuguezes ; e com este alvorço tomarão o remo , e com afaz

faz trabalho , por irem todos muy fracos , forão entrando pelo rio, e em dous dias chegarão á povoação.

Alli acodio logo Jeronymo Leitão com alguns companheiros , que haveria hum mez tinham partido do rio de Lourenço Marques, como atrás dissemos , com hũ pangayo carregado de marfim ; com que tinham dado á costa no rio do Ouro , onde forão roubados , e le tinham passado para a povoação daquelle Inhaca, por ter conhecimento delle ; e em se vendo, se abraçaram com muitas lagrimas , e amor , dando-se huns aos outros conta de seus trabalhos , e dalli forão levados a ElRey , que os recebeu bem, consolou , e mandou agazalhar. E porque não sabião que seria feita da embarcação , em que hia o Capitão , allentou o Mestre com parecer de Jeronymo Leitão , que se man-

mandasse aquella almadia a D. Paulo, porque foubelle o que lhe tinha acontecido, e porque não desconfiasse de todo; e elegerão tres pessoas para irem na almadia, duas da companhia de Jeronymo Leitaõ, e outra da do Mestre. Mandaraõ dizer a D. Paulo que logo se passasse á outra banda, porque a terra era boa, e que estariaõ mais á sua vontade até vir embarcaçaõ de Cofalla, que logo mandaraõ pedir: porque juntamente com a almadia despedio Jeronymo Leitaõ hum seu moço com hum marinheiro Mouro da naveta, que se perdeu, com cartas ao Capitaõ daquela Fortaleza, em que lhe dava conta da perdiçaõ da náõ, e da gente que della escapara, e tudo o mais que lhe era acontecido; e assim da sua pedindo-lhe mandasse logo hum pangayõ, em que fossem.

E al-

E assim deixaremos huns, e outros, por continuarmos com os que estavam na Ilha.

Elles vendo que as almadias não tornavaõ em sete, oito, e dez dias, não sabendo a que o attribuissem, mais que a descuido do Capitaõ, o sentio D. Paulo muito, e de apaixonado se destemperou contra elle; e não se sabendo determinar, passou muitos dias em grandes malencolias, e o mesmo acontecco a todos, que foraõ desconfiando de terem o remedio, que esperavaõ nas embarcações, para se tirarem daquella Iha, assim por lhes faltar ja o mantimento, como por irem adoecendo algumas pessoas. E sendo ja passado quasi hum mez, e que não havia novas de outra gente, tomando parecer todos do que fariaõ, assentaraõ que pois não podiaõ ter navio de Moçambique

386 *Vida de D. Paulo*

bique fenaõ dalli a hum anno , que caminhassem por terra , e rodeassem aquella bahia , porque se alli haviaõ de ficar morrendo á fome , e de doença , que menos mal era arriscar-se a trabalhos do caminho , e encomendar-se a Deos , que Elle os guiaria.

Com esta resoluçaõ mandaraõ recado ao Manhica daquella determinaçaõ , e a pedir-lhe os aconselhasse , e lhes desse licença para partirem dalli. A este recado lhes mandou responder que lhes não havia de aconselhar tal jornada , pelo grande risco que por aquelle caminho correriaõ , porque ja agora estavaõ divididos , e que se estiveraõ juntos (inda que não sem risco) entaõ lho poderia aconselhar ; e que se aquillo era porque lhes faltassem mantimentos , que elle os mandaria prover o melhor

lhor que pudesse, como sempre fizera; e que se todavia a elles lhes parecesse bem aquella jornada, a fizessem muito embora, que elle lha não havia de estorvar, porque se não dissesse que os queria reprezar em sua terra. Com esta resposta ficaraõ os nossos suspensos, e atalhados, sem se saber determinar no que fariaõ.

Neste mesmo tempo chegou a almada, que mandava o Mestre, e Jeronymo Leitaõ, a qual quando a viraõ vir pelo mar, acodiraõ á praya, como se nella lhes viera todo o seu remedio; e desembarcados estes homens, foraõ levados nos braços de todos com grandes lagrimas de alvoroço: dalli foraõ a D. Paulo, que estava em sua choupana, e delles souberaõ o que succedera ás embarcações, e que da de Estevaõ da Veiga não sabiaõ

dar novas ; e lhas deraõ de tudo o mais , que lhe tinha succedido. E que o Mestre , e Jeronymo Leitaõ lhes pediaõ se passassem logo da outra banda , porque além da terra ser de hum Rey amigo dos Portuguezes, era muito abastada de tudo , e ficavaõ mais perto do caminho assim por mar, como por terra.

Com estas novas ficou D. Paulo muito alvoroçado , e logo tratou de sua partida ; mas porque não cabiaõ na almadia mais de quatorze pessoas , fez eleição dos que haviaõ de ir , e ficar , e na primeira barcada coube a sorte a elle com sua mulher , e seu irmão , Manoel Cabral da Veiga , Christovaõ Rebello , e outras pessoas , que prefaziaõ o numero , ficando em terra para a outra barcada Bernardim de Carvalho , que estava muito doente , Gregorio Botelho , sua filha

D. Ma-

D. Marianna, e com ella D. Joana de Mendocça, por se agazalharem sempre ambas, por não terem maridos, e outras pessoas. Apartada a almadia da terra, no mesmo dia foy tomar a boca do rio do Inhaca, e por elle foraõ caminhandos tres dias; e chegando ao lugar, foraõ muy festejados d'ElRey, e dos Portuguezes, e alli se agazalharaõ todos em pobres cazinhas, sem mais alfayas que algumas esteiras, e os outros palha seca. E tratando de tornarem a mandar a almadia, não houve entre todos quem quizesse ir nella, por estarem fracos, e começarem logo a adoecer de febres.

Os que ficaraõ na Ilha aguardaraõ té o quinto, e sexto dia pela embarcaçãõ, e como lhe faltou nelles, andavaõ como pasmados, sem se saber determinar em nada,
nem

nem haver quem os aconselhasse, e animasse; porque Bernardim de Carvalho, que o podia fazer, estava muito mal de febres, e como lhe faltaraõ os remedios, e elle não tinha outro nimo, que humas papas de ameixoeira, e o duro chaõ, em que repouzava, cançou a natureza, e entregou-se nas mãos da morte, na qual hora elle deo mostras de muito bom Christaõ na grande paciencia, com que por amor de Deos o soffria, e no arrependimento que mostrou de seus peccados. Foy sua morte muito sentida, e chorada de todos, por ser hum Fidalgo muito brando, e de partes, e qualidades muy elme-radas, e que em todos os trabalhos teve elle sempre o maior quinhaõ, acodindo a toda hora a todos em suas móres necessidades, principalmête a D. Joanna de Men-doça,

doça; que como dissemos, pela
ver só, se lhe chegou a ella, e a-
companhou, e servio por todo
aquelle caminho, com tanto res-
guardo, honra, e virtude, que
fez pasmar a todos, principalmen-
te naquella Ilha; porque elle hia
ao mato cortar lenha para ella, e
a trazia sobre suas costas; hia á
fonte acarretar agoa: a gallinha,
quando se resgatava, elle a mata-
va, depennava, e guizava, co-
mendo della Gregorio Botelho,
sua filha D. Marianna, e D. Joan-
na de Mendocça, ficando a elle sem-
pre a menor parte, e ainda dessa
guardava huma peça para D. Joan-
na para a noite, ou para o outro
dia; e seguindo os mais da com-
panhia, de puro trabalho disto mor-
reo. E o que mais he para lastimar,
que sua morte foy certo de mais
miseravel mal, que podia ser; por-
que

que estava comesto de piolhos, que o seu corpo criou da humidade do chaõ, e do suor dos trabalhos. Foy enterrado ao pé de huma Cruz, que alli tinhaõ os nossos, nú na terra núa com hum piadoso pranto de todos, principalmente de D. Joanna, que o sentio como se fora seu pay, pelo muito que lhe devia, e pela falta que em seus trabalhos lhe havia de fazer, ficando muito desconfolada, sem lhe ficar quem della se condoesse, senaõ Gregorio Botelho, e sua filha D. Marianna, com quem ella se agazalhava por honestidade.

Falleceraõ mais algumas pessoas, em que entrou o Contramestre, e calafate; e porque totalmente lhes faltava o resgatarem o de que tinhaõ necessidade, passaraõ-se a outra Ilha, que era povoada, donde mandaraõ recado ao

Manhi-

Manhica do que lhes acontecera , e das grandes necessidades, em que ficavaõ ; pedindo-lhe os mandasse prover do necessario até vir o pagayo do resgate , donde se lhe pagaria tudo muito bem. Elle lhes mandou dizer que se fossem para a sua povoação , porque estando perto d'elle , saberia do que tinhaõ necessidade para se lhe dar ; porque estando taõ afastados , não podia saber se lhes dariaõ o que elle mandasse. Com este recado estive-raõ abalados a se passarem para lá , inda que alguns o contradiziaõ , e todavia deixaraõ-se por entaõ ficar ; e nós tambem o faremos aqui, por continuarmos com a outra embarcação , em que hia o Capitão Estevaõ da Veiga.

CAPITULO XXXIX.

Do que aconteceo á gente da outra embarcaçãõ, em que bia o Capitãõ Estevãõ da Veiga, até chegarem á Fortaleza de Cofalla.

Agora continuaremos com esta embarcaçãõ, que deixámos com o vento travelsaõ, que lhe deo, com o qual se fizeraõ em outra volta; mas naõ puderaõ vingar nada, antes se acharaõ sobre o rolo do mar, q̃ os tratava muito mal; pelo que se desenganaraõ, e asentaraõ ser forçado dar á costa antes que a Lua se puzesse (porque era isto de noite) que depois o poderiaõ fazer em parte, em que todos perigafsem. E assim foraõ encalhar em huma praya de arêa, onde se deixaraõ ficar o que restava da noite

te com fogueiras, que fizeraõ, e com duas espingardas cevadas para se fossem necessarias.

Ao outro dia tanto que amanheceo, foraõ seguindo seu caminho para o rio do Ouro, seguidos ja de muitos Cafres que logo acodiraõ, que os foraõ inquietando, e cometendo muitas vezes, té se desavergonharem tanto, que lhes tiraraõ os barretes das cabeças, e os alforjes das costas, tudo de pulo com huma ligeireza como bogios, sem os nossos os poderem afastar de si, por muitas vezes que os cometeraõ. E assim neste trabalho, e com grande canção do corpo chegaraõ ao rio do Ouro taõ fatigados, que naõ podiaõ dar hum passo; indo a este tempo ja com elles hum Cafre chamado Inhatembe de casa d'ElRey, homem conhecido dos Portuguezes, e que
ja

ja tinha ido a Moçambique, que os guiou até á povoação, onde entraraõ com huma hora de noite, na qual pouzava o Rey Inhapula, de que na descripção desta terra fallamos, o qual os sahio a receber humanamente, e os mandou agazalhar a todos em huma casa grande, e lhes deraõ algumas couzas da terra para comerem, mas resgatado por pedaços de prégos. E ao outro dia foraõ visitar o Rey, e lhe deraõ conta dos seus trabalhos, e pediraõ os mandasse acompanhar até Inhabane por alguma pessoa fiel, que lá achariaõ com que lhe pagar. El Rey os consolou, e lhes deo o mesmo Inhatembe, que com elles chegara alli, o qual era Xequê; em satisfação do que lhe deraõ hũ chapéo pardo, que elle estimou muito, e alli se deixaraõ ficar tres dias, nos quaes adoeceraõ alguns

guns companheiros de febres, e por se acharem logo mal finco, ou feis, foy necessario deixarem-nos alli, para em tendo melhoria se irem a Inhabane; para o que mandaraõ pedir licença a ElRey, que lhe elle deo, e assim se puzeraõ ao caminho, indo os mais delles em estado, que se não podiaõ bolir, principalmente o Piloto da não Gaspar Gonçalves, que hia no cabo.

Este dia foraõ ter a huma aldêa do Xeque, que com elles hia, que os agazalhou muito bem, e alli ficaraõ aquella noite; e ao outro dia lhe chegou pela posta hum Cafre com recado d'ElRey Ampula, que logo tornassem á sua aldêa, e tirassem de lá hum Portuguez, que morrera, e levassem os doentes, porque não queria alli ver nenhum morto; porque o Sol se anojaria contra elle, e se esconderia, e não
deixa-

deixaria chover sobre a terra, e que não daria frutos, nem mantimentos todo aquelle anno. Isto diziaõ, porque tinhaõ para si que os Portuguezes, porque os viaõ alvos, e louros, que eraõ filhos do Sol. Esteuaõ da Veiga ficou muito enfadado com aquelle recado, e foy necessario mandar alguns dos que estavaõ mais saõs, que fossem áquelle negocio; os quaes chegando lá, e querendo enterrar o morto, o não consentiraõ, antes logo com muita prella lho fizeraõ tirar da aldêa quasi arrastos, e os doentes ás costas, e fóra no mato deixaraõ o morto cuberto com huma pouca de terra; e dos doentes souberaõ que tanto que os Cafres os viraõ com a febre, que deo a todos, como modorra, sem bolirem com pés, nem maõs, que cuidando serem mortos, lhes puzeraõ

raõ

raõ fogo nos pés para ver se boliaõ, e, deixado o morto, levaraõ os doentes comfigo até a povoaçãõ, em que os nossos estavaõ.

Ao outro dia passaraõ o rio do Ouro á outra parte, o qual seria de hum tiro de espingarda de largura, em cuja barra quebra o mar todo em frol, e dentro naõ he capaz senaõ de vazilhas pequenas, e está em altura de vinte e cinco grãos, e á borda delle deixaraõ dous companheiros ja no cabo com os derradeiros arrancos, dos quaes se apartaraõ com grande dor, e compaixaõ, acompanhando-os em quanto tiveraõ sentido, para lhes fazerem lembrança das couzas da alma, e lhe repetirem o Nome de JESU. Hó por quam bem afortunados se podem ter aquelles, que ficaraõ na náõ, que todos os seus trabalhos se concluiraõ em hũ momento.

mento! E por quam infelices se podem julgar estes, que cuidavaõ ter melhor sorte em escaparem della, porque seus trabalhos, riscos, perigos, e em fim morte lhe veo tudo a ser mais penozo, e de mais dura! E certo que cuido que por isto só respondeo aquelle Philospho a hum, que lhe perguntou que couza era a morte? Dizendo-lhe assim: *Morte he hum sonho eterno, he hum espanto de ricos, hum apartamento de amigos, huma incerta peregrinaçaõ, hum ladrão do homem, hum fim dos que vivem, e hum principio dos que morrem*; porque tudo isto se achará nos desta perdiçaõ.

Porque, que maior sonho, e que mór espanto de ricos ha, que o que estes viraõ em si? Hum dia taõ ricos, e contentes, indo fazendo sua viagem com humanaõ
taõ

taõ potente , taõ rica , e cheia de
louçainhas ; e ao outro dia sumir-
se-lhe debaixo dos pés , e ir-se en-
tesourar tudo nas entranhas das a-
rêas ! Que mais lastimoso aparta-
mento de amigos , que o que aqui
viraõ estes , deixando-os por aquel-
las prayas , acabado seu termo , sem
outra consolação , e companhia , que
a solidaõ daquellas barbaras arêas !
Que mais incerta peregrinação , que
esta , que por aqui vaõ fazendo ,
vendo-se cada hora em tantos ris-
cos , e perigos ; e tudo em fim por
esta maneira taõ lastimoso , que se
por aquellas arêas houvera tigres ,
e leões , certo que se puderaõ com-
padecer mais delles , do que o fi-
zeraõ daquelle escravo Androdo ,
a quem hum leaõ em Africa susten-
tou tantos tempos em huma cova ,
por estar manco com hum estrepe
metido por hum pé , o qual lhe o

leão tirou , e lambendo a chaga com sua lingua , o farou !

Estas desaventuras , e outras , que cada dia se vem por esta carreira da India , puderaõ ferver de balizas aos homens , principalmente aos fidalgos Capitães de Fortalezas , para nellas se moderarem , e contentarem com o que Deos á boamente lhes der , e deixarem viver os pobres ; porque o Sol no Ceo , e a agoa na fonte naõ os dá Deos só para os grandes. Repetimos tantas vezes esta materia pelo discurso de nossas Decadas , porque as grandes deshumanidades , e injustiças , que cada dia vemos usar por essas Fortalezas com os pequenos dellas , nos tem bem escandalizado ; mas Deos he taõ justo , que ja que os Reys se descuidãõ com o castigo , o faz Elle com maõ tanto mais pezada , quanto he

mór

mór sua justiça , que a dos ho-
mens.

E tornando aos nossos perdi-
dos : depois de passarem o rio do
Ouro , foraõ ter ao Reyno do Ma-
nhica , que os agazalhou muito
bem , e ficaraõ alli tres dias , nos
quaes lhes morreraõ cinco , ou seis
companheiros da pessima agoa, que
acharaõ , que toda era limos , e su-
jidade ; cujos corpos os negros da
aldêa fizeraõ tirar fóra com tanta
pressa , que arrastos os levarãõ té
os deitarem entre huns bréjos ; e
entre estes foy tambem o Piloto
Gaspar Gonçalves , que escapou
da perdição da não Santiago nos
baixos da Judia , como na decima
Decada temos contado , para ir
morrer a esta parte com a mór des-
consolação , que se podia imagi-
nar. Daqui se partiraõ os que fi-
caraõ acompanhados de dous fi-

lhos daquelle Rey , que por aquelle caminho os livraraõ de muitos perigos , e treições , que os Cafres lhes ordenaraõ. Neste dia deixaraõ outros dous companheiros estirados nos matos , por ja não poderem caminhar de fracos , e mortaes , dos quaes os amigos se despediraõ com assaz de lagrimas , e desconsoações. Aquella noite chegaraõ a huma aldêa de hum Cafre chamado Inhambuze , onde se agazalharaõ , e dalli foraõ ter ao Reyno do Panda , mais chegado ao Cabo das Correntes , a que os de Moçambique cõmumente chamaõ Inhabane , e aquelle Rey os agazalhou muito bem , e os não deixou partir dalli senão ao quinto dia , por ser muito antigo costume seu fazerem alli deter os amigos , para lhes mostrarem o amor que lhes tem , nos quaes os

banque

banquetcaõ , e fazem muitas festas , como fizeraõ a estes perdidos ; porque aquelle Rey he muito amigo dos Portuguezes , pelo commercio , e cómunicaçaõ que tem com os de Moçambique.

CAPITULO XXXX.

Do que succedeo aos perdidos , depois que se partiraõ do Reyno do Panda.

DAlli se partiraõ acompanhados de hum filho d'El-Rey , e aos onze dias de Mayo , dia em que cahio a Ascensaõ do Senhor , chegaraõ a outro rio , tamanho como o do Ouro , que está em altura de vinte e quatro grãos e meio , o qual divide os Reynos do Panda , e Gamba , e passando-se á outra banda , foraõ ter á Cidade

dade deste Rey Gamba , que feria do rio legoa e meia , o qual por saber ja de sua vinda , os mandou receber , e agazalhar muito bem. Este Rey , e seus filhos eraõ Chri- stãos baptizados pelo P. D. Gon- çalo da Sylveira da Companhia de JESU , que o anno de 60 , e 61. andou por aquellas partes antre aquelles barbaros prégando a Ley do Evangelho , e ao Rey poz o nome Bastiaõ de Sá , assim em me- moria d'ElRey D. Sebastiaõ , que reinava , como de Bastiaõ de Sá , que era naquelle tempo Capitaõ de Moçambique ; e aos filhos , a hum poz nome Pero de Sá , e a ou- tro Joaõ de Sá ; e assim baptizou outros alguns Cafres , que todos tomaraõ as alcunhas de Sás. E por- que lhe era necessario passar-se ao Reyno de Monomotapa , onde o martyrio o estava aguardando, dei- xou

xou alli com elles o P. André Fernandes seu companheiro, Varaõ verdadeiramente Apostolico, de grande doutrina, e santidade, pelo qual dizia o seu P. M. o B. Francisco Xavier que era hum verdadeiro Israelita; o qual P. André Fernandes esteve neste Reyno de Gamba com grande exemplo de vida ameaçado cada hora do martyrio, que sua alma muito desejava padecer por Christo N. Senhor, que elle nunca refusou; antes cada vez que lhe davaõ rebate, que o mandavaõ matar, esperava por aquella hora com tanta consolação, e alegria, que ja lhe parecia cahia sobre sua cabeça aquella fermosa, e resplandecente Coroa, que no Ceo se dá aos verdadeiros Martyres. Este Varaõ Apostolico, a que com razão posso chamar santo, pela innocencia de sua vida, viveo depois

408 *Vida de D. Paulo*

pois nesta Cidade de Goa muitos annos com raro exemplo de virtude , e nella morreo homem de mais de noventa annos , e foy daquelles, que se recolheraõ na Companhia de JESU em tempo do Beato P. Ignacio seu Fundador. Muitas couzas pudéra dizer da virtude , vida , e morte deste Varão santo , porque o communicámos muitos annos , e fomos muito seu devoto ; mas porque o P. Sebastião Gonçalves da Companhia de JESU no Compendio que faz dos Varões da sua Companhia , que passaraõ a este Estado da India , trata delle , e do P. D. Gonçalo da Sylveira mais particularmente , o deixamos de fazer , e continuaremos com os noslos perdidos até os pôr em porto seguro.

Deste Reyno do Gamba se partiraõ aos 21. de Março , que foy

foy vespera do Espirito Santo , e chegaram ao rio de Inhabane , onde acharão hum mistiço chamado Simão Lopes filho de Cofalla, que alli estava fugido por couzas que tocavaõ á Fé , o qual os agazalhou o melhor que pode, por ser pobre ; e ja á este tempo não eraõ mais de trinta pessoas de quarenta e cinco , que partiraõ. Alli souberaõ de Simão Lopes que não podia vir pangayo de Moçambique , fenaõ em Novembro ; com o que tomaraõ seu conselho , e assentaraõ de caminhar por terra , por aquella ser muito doentia , por fazer debaixo do Tropico de Cancro. E depois de descansarem alguns dias , se puzeraõ ao caminho , e em quatro chegaram ao rio de Boene muito mal tratados dos Cafres , que por aquelle caminho os saltaraõ ; e passado o rio á ou-

tra parte , forão caminhando até outro chamado Morambebe , que por ser muito alto , lhe forão buscar váo muito acima ; e nestes caminhos forão acabados de esbulhar desse pouco , que levavão.

Passado o rio , forão ter a huma povoação chamada Sane , que está na ponta daquella terra , que nas Cartas de marear se chama de S. Sebastião , donde começarão a atravessar a enseada da Sava , que de baixa mar espraya tanto , que a cinco , e seis legoas se não vê o mar , e por ella caminharão a mór parte do dia muy apressados , porque a maré os não atropelasse , e se puzerão da outra parte , tendo caminhado por ella mais de cinco legoas , e da outra banda repouzarão ; e tornarão pela manhã a seu caminho até hum lugar chamado Fumbaxe , onde
acha-

acharaõ hum Portuguez com hum lúzio , que he embarcação daquellas partes , com que alli viera fazer resgate , com o qual ja estava o Guardiaõ da náõ , que Esteuaõ da Veiga tinha mandado adiante com recado a C,ofalla , para ver se havia remedio para it embarcação alguma buscar D. Paulo , e os que ficavaõ na Ilha. E alli estiveraõ todo aquelle dia com grande alvoroço , por verem que se hiaõ chegando para terra de salvação ; e logo se passaraõ á Ilha Bazaruta , onde estava hum filho de C,ofalla chamado Antonio Rodrigues , para elle os encaminhar até C,ofalla , a qual he povoada de Mouros , que agazalharaõ a todos muito bem.

Dalli por ordem de Antonio Rodrigues se embarcaraõ para C,ofalla em embarcação , que lhe

lhe negociou, e as trinta legoas que ha té aquella Fortaleza, as andaraõ muito depressa, e sem trabalho; e aos quatro dias de viagem entraraõ pelo rio de Cofalla dentro, e sem ninguem saber, desembarcaraõ em procissaõ, e se foraõ á Igreja de Nossa Senhora do Rosario dos Padres Prégadores, á qual se offerceraõ com muitas lagrimas, dando-lhe do modo possivel os agradecimentos das mercês, que da sua piadade receberaõ por toda aquella jornada. Alli acodio o Capitaõ daquela Fortaleza com todos os casados, e os abraçaraõ a todos com muito amor, e cada hum tomou o seu hospede; e assim se reparтираõ todos por aquelles moradores, que os agazalharãõ com muita humanidade, mandando-os lavar, fazer cabellos, por item quasi
feitos

feitos salvagens , e recreando-os de tudo bastantemente , que em breves dias tornaraõ em seu ser , e ja lhes parecia que estavaõ em outro Mundo.

O Capitaõ de Cofalla tinha ja comprado hum pangayo para mandar por D. Paulo , porque por aquella carta , que atrás dissemos de Jeronymo Leitaõ, soube da sua perdiçaõ , e com a chegada desta gente se apressou mais , e mandou embarcar todas as cousas necessarias para os perdidos , e mulheres , e roupas para seu resgate , e vestidos. Este pangayo fez logo véla , e em poucos dias chegou a Inhabane , onde dos que ficaraõ doentes da companhia do Capitaõ da náõ Estevaõ da Veiga , eraõ ja mortos tres , e os mais convaleceraõ logo com os remedios , que lhes foraõ no pangayo.

414 *Vida de D. Paulo*

gayo. E porque não era possível passar ao rio do Espírito Santo, por ser o pangayo pequeno, partio Simão Lopes por terra com a roupa, contas, e mais couzas, que tudo levou ás costas de Cafres, e o pangayo se tornou para Cofalla com os doentes, que alli achou.

CAPITULO XXXI.

Do que fizeram os perdidos, que ficaram na Ilha do Inbaca, e da muito piadosa morte de D. Paulo de Lima, e do que mais aconteceu a Estevão da Veiga.

HAvia quasi hum mez que D. Paulo de Lima se tinha passado á outra banda do rio de Lourenço Marques, sem haver quem quizesse levar a almadia aos que
fica-

ficaraõ na Ilha , por estarem todos fracos , e enfermos , trabalhando D. Paulo nissõ tudo o que pode , até acabar com o Mestre da não , e Jeronymo Leitaõ , que mandassem áquelle negocio os homens , que estivessem mais para isso ; e todos elegeraõ tres , que á força de braço se passaraõ á Ilha, onde acharaõ todos bem desconfolados , e desesperados de poderem vir buscallos , e todavia alvorocaraõ-se muito com a alma-dia , e se fizeraõ prestes para se passar nellas. E porque não era capaz de toda a gente , começou a haver entre todos grandes alvorocos , porque os que acertassem de ficar estavaõ arriscados a não tornarem por elles ; mas os mesmos , que trouxeraõ a alma-dia , os seguraraõ com lhes prometterem , e jurarem , que não fa-
riaõ

riaõ mais , que lançarem aquella gente na boca do rio , e tornar a voltar , e para mór segurança sua se deixou hum delles ficar em refens ; com o que se aquietaraõ. E logo se embarcou Gregorio Botelho com sua filha D. Marianna , e D. Joanna de Mendocça , e outras oito , ou dez pessoas , e atravessando a bahia no mesmo dia , foraõ á outra parte , e lançando a gente na ponta da boca do rio do Inhaca , tornaraõ a voltar pelos outros.

Chegaraõ á Ilha ao outro dia , e recolheraõ todos sem ficar nenhum , mais que os mortos que ficavaõ para sempre , e a todos os puzeraõ da outra parte ; e achando ainda os da primeira barcada na boca do rio, se meteraõ todos na almadia , que ainda que pequena , naõ arriscavaõ nada , porque hiaõ
pelo

pelo rio acima, que era estreito, e de longo da terra, e assim mal compostos; e apinhoados chegarão á povoação, onde os forão receber os nossos da companhia de D. Paulo, e se festejarão em extremo, e ElRey os mandou agazalhar pela povoação, ficando sempre D. Joanna de Mendoça em companhia de D. Marianna. Depois de descansarem, se ajuntarão todos, e tratarão se seria bom passarem a Inhábane; e Jeronymo Leitão, que era mais pratico na terra, lhes disse que se não bolissem dalli até vir pangayó, que seria em Outubro, porque elle ja tinha escrito a Cofalla sobre isso, e que não era de parecer se arrilcassẽm por terra, porque os Cafres, que dalli por diante havia, erão grandes ladrões, e sobremaneira crueis; que pois estavam alli

418 *Vida de D. Paulo*

em terra segura, onde lhes não haviaõ de faltar mantimentos, porque o Rey, e seus vassallos os haviaõ de prover muito bem com o olho no pangayo, que esperavão, por saberem que tudo se lhes havia de pagar muito bem, porque que aquelles Cafres não faziaõ nenhuma couza por virtude. Com o parecer deste homem se determinarão todos em ficar; mas como a terra era doentia, por estar debaixo do Tropico, como ja dissemos, começarão logo alguns a adoecer de febres malignas, de que morrerão depressa os mais, em que entrou o Mestre da não, cujos corpos se enterrarão na corrente do rio, pelos Cafres não consentirem fazerem-no na sua terra.

D. Paulo de Lima parece que lhe advinhava o coração al-
guin

gum grande mal naquella parte, e muitas vezes pedio a Jeronymo Leitaõ o quizesse levar daquella aldêa, e acompanhallo, e guiallo, fazendo-lhe seus offerecimentos, e promessas com grande efficacia; mas como este homem era variavel, humas vezes dizia que sim, outras que não, pondo sempre por inconvenientes as difficuldades do caminho, e riscos dos Cafres; e neste sim, e neste não trouxe a D. Paulo muitos dias, sem determinar nem humma couza, nem outra; de que elle veo a receber tamanho desgosto, e dar em tanta malencolia, que cahio em cama, ou para melhor dizer, no chaõ, que essa era a verdade, e como era de sincoenta e hum annos, os remedios nenhuns, os colchões, e lançoes mimosos a dura terra, sem consolação algu-

422 *Vida de D. Paulo*

Deos N. Senhor a podia soccorrer.
E V. m. Senhora D. Anna de Li-
ma bem sey , que ao ler disto, não
vos haõ de faltar piadofas lágrima-
mas , derramadas com muita re-
zaõ pela perda de hum irmão tan-
to para amar , como sempre Se-
nhora fizestes , e pelo desamparõ ,
em que acabou , no qual , Senho-
ra , vos houvéreis por muito dito-
fa de vos poderdes achar á sua
ilharga , e dardes-lhe hum peque-
no alivio com lhe reclinardes a ca-
beça em voffo regaço , para ao me-
nos elle morrer com alguma con-
folação , e vós não ficardes com
tamanha mágoa ; mas póde-vos ,
Senhora , consolar muito ouvirdes
aqui que nas mostras que deo á ho-
ra de sua morte , de sua pruden-
cia , valor , e esforço gloriarde-
vós de tal irmão , e depois de vof-
fos largos annos , vossos filhos ,
netos,

netos ; e posteriores jaçtarem-se de taes proezas , e cavallarias ; porque em esta Historia com especialidade vivirá eternamente , inda que não taõ alevantado , como elle merecia , ao menos será como pude , que bem desejey de ser muito melhor.

O Inhaca Senhor daquella terra teve logo avizo da sua morte , e com muita pressa mandou que o levassem fóra da povoação ; com o que foy tirado dos braços da cara consorte , e quasi aos tombos foy levado fóra do povoado , e ao pé de duas arvores , que alli ao longo do rio estavaõ , lhe fizeram huma cova , em que o deitaram , sem outra mortalha , que a pobre , e suja camisa , e calções , com que se salvou , e sem outras pompas funeraes , que as lagrimas dos companheiros, que foraõ muitas ,

426 *Vida de D. Paulo*

obra de trazer a ossada de seu marido pelo meio daquella Castraria até as embarcar, que foy heroica, e digna de se lhe agradecer. Por outra couza notavel não quero passar, que he, que de toda esta gente desta não cuido que não ha hoje viva alguma, mais que estas tres mulheres, D. Beatriz, D. Marianna mulher de Guterre de Monroy, e D. Joanna de Mendocça, que está recolhida em humia casa em Nossa Senhora do Cabo vestida no habito de S. Francisco, pessoa de muita virtude, e em quem toda esta Cidade tem posto os olhos, por seu muito exemplo, recolhimento, e virtuoso procedimento. E com isto dou fim a este breve Tratado, que permita Deos seja para muito louvor, e gloria sua.

F I M.

Ma-

*Manoel de Faria e Sousa havendo
lido esta Historia do Excel-
lente Heróe*

D. PAULO DE LIMA.

SONETO.

DEspois que levantaste na Indiana
Plaga troféos dignos de Mavorte,
Tornando em fogo, em sangue, em
palmo, em morte
A soberba implacavel de Ujantana.

Sepulcro horrendo foy Thetis infana
Da Imagem tua, e luz da fiel Conforte,
E logo o foy de ti (miserable sorte!)
Pouca arêa de margem Africana.

Se algũ clima te esconde porventura;
Assa o faz; em virtude da Heroína,
Que soube amar despois da sepultura.

A teu fim mar, e terra se destina:
Fazer cahir não pode a Sorte dura
Em espaço menor tanta ruina.

Manuel de Lencastre e sua descendencia
nao se ha de contar de Lencastre
nao se ha de contar de Lencastre

D. PAULO DE LIMA

SONETO

D'Elle que se levanta no jardim
P'ra ver os d'euos de Lencastre,
Tomado em fogo, em fumaça, em
calmo, em morte
A lobaria implacavel de Lencastre,
Seu ficio fazendo fey de Lencastre
De Lencastre, e de Lencastre
N'loga o say de ti (miles sonet)
Pouca vida de margem Alencastre
Se algu' coisa te lembra de Lencastre
Ade o faz, em fumaça de Lencastre
Que soube mais de Lencastre de Lencastre
A teu nome, e fumaça de Lencastre
Fazer calmo e fumaça de Lencastre
Em fumaça de Lencastre

CATALOGO DE LIVROS,

*Que se vendem em casa de Luiz
de Moraes mercador de livros,
na travessa do Moinho de vento.*

LIVROS DE FOLHA.

- F** Ranca á Mendes. 1. e 2. part.
Lima á Ordenaçãõ.
Cardoso de Jure Crescendi.
Historia de Santarem. 1. e 2.
Fernaõ Mendes Pinto.
Solano Suxo de Pegas. 3. tom.
Solano nas Cogitações.
Atalaya da Vida, do Curvo.
Zachias de Sellarios.
Reportorio á Ordenaçãõ.
Portugal Medico.
Almeida de Munere Quinario.
Brito de Locato.
Ferreira de Cirurgia.
Pinheiro de Testamentis. 3. tom.
Perci-

Pereira de Revisionibus.

Lima de Gaveles.

Chronica da Piedade.

LIVROS DE QUARTO.

Obra do P. Chagas 7. tom.

Mystica Cidade. 6. tom.

Vida de Rosa Maria Serio.

Antiguidades de Evora.

Supicos dous tomos.

Retiro de Cuidados. 2. tom.

P. Franco Sermões. 12. tom.

Chronica de D. Pedro I.

Vida de Santa Theresa.

Saldanha materia Medica. 1. e 2. p.

Agricultura do Garrido.

Advertencia aos Modernos.

Vida do Principe D. Theodosio.

Sermões do P. Pinheiro.

Baudre de Ceremonias.

Viagem da Terra Santa.

Addições ao Pona dos Orfaõs.

Tratado da Conservação da Saude
dos Póvos.

Luz

Luz de Arithmetica.
Arithmetica de Pereira.
Director do Coro, e Parocho.
Resumo da Mystica Cidade.
Sermões do P. Collares.

LIVROS DE OITAVO.

Operas do Bairro Alto. 2. tom.
Operas da Mouraria. 2. tom.
Sentinellas contra Judeos.
Semana Santa.
Fenix Renascida. 5. tomos.
Exercicios de Santo Ignacio.
Elogios de Portugal.
Zambuja de Ceremonias.
Combate Espiritual.

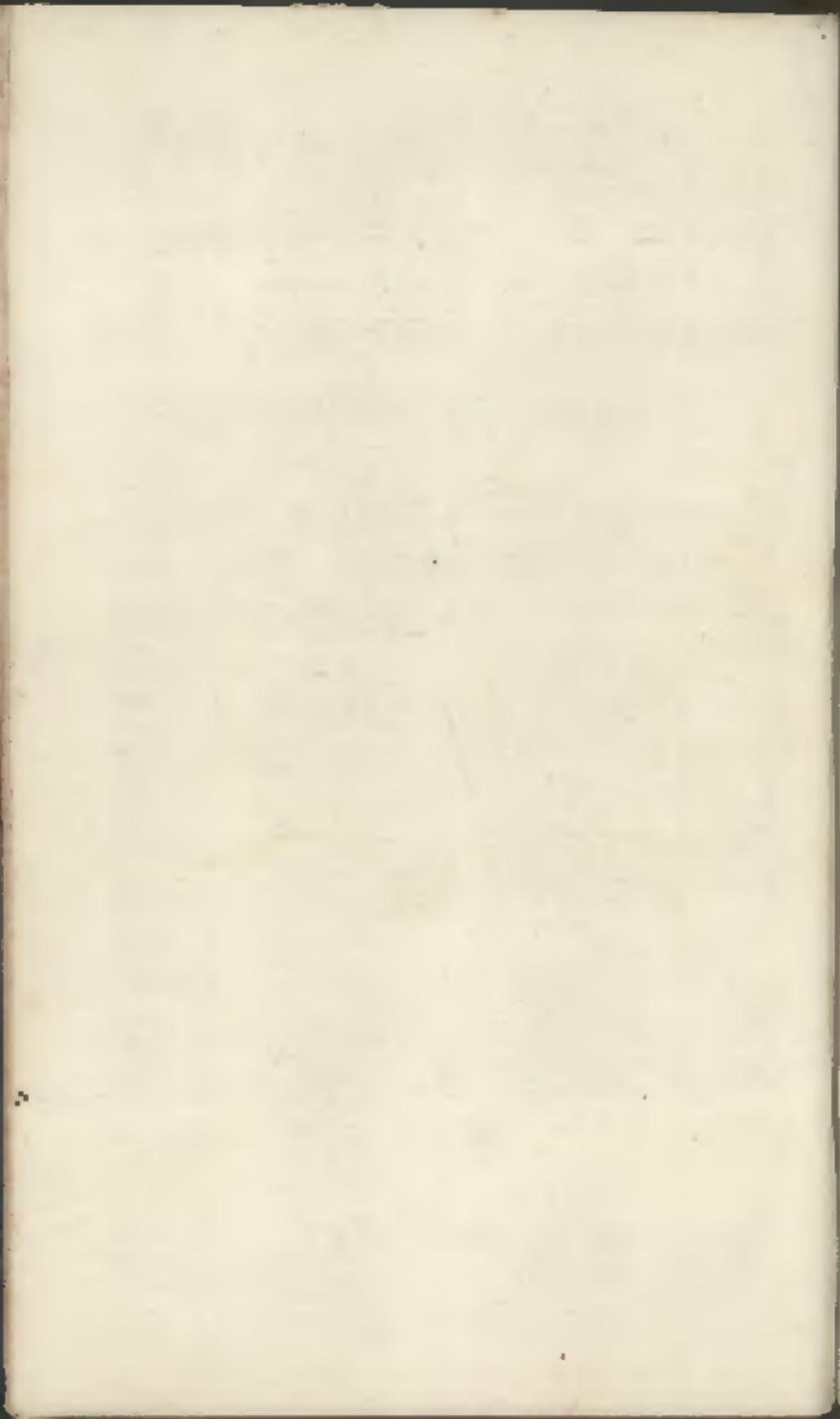
*Outros muitos livros se acham
em casa do mesmo mercador,
de que não se faz aqui menção,
por não ser diffuzo.*

Las de Arithmetica
Arithmetica de Pappo
Ductor de Pappo
Relacion de Myrica Calada
Sermoes de N. Collares

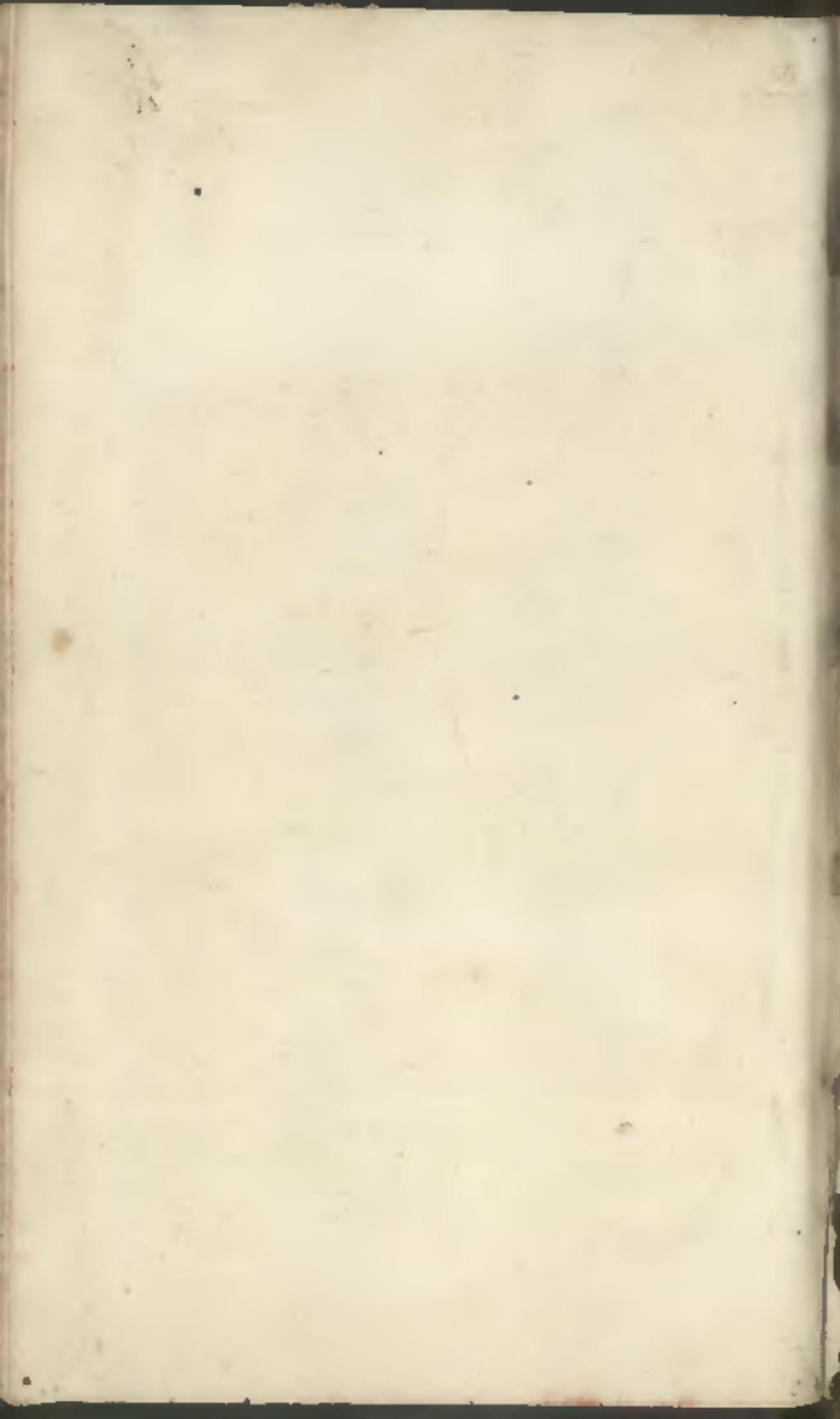
LIVROS DE OTAVO.

Operas do Beato Alon. 2. tom.
Operas de Alon. 2. tom.
Sermoes contra Judos.
Sermoes contra
Felix Rector de S. Louren.
Feticios de Beato Ignacio
Riticos de Louren.
Nobres de E. monias
Compan. Espiritual
Outros varios livros de
do que ande de Louren.
Vigilia de Louren.
Vigilia de Louren.
Vigilia de Louren.
Vigilia de Louren.









12

500

